



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

ELA FAZ A INTERLÍNGUA DELA:

Estudo exploratório sobre a aprendizagem dos possessivos de terceira pessoa
do português brasileiro por falantes de espanhol

Matheus Granato

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura em Letras da UFSCar para
obtenção do título de Licenciado em Letras
– Português e Espanhol.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Yokota

SÃO CARLOS - SP

Fevereiro, 2021



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - CCLL/CECH

Rod. Washington Luís km 235 - SP-310, s/n - Bairro Monjolinho, São Carlos/SP, CEP 13565-905

Telefone: (16) 33518359 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 6/2021/CCLL/CECH

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

MATHEUS GRANATO - RA 709926

**ELA FAZ A INTERLÍNGUA DELA: ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A APRENDIZAGEM DOS
POSSESSIVOS DE TERCEIRA PESSOA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO POR FALANTES DE ESPANHOL**

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – Campus São Carlos

São Carlos, 26 de fevereiro de 2021

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientadora e Presidente	Profa. Dra. Rosa Yokota
Membro da Banca	Prof. Dr. Nelson Viana
Membro da Banca	Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli



Documento assinado eletronicamente por **Rosa Yokota, Professor(a) Associado(a)**, em 27/02/2021, às 11:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **0340817** e o código CRC **0E8C494D**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.004079/2021-19

SEI nº 0340817

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

*“Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas! Cadê? Sejamos imperialistas!
Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda
E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate
E (xeque-mate) explique-nos Luanda
Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo
Sejamos o lobo do lobo do homem
Lobo do lobo do lobo do homem”*

(Caetano Veloso. *Língua*)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1P – Primeira Pessoa (gramatical/do discurso)

1PS – Primeira Pessoa do Singular

1PP – Primeira Pessoa do Plural

2P – Segunda Pessoa

2PS – Segunda Pessoa do Singular

2PP – Segunda Pessoa do Plural

3P – Terceira Pessoa

3PS – Terceira Pessoa do Singular

3PP – Terceira Pessoa do Plural

Dat – Marcação de caso dativo

ELE – Espanhol como Língua Estrangeira

Gen – Marcação de caso genitivo

FE – Falantes de Espanhol

LE – Língua Estrangeira

LM – Língua Materna

N – Nome (núcleo do SN)

Nom – Marcação de caso nominativo

PB – Português Brasileiro

PBR – Participante Brasileiro

PHF – Participante Falante de Espanhol

SN – Sintagma Nominal

SV – Sintagma Verbal

TA – Questão do Instrumento II

Q – Questão do Instrumento III

ELA FAZ A INTERLÍNGUA DELA:

Estudo exploratório sobre a aprendizagem dos possessivos de terceira pessoa do português brasileiro por falantes de espanhol

Resumo: Esta pesquisa teve por objetivo analisar a aprendizagem de construções pronominais possessivas de 3ª pessoa do Português Brasileiro (PB) por Falantes de Espanhol (FE), com foco no domínio de aspectos pragmáticos e discursivos implicados no seu uso. A investigação foi motivada pela observação de ocorrências do possessivo simples “seu” na produção de estudantes FE em contextos em que seu uso não correspondia à preferência de brasileiros, causando estranhamento e possível ruído no estabelecimento da referencialidade. Trata-se de um estudo exploratório, de natureza quali-quantitativa e base metodológica descritiva focada, que teve por marco teórico o modelo da Análise de Interlíngua (SELINKER, 1972). Fundamentaram a investigação um conjunto de estudos descritivos sobre o sistema pronominal possessivo do PB (NEVES, 1996; MÜLLER, 1997; MORAIS & RIBEIRO, 2014; GUEDES, 2017, dentre outros) e do Espanhol (FREITES BARROS, 2001; SÁNCHEZ AVENDAÑO, 2008; OROZCO, 2009, 2010; PEREIRA & MARCOTULIO, 2020), que sinalizam fatores diversos como determinantes na variação de “seu”/“dele” e “su”/“de él”, envolvendo a marcação de formalidade do texto e a expressão de contraste referencial, além de desencontros na gramaticalidade das construções dativas para expressão de posse inalienável. Essas diferenças convergem na perspectiva de González (1994) sobre as inversas assimetrias do PB e do Espanhol. Para a elicitação de dados, foi aplicado um questionário online a brasileiros (falantes de PB como língua materna) e a estrangeiros FE estudantes de PB. O questionário foi formado por uma proposta de produção escrita adaptada de Gancedo Álvarez (2008), um teste de aceitabilidade de “seu” e “dele” em sentenças contextualizadas e questões envolvendo a interpretação da referencialidade de “seu” em diálogos que reproduzem a oralidade. Os resultados da produção escrita indicam o abandono da estrutura dativa para expressão de posse inalienável e sua substituição por construções genitivas. Quanto aos testes de aceitabilidade e interpretação referencial, os dados corroboram, em partes, algumas das hipóteses da pesquisa, sugerindo desencontros na avaliação e interpretação de “seu” e “dele” pelos participantes dos dois grupos.

Palavras-chave: Análise de Interlíngua; Português para estrangeiros; Português Brasileiro; Falantes de espanhol; Possessivos de terceira pessoa; Análise comparada.

ELA FAZ A INTERLÍNGUA DELA:

Estudio exploratorio sobre el aprendizaje de los posesivos de tercera persona del portugués brasileño por hispanohablantes

Resumen: Esta investigación tuvo por objetivo analizar el aprendizaje de construcciones pronominales posesivas de 3ª persona del Portugués Brasileño (PB) por Hispanohablantes (FE), con un enfoque en el dominio de aspectos pragmáticos y discursivos implicados en su uso. La investigación fue motivada por la observación de usos del posesivo simple “seu” en la producción de estudiantes FE en contextos en los que no correspondía a la preferencia de brasileños, generando extrañeza y posible ruido en el establecimiento de la referencialidad. Se trata de un estudio exploratorio, de naturaleza quali-cuantitativa y base metodológica descriptiva enfocada, cuyo marco teórico fue el modelo del Análisis de Interlengua (SELINKER, 1972). Fundamentaron la investigación un conjunto de estudios descriptivos sobre el sistema pronominal posesivo del PB (NEVES, 1996; MÜLLER, 1997; MORAIS & RIBEIRO, 2014; GUEDES, 2017, y otros) y del Español (FREITES BARROS, 2001; SÁNCHEZ AVENDAÑO, 2008; OROZCO, 2009, 2010; PEREIRA & MARCOTULIO, 2020), que señalan factores diversos como determinantes en la variación de “seu”/“dele” y “su”/“de él”, abarcando la marcación de formalidad del texto y la expresión de contraste referencial, además de desencuentros en la gramaticalidad de construcciones dativas para la expresión de pose inalienable. Esas diferencias confluyen en la perspectiva de González (1994) sobre las inversas asimetrías del PB y del Español. Para la elicitación de datos se aplicó un cuestionario en línea a brasileños (hablantes de PB como lengua materna) y a extranjeros FE estudiantes de PB. El cuestionario fue formado por una propuesta de producción escrita adaptada de Gancedo Álvarez (2008), una prueba de aceptabilidad de “seu” y “dele” en sentencias contextualizadas y preguntas de interpretación de la referencialidad de “seu” en diálogos que reproducen la oralidad. Los resultados de la producción escrita indican el abandono de la estructura dativa para la expresión de pose inalienable y su sustitución por construcciones genitivas. En lo que se refiere a las pruebas de aceptabilidad y de interpretación referencial, los datos corroboran, en partes, algunas de las hipótesis de la investigación, sugiriendo desencuentros en la evaluación y la interpretación de “seu” y “dele” por los participantes de los dos grupos.

Palabras-clave: Análisis de Interlengua; Portugués para extranjeros; Portugués Brasileño; Hispanohablantes; Posesivos de tercera persona; Análisis comparado.

ELA FAZ A INTERLÍNGUA DELA:

An exploratory study on the apprenticeship of possessive pronominal constructions of 3rd person from Brazilian Portuguese by Spanish speakers

Abstract: This research aims to analyze the apprenticeship of possessive pronominal constructions of 3rd person from Brazilian Portuguese (BP) by Spanish speakers (SS), focusing on the pragmatic and discursive domain implied in its use. The investigation was motivated by the observation of occurrences of the simple possessive “seu” from the production of SS students, in contexts in which its use did not correspond to the preference of Brazilians, causing strangeness and possibly noise in communication when establishing references. This paper is an exploratory study, of a quali-quantitative nature and focused descriptive methodological basis, which had as theoretical framework the Interlanguage model for analysis (SELINKER, 1972). The investigation was based on a set of descriptive studies about the BP possessive pronominal system (NEVES, 1996; MÜLLER, 1997; MORAIS & RIBEIRO, 2014; GUEDES, 2017, among others) and from Spanish (FREITES BARROS, 2001; SÁNCHEZ AVENDAÑO, 2008, OROZCO, 2009, 2010; PEREIRA & MARCOTULIO, 2020), which indicate diverse factors as determiners on the variation of “seu”/”dele” and “su”/”de él”, involving the formality delineation of the text and the expression of referential contrast, besides the divergence in grammaticality of the dative constructions for the expression of inalienable possession. These differences merge in the perspective of González (1994) about the reverse asymmetries of BP and Spanish. For data elicitation, it was applied an online questionnaire to Brazilians (speakers of BP as a mother tongue) and to foreigners SS students of BP. The questionnaire consisted on a proposal of written production adapted from Gancedo Álvarez (2008), an acceptability test of “seu” and “dele” in contextualized sentences and the referential interpretation of “seu” in dialogues that reproduces the oral aspect. The results of the written production indicate the discontinuation of the dative structure for the inalienable possession expression and its substitution for genitive constructions. Concerning the acceptability tests and referential interpretation, the data supports, to some extent, some hypothesis of the research, suggesting divergence in the interpretation and evaluation of “seu” and “dele” by the participants from both groups.

Keywords: Interlanguage model for analysis; Portuguese for foreigners; Brazilian Portuguese; Spanish Speakers; 3rd person possessives; Comparative analysis.

SUMÁRIO

Introdução	p. 10
Capítulo 1: Português, Espanhol e Interlíngua.....	p. 19
1.1 Língua materna, língua estrangeira e interlíngua	p. 19
1.2 Português Brasileiro e Espanhol: uma proximidade relativa.....	p. 23
1.3 Expressão de posse e as inversas assimetrias.....	p. 31
1.4 Os possessivos e o ensino de Português como Língua não Materna.....	p.35
1.5 Em poucas palavras	p. 36
Capítulo 2: SEU ou DELE? Possessivos simples e de-possessivos no Português Brasileiro	p. 38
2.1 A expressão de posse e os possessivos: generalizações e especificidades	p. 38
2.2 Os possessivos do PB e a (sua) descrição (deles)	p. 44
2.3 SEU vs. DELE: perspectivas teóricas sobre a variação.....	p. 52
2.4 Em poucas palavras.....	p. 56
Capítulo 3: ¿SU o DE ÉL? Os possessivos de terceira pessoa no Espanhol.....	p. 58
3.1 Os possessivos na Língua Espanhola: considerações iniciais.....	p. 58
3.2 SU vs. DE ÉL: estudos descritivos.....	p. 65
3.3 Possessivos simples e de-possessivos no PB e no Espanhol: parte das inversas assimetrias?	p. 70
3.4 Em poucas palavras.....	p. 76
Capítulo 4: A construção da pesquisa: caracterização, procedimentos e dados	p. 78
4.1 A construção da pesquisa	p. 78
4.2 Caracterização da pesquisa	p. 80
4.3 Os instrumentos de elicitação e os procedimentos de análise	p. 82
4.3.1 Instrumento I	p. 83
4.3.2 Instrumento II	p. 85
4.3.3 Instrumento III	p. 87
4.4 A produção de dados e os participantes da pesquisa	p. 88
4.4.1 Grupo de PBR.....	p. 89
4.4.2 Grupo de PHF	p. 90
4.5 Organização dos dados	p. 91
4.5.1 Instrumento I	p. 91
4.5.2 Instrumento II	p. 96
4.5.3 Instrumento III	p. 99

Capítulo 5: Pistas sobre o emaranhar-se em nós	p. 101
5.1 O estabelecimento da relação de posse inalienável: um caso de reanálise?	p. 101
5.2 (Des)encontros na variabilidade	p. 107
5.3 Interpretação de referência: entre a estrutura linguística e a qualidade do contexto	p. 116
Considerações finais	p. 121
Referências	p. 126
APÊNDICE 01: Termo de consentimento livre e esclarecido (PBR)	p. 133
APÊNDICE 02: Termo de consentimento livre e esclarecido (PHF).....	p. 136
APÊNDICE 03: Sentenças para avaliação de gramaticalidade I.....	p. 139
APÊNDICE 04: Sentenças para avaliação de gramaticalidade II.....	p.142
APÊNDICE 05: Questões para interpretação de referencialidade.....	p. 143
APÊNDICE 06: Questionário sobre o perfil dos participantes (PHF)	p. 145
APÊNDICE 07: Questionário sobre o perfil dos participantes (PBR)	p. 146
APÊNDICE 08: Produções textuais – Instrumento I – PHF	p. 147
APÊNDICE 09: Resultados – Instrumentos II e III - PHF.....	p. 150
APÊNDICE 10: Resultados – Instrumentos II e III - PBR	p. 151
ANEXO 01: Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar	p. 152

INTRODUÇÃO

A área de Português para Estrangeiros teve um importante fortalecimento nas últimas décadas, possibilitado por sua consolidação (em progresso) como área de formação e pesquisa nas universidades, pelo crescimento econômico brasileiro no início do século XXI, pela criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) em 1996 e do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) em 1994, dentre outros movimentos geopolíticos recentes.

O ensino e a pesquisa em Português Brasileiro (doravante PB) para Falantes de Espanhol (doravante FE) tem se destacado na área há mais de 30 anos (Cf. LOMBELLO, 1983), resultado, de um lado, da grande demanda pelo ensino da língua a esse público e, de outro, pelas especificidades que a proximidade tipológica e cultural desempenha no ensino, na aprendizagem e no uso da língua por esses estudantes (RABASA, 2010; WIEDEMANN & SCARAMUCCI, 2008; ALMEIDA FILHO, 1995).

A demanda pode ser compreendida, em partes, pela própria localização geográfica brasileira, já que 82% das fronteiras terrestres do Brasil são com países de língua oficial espanhola. Além disso, a instauração do Mercosul em 1993 e de outros tratados econômicos na região favoreceram uma intensificação no trânsito acadêmico, profissional e comercial entre o Brasil e os países limítrofes.

Também a forte imigração de bolivianos a partir da década de 1970 (os bolivianos são hoje a maior comunidade estrangeira em São Paulo¹), a forte presença de turistas FE no país (os argentinos são os estrangeiros que mais visitam o Brasil, seguidos pelos estadunidenses e chilenos²), a grande procura de FE pelo Celpe-Bras (40 dos 78 postos

¹ Cf. <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/01/25/bolivianos-sao-a-maioria-dos-imigrantes-de-sao-paulo-pela-1a-vez.ghtml>>. Acesso em 26 set./2020.

² Cf. <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/12715-praticamente-todos-os-turistas-estrangeiros-que-visitam-o-brasil-querem-voltar.html>>. Acesso em 26. set./2020.

aplicadores do exame no exterior estão em países de língua oficial espanhola³), a criação do Programa Mais Médicos em 2013, a implementação de aulas de Português no currículo de instituições educativas na Argentina, no Uruguai, no México, na Espanha, dentre outros países (ROCHA, 2019), e, mais recentemente, a imigração expressiva de venezuelanos (o Brasil é o país com mais imigrantes venezuelanos reconhecidos⁴), são alguns exemplos de eventos que também impulsionaram a criação de cursos e o desenvolvimento de pesquisas em PB para FE.

No contexto específico da UFSCar e região, essa demanda é visível nos dados levantados por Gómez (2018) sobre o perfil de inscritos nos cursos ofertados pelo Centro de Referência de Português para Estrangeiros (Cerepe/UFSCar) no período de 2011 a 2016: das 854 inscrições identificadas, 533 (62,41%) eram de FE, provenientes de diferentes países, dos quais se destacam a Colômbia (248 inscrições), o Peru (92 inscrições), a Argentina (49 inscrições) e a Espanha (41 inscrições).

Recentemente, também a imigração venezuelana incrementou a demanda de cursos específicos para FE na região: em 2018 foi criado um projeto de Português como Língua de Acolhimento na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara, que chegou a atender 100 venezuelanos no segundo semestre de 2019⁵ e, em 2020, foi migrado a um formato remoto assíncrono por meio de um canal no Youtube⁶, que conta com mais de trezentos inscritos. Também em 2020 foi criado na UFSCar o projeto de Extensão “Português como Língua de Acolhimento (PLAc) para Migrantes e Refugiados” (ProEx/UFSCar 23112.013279/2020-81), coordenado pelas professoras Aline Fraiha Paiva, Livia Grotto e Ligia Sene, tendo como público-alvo venezuelanos instalados no interior de São Paulo.

Já as especificidades do ensino de PB para FE são assim definidas na “Proposta curricular para o ensino de português nas unidades do Itamaraty em países de língua oficial espanhola” (MRE, 2020, p.22):

³ Cf. <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/celpe-bras/postos-aplicadores/externo>>. Acesso em 26 set./2020.

⁴ Cf. <<https://www.acnur.org/portugues/2020/01/31/brasil-torna-se-o-pais-com-maior-numero-de-refugiados-venezuelanos-reconhecidos-na-america-latina/>>. Acesso em 26 set./2020.

⁵ Conforme comunicação de Nildicéia Aparecida Rocha, coordenadora do projeto, em um curso ofertado na I Escola de Estudos Linguísticos do GEL, conjuntamente com Nelson Viana, entre 11 e 24 de outubro de 2020.

⁶ Cf. <<https://www.youtube.com/channel/UCsCak8gJOFrflvHRNzo-TA>>. Acesso em 30 nov./2020.

É fundamental destacar ainda que, no ensino de português para falantes de espanhol, é preciso considerar as especificidades a ele inerentes, o que inclui a proximidade tipológica entre esses dois idiomas. A considerável compreensão em português apresentada por falantes de espanhol em uma série de relações interlocutivas facilita, desde o primeiro nível, a mobilização de uma diversidade de gêneros discursivos. Além disso, a proximidade engendra a necessidade de um ensino que abra espaço para contrastes entre as duas línguas (em nível fonético-fonológico, morfológico, léxico-sintático, pragmático e discursivo), de modo a promover uma metarreflexão que dinamize a aprendizagem. Isso não significa, entretanto, que a abordagem contrastiva deva ser o principal norteador do currículo, sob pena de reproduzir perspectivas tradicionais que obliteram o funcionamento do português nas diferentes práticas socioculturais.

O texto é condizente com as considerações apresentadas por Almeida Filho (1995), Ferreira (1995, 1997), Kulikowski & González (1999) e outros autores, que defendem que o ensino de Língua Estrangeira (doravante LE) no par PB/Espanhol se diferenciaria do contexto de ensino entre línguas tipologicamente distantes ao possibilitar um ritmo mais dinâmico, sobretudo no início da aprendizagem, permitindo a condução das aulas na língua meta desde os níveis mais básicos, e ao demandar um estudo que explorasse aspectos contrastivos (gramaticais e discursivos) entre os dois idiomas, de modo a viabilizar uma reflexão dos estudantes sobre a própria interlíngua, combatendo algumas marcas de fossilização, mas sem que o ensino se reduzisse ao estudo sistemático apenas desses pontos de contraste.

Nesse sentido, cabe mencionar as necessidades identificadas por Wiedemann & Scaramucci (2008) para pesquisas na área de PB para FE, por corroborarem a ideia de necessidade de um melhor entendimento sobre o contraste linguístico entre os dois idiomas em uma dimensão que extrapole os limites formais das construções fonológicas e morfossintáticas e que se estenda a aspectos mais profundos da construção de sentido dos textos. As necessidades apontadas são:

(a) A criação de testes específicos para essa população [...]; (b) estudos que avaliem a eficácia da análise contrastiva como agente no ensino-aprendizagem de falantes de espanhol; (c) expansão da análise contrastiva para incluir aspectos não apenas formais ou estruturais mas também discursivos e culturais; (d) o estudo de que forma as variáveis sociais, lingüísticas e textuais afetam a aquisição do português por essa população. (WIEDEMANN & SCARAMUCCI, 2008, p.20)

Nesse sentido se construiu esta pesquisa, que buscou analisar, de maneira exploratória, a aprendizagem dos possessivos de terceira pessoa do PB por FE, tendo por

foco não a aquisição dessas estruturas formais, mas o domínio de aspectos pragmáticos e discursivos implicados no seu uso.

A investigação surgiu como resultado de inquietações provenientes da minha atuação, na qualidade de professor-monitor, no projeto de extensão “Português para Estrangeiros” (ProEx/UFSCar 23112.001006/2018-70), coordenado pelo Prof. Nelson Viana e realizado no âmbito do Instituto de Línguas da UFSCar, durante o primeiro semestre de 2018.

Na ocasião, ministrava um curso de Básico 1 de Português para Falantes de Espanhol e, paralelamente, nos meus estudos regulares da graduação em Licenciatura em Letras, cursava a disciplina “Sintaxe Contrastiva Espanhol/Português” (63568), ofertada pela Profa. Rosa Yokota, em que tive contato com os estudos sobre aquisição-aprendizagem de LE, com as discussões sobre o papel da Língua Materna (doravante LM) nesse processo e com a perspectiva dos estudos comparados de PB e Espanhol, com foco na marcação de pessoa e nas categorias pronominais, e seu reflexo no estudo de Espanhol como Língua Estrangeira (doravante ELE) por brasileiros.

Nesse contexto, tendo essas questões bastante presentes em minhas reflexões acadêmicas e, conseqüentemente, na minha prática docente, passei a notar na produção de meus estudantes a ocorrência algo frequente de certas estruturas para a expressão de posse que, sem serem agramaticais, me causavam certo estranhamento e que poderiam, eventualmente, evocar outros sentidos que não os pretendidos pelos estudantes.

Reproduzo abaixo uma reconstrução aproximada de algumas dessas ocorrências, todas elas em contexto de uso oral da língua ou em registro escrito espontâneo ou que reproduzia a oralidade:

- (1) a. *Eu não lembro o seu nome.*
- b. *Meu colega colocava muito alho na sua comida.*
- c. *Ela levou o seu cachorro para passear.*
- d. *Tive que levar minha mãe no hospital. Sua saúde não está boa.*
- e. *O professor gostou muito do seu trabalho.*

O estranhamento frente a essas construções pode ser explicado por um “nó estrutural”⁷ do PB (GONZÁLEZ, 1994), resultado de mudanças produzidas no sistema pronominal da língua, como a substituição dos pronomes sujeitos de segunda pessoa, “tu” e “vós”, por “você(s)” e a introdução de “a gente” com valor de primeira pessoa do plural, que tiveram por reflexo uma série de deslocamentos na estrutura morfossintática do idioma e, conseqüentemente, em suas operações enunciativas e pragmáticas (GALVES *et al.*, 2016; CERQUEIRA, 2018).

No caso específico da expressão de posse, essas mudanças implicaram uma significativa improdutividade de construções com dativos possessivos e um conseqüente aumento de estruturas genitivas (BARROS, 2006; MORAIS & RIBEIRO, 2014; MORAIS & SALLES, 2019). Além disso, devido, inicialmente, a uma intensa ambigüidade do possessivo simples “seu”, fortemente associado à segunda pessoa no PB falado, houve um aumento na ocorrência de construções de-possessivas⁸ para referência à terceira pessoa, mesmo em contextos não ambíguos (KATO, 1985; PERINI, 1985; NEVES, 1996, 2019).

Conforme demonstram os estudos sobre a distribuição de “seu” e “dele” como possessivos de terceira pessoa no PB contemporâneo (OLIVEIRA & SILVA, 1991; NEVES, 1996; SOARES, 1999; SILVA, 2016; GUEDES, 2017, dentre outros), a variação entre essas formas segue diferentes regras conforme o grau de formalidade do contexto e o tipo de registro⁹.

Em produções escritas e orais [+monitoradas] “seu” apresenta-se como principal estratégia para a expressão de posse de terceira pessoa, cabendo às formas de-possessivas usos pontuais, normalmente associados à intenção de evitar ambigüidades, marcar ênfase

⁷ A expressão é utilizada metaforicamente por González para se referir às complicações resultantes da situação diglósica do PB, especialmente no nível da sintaxe, em que coexistiriam parâmetros distintos de construção de sentenças e usos de formas pronominais, estando, num extremo, as regras do Português culto, ainda relativamente relacionadas ao Português Europeu e ao Português padrão, e, no outro extremo, o PB coloquial.

⁸ O termo “de-possessivo” é utilizado por Marcotulio, Pinheiro & Assis (2015) para se referir às formas possessivas preposicionadas: “dele(s)”, “dela(s)”, “da gente” e “de você(s)”. Como discutirei no capítulo 2.1, essas formas são referidas de diferentes maneiras na bibliografia sobre o tema. Opto, neste trabalho, pelo termo “de-possessivos” para marcar uma distinção mais visível entre eles e os possessivos simples (“seu(s)”, “suas(s)”, “meu(s)”, “minha(s)”, “teu(s)”, “tua(s)”, “nosso(s)”, “nossa(s)”, “vosso(s)” e “vossa(s)”).

⁹ Ao longo do trabalho, para evitar classificações binárias restritivas como “oral/escrito” ou “formal/informal”, que, conforme observa Faraco (2008), são insuficientes para refletir a variação linguística, farei referência aos contextos de produção na língua como [+monitorados] e [-monitorados], correspondendo à inclinação do contexto em um contínuo de grau de monitoramento estilístico do falante sobre a própria produção.

ou contraste referencial. O exemplo a seguir, citado por Bechara (2009, p.182), ilustra bem esse uso. Trata-se do trecho de um romance do século XIX, em que o de-possessivo é usado para evitar a ambiguidade que o possessivo simples acarretaria no contexto:

- (2) *Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração dele [MA.6, 24].*

Já em produções orais e escritas [-monitoradas] “seu” é mais usado em referência à segunda pessoa e “dele” predomina como possessivo de terceira pessoa, mesmo quando não há ambiguidade referencial, sendo particularmente favorecido em referência a elementos [+específicos], enquanto “seu” predomina em referência a elementos [+genéricos] ou sintagmas introduzidos por quantificadores como “cada”, “qualquer”, “todos” e “todo mundo”, contexto em que o uso de “dele” é percebido como agramatical:

- (3) a. *Qual a sua [de você] data de nascimento?*
 b. *Qual a data de nascimento dele?*
 c. *Todo mundo tem as suas dificuldades.*
 d. **Todo mundo tem as dificuldades dele(s)*¹⁰.

Trata-se, portanto, de uma área de variação complexa¹¹ na língua, justificando que sua aprendizagem por estrangeiros seja igualmente complexa, independentemente de sua nacionalidade e língua materna. Minha opção por trabalhar especificamente com FE justifica-se por três razões:

- i) é o público com que venho trabalhando desde 2017 e é na interface dos dois idiomas que recaem meus interesses acadêmicos;

¹⁰ Ao longo de todo o texto, sempre que não houver referência explícita à origem dos exemplos, eles são de autoria própria.

¹¹ O termo “complexa”, aqui, é usado por conta da confluência de diferentes variáveis na distribuição dessas formas: não se trata apenas do grau de especificidade do referente possuidor, mas também, fortemente, do contexto discursivo de ocorrência e do monitoramento estilístico do falante. Como já observava Labov (2008), as variáveis sociais, dentre elas o monitoramento estilístico, são particularmente difíceis para análise, dada a inadequação dos instrumentos de investigação linguística para seu devido isolamento e interpretação.

- ii) como já discutido, é o maior público interessado na língua portuguesa, tanto internacionalmente como no contexto específico do interior paulista, onde a pesquisa foi realizada, e há a necessidade de mais estudos que compreendam as especificidades da aprendizagem e do uso da língua por esses aprendentes;
- iii) em Espanhol também há uma variação nas formas correspondentes àquelas que enfoco neste estudo (“su”, “de él”), estando em jogo, no entanto, outras variáveis sobre o seu uso, diferentes das que regem essa variação em PB, o que me leva à hipótese de que observaria na aprendizagem dessas estruturas do PB por FE certas particularidades que demandariam um estudo específico.

Desse modo, tive por foco com esta pesquisa discutir as seguintes perguntas:

- a. Quais as diferenças observáveis na percepção de gramaticalidade por brasileiros e estrangeiros FE quanto ao uso de “seu” e “dele” como possessivos de terceira pessoa?
- b. Quais as diferenças observáveis na interpretação de referência do possessivo “seu” por brasileiros e estrangeiros FE?
- c. Quais as estratégias empregadas por estrangeiros FE estudantes de PB para estabelecer a relação de posse inalienável¹²?
- d. Quais aspectos podem ser identificados como difíceis na aprendizagem dos possessivos de 3P do PB por FE e precisam ser melhor investigados?

Para isso, como será mais bem detalhado no Capítulo 4, foi aplicado um questionário online a dois grupos de participantes: brasileiros (falantes de PB como LM) e estrangeiros FE (estudantes de PB como LE, com diferentes níveis de proficiência). O questionário foi formado por perguntas que envolviam uma proposta de produção escrita (adaptada de Gancedo Álvarez (2008)), questões de avaliação da gramaticalidade de “seu” e

¹² Os conceitos de “posse alienável” e “inalienável” serão mais bem explorados no capítulo 1 (seção 1.3). A ideia inicial era investigar os usos feitos pelos estudantes para expressão de posse em termos gerais, mas, dada a amplitude de contextos abarcados, optei por restringir a análise ao caso específico da posse inalienável.

“dele” em sentenças contextualizadas e a interpretação da referencialidade de “seu” em diálogos que reproduzem a oralidade.

As respostas dos dois grupos foram comparadas e discutidas, tendo em perspectiva estudos descritivos da variação em foco nos dois idiomas e o modelo teórico da Análise de Interlíngua (SELINKER, 1972).

Os resultados da pesquisa corroboram, em partes, as inquietações que a motivaram, apontando alguns indícios de diferenças na interpretação e aceitabilidade de usos de “seu” e “dele”, com potencial interferência na intercompreensão de FE e brasileiros.

O texto que segue está dividido em cinco capítulos e organizado do seguinte modo:

No primeiro capítulo, “Português Brasileiro, Espanhol e Interlíngua”, discuto, em termos gerais, a questão da proximidade entre o PB e o Espanhol e seu reflexo no ensino, aprendizagem e uso de Espanhol por brasileiros e de PB por FE. Ao final do capítulo, reviso alguns estudos que tratam da aquisição de estruturas de posse inalienável no contexto de ELE e do trabalho com os possessivos no ensino e na aprendizagem do Português como língua não materna.

O segundo capítulo, “SEU ou DELE? Possessivos simples e de-possessivos no Português Brasileiro”, tem por propósito discutir o estatuto atual das construções possessivas de terceira pessoa no PB, com foco nos possessivos simples e de-possessivos. Para isso, são revisados e comparados alguns estudos descritivos e são discutidas algumas perspectivas teóricas a partir das quais se buscou explicar a variação em foco.

No terceiro capítulo, “¿SU o DE ÉL? Os possessivos de terceira pessoa no Espanhol”, são revisados estudos que tratam da variação de possessivos simples e de-possessivos no Espanhol, em comparação com o PB. Ao final do capítulo, proponho a inclusão dessas categorias sintáticas entre as estruturas que refletem as inversas assimetrias descritas por González (1994, 2008, 2020) entre os dois idiomas.

No quarto capítulo, “A construção da pesquisa: caracterização, procedimentos e dados”, discuto a metodologia empregada para o desenvolvimento da pesquisa e os instrumentos de elicitación de dados, descrevo o perfil dos participantes e apresento os dados obtidos a partir de um tratamento quantitativo das respostas.

No quinto e último capítulo, “Pistas sobre o emaranhar-se em nós”, discuto alguns aspectos de destaque nos dados produzidos a partir da perspectiva da Análise de Interlíngua (SELINKER, 1972).

Sintetizo, por fim, as discussões e análises feitas, retomando as perguntas de pesquisa e traçando algumas reflexões sobre as contribuições deste estudo para o ensino de PB a FE.

CAPÍTULO 1

PORTUGUÊS BRASILEIRO, ESPANHOL e INTERLÍNGUA

Este capítulo cumpre o objetivo de assentar as compreensões adotadas neste trabalho sobre a aprendizagem de LE no par linguístico PB e Espanhol e de revisar estudos que trataram especificamente da expressão de posse nesse contexto.

O capítulo está dividido em cinco sessões: em 1.1 apresento a perspectiva da Análise de Interlíngua e alguns conceitos caros a essa perspectiva teórica, contextualizando-a nos estudos sobre a influência da LM na aprendizagem de uma LE; em 1.2 discuto a relativa proximidade entre o PB e o Espanhol e seu reflexo no ensino, aprendizagem e uso dessas línguas; em 1.3 me ocupo de estudos que compararam os dois idiomas especificamente quanto à expressão de posse e sua manifestação na aprendizagem de ELE por brasileiros; em 1.4 sistematizo em termos gerais um conjunto de trabalhos em que se discute o ensino e a aprendizagem dos possessivos no campo do Português como Língua não Materna e, em 1.5, sintetizo as principais ideias do capítulo, destacando pontos específicos que fundamentarão a análise.

1.1 Língua materna, língua estrangeira e interlíngua

As discussões sobre a influência da LM na aprendizagem¹³ de uma LE são constantes na área já há algumas décadas, sendo por vezes atribuído a ela um papel central ou nulo nesse processo.

Gass (1988), citada por González (1994), propõe uma classificação das perspectivas teóricas sobre essa influência em três fases.

¹³ Ciente da diferenciação proposta por Krashen (1978 *apud* PAIVA, 2014) entre “aprendizagem” e “aquisição” de línguas, muito adotada nos estudos em Linguística Aplicada, opto por utilizar somente o termo “aprendizagem” neste trabalho, sem diferenciá-los.

À **primeira fase** corresponderia o predomínio da Análise Contrastiva, em suas versões forte e fraca.

Essa perspectiva teórica se fundamenta(va) nos estudos comportamentalistas do início do século XX e na compreensão de língua como um sistema de estruturas e regras. Nesse sentido, se concebe a aprendizagem de LE como formação de hábitos e os erros ou desvios observados na produção dos estudantes são entendidos como resultado de uma **transferência** negativa de “hábitos” da LM para a LE e que deve, conseqüentemente, ser combatida.

A chamada Análise Contrastiva forte, defendida por Lado (1957) e Weinreich (1953), *apud* Yokota (2005), partia do pressuposto de que, ao comparar o sistema linguístico da LM e da LE, seria possível prever as dificuldades e erros dos estudantes de modo a que se pudesse elaborar materiais e currículos específicos, focados nesses pontos de contraste, como forma de evitar as transferências negativas da LM.

Uma nova formulação da teoria, conhecida como Análise Contrastiva fraca, é apresentada por Wardhaugh (1970 *apud* DURÃO, 2007), opondo-se à primeira por buscar explicar os erros observados em vez de prevê-los. O modelo teórico também relativiza o papel da LM, classificando os erros em duas categorias: de um lado, os erros extralinguísticos (resultados da transferência da LM à LE) e, de outro, os erros intralinguísticos (explicáveis por características do próprio sistema linguístico da LE).

Como pontua Yokota (2005, p.11):

A expectativa exageradamente positiva que até hoje existe em relação à análise contrastiva deve ser vista com cuidado. Apesar desta abordagem oferecer respostas a parte dos 'erros' dos alunos de línguas estrangeiras e, em sua nova versão, Wardhaugh (1970), abandonar a idéia de "prever" erros e passar a "explicá-los", grande parte dos estudos desenvolvidos baseados na análise contrastiva se limita a aspectos superficiais da língua e, mesmo neste caso, não apresenta uma reflexão sobre a variação da produção linguística, que nem sempre corresponde à norma escrita e culta.

Em oposição à primeira, a **segunda fase** se caracterizaria por uma negação ou minimização da LM como fator influente na aprendizagem da LE.

Inspiradas pelos estudos gerativistas, novas correntes teóricas buscavam explicar a aprendizagem de línguas por adultos a partir exclusivamente de sua **capacidade criativa**, similar à observada na aprendizagem da LM por crianças.

As novas teorizações, entre as quais se destacam os estudos de Krashen (1981, 1985 *apud* PAIVA, 2014), concebiam a aprendizagem de LE como resultado de **mecanismos cognitivos universais**, que, aliados aos dados (**inputs**) da LE selecionados e assimilados pelos estudantes (**intake**), possibilitariam a construção da gramática da língua meta, materializada na produção não nativa (**output**), em um movimento de testagem de hipóteses.

Para Krashen, a interferência da LM ocorreria em contextos de ensino da LE a adultos pela pressão que esses estudantes sofrem para produzir na língua meta desde o início de seu processo de aprendizagem, o que geraria ansiedade e os levaria a recorrer a regras da LM por ainda não terem consolidadas as regras da LE. O autor defende que um período silencioso de estudo, em que esse aprendiz adulto pudesse se concentrar em ler, ouvir e adquirir a gramática da LE antes de produzir, evitaria essa interferência.

Embora muito criticadas por outros autores, as contribuições de Krashen marcaram os estudos em Linguística Aplicada (PAIVA, 2014), fomentando debates e abrindo caminho para desdobramentos e novas perspectivas sobre a aprendizagem de LE.

A **terceira fase**, por fim, consistiria em uma conciliação das duas anteriores, em que a influência da LM e a capacidade criativa dos estudantes adultos já não são vistas como hipóteses antagonistas, mas como complementares.

Nessa perspectiva, surge o modelo da Análise de Interlíngua, termo popularizado por Selinker (1972) e que pode ser entendido como um fenômeno individual ou coletivo, definido como “um tipo de língua em processo de construção por aprendizes de L2 [LE], ainda não proficientes, que apresenta algumas características da L1 [LM] em conjunto com elementos da L2 em tentativas de aproximação com a L2” (SELINKER & GASS, 1993 *apud* PAIVA, 2014, p.180), sendo a **sistematicidade** e a **variabilidade** duas características importantes dessa “língua em construção”.

Selinker aponta ainda cinco processos como centrais na aprendizagem de LE:

- i) a **transferência linguística**, entendida como empréstimo de formas, regras e subsistemas da LM à LE;
- ii) a **transferência de instrução**, entendida como a transferência de algo aprendido para outro contexto;
- iii) as **estratégias de aprendizagem** individuais de cada aluno;

- iv) as **estratégias de comunicação** na LE;
- v) a **hipergeneralização** de regras da gramática da LE.

Outros dois conceitos caros ao modelo da Análise de Interlíngua são o da **fossilização** linguística, definida como “itens, regras e subsistemas que falantes de uma LM particular tendem a manter em sua interlíngua relativa a uma LE específica, independentemente da idade do aprendiz ou da quantidade de explicações e orientações que ele receba na LE” (SELINKER, 1972, p. 215 – tradução minha)¹⁴, e o do **evitamento** (*avoidance*), entendido como uma estratégia do aprendiz que omite em sua produção certas estruturas ou itens lexicais que lhe pareçam difíceis, substituindo-os por outras alternativas em relação às quais se sente mais confiante, mesmo que haja perda de algum valor ou sentido significativo nessa substituição.

Conforme González (1994, p.43 – grifo meu), “nessa terceira fase ou tendência, a pesquisa está mais voltada para os **aspectos qualitativos** da influência da língua nativa”.

Nesse sentido, assumo para esta investigação, conforme Selinker (1972), que a LM tem um papel importante na aprendizagem de uma LE, em um processo que envolve (também) a transferência da LM, e não apenas de aspectos superficiais da língua, mas dos próprios parâmetros de construção textual/discursiva, sendo objeto de interesse de uma análise da interlíngua não só o que alunos produzem, como também o que eles não produzem.

Entendo também que outros movimentos são possíveis, como a tentativa de afastamento da LM e a hipergeneralização de regras da LE, em um processo criativo dos aprendizes que processam os *inputs* linguísticos fornecidos, elaboram hipóteses e as testam.

Considero ainda que a LM é apenas um dentre vários fatores que influenciam nesse processo, não sendo suficiente para explicar a aprendizagem de uma LE em toda sua complexidade, mas significativo para a compreensão de uma parte do todo.

¹⁴ "Fossilizable linguistic phenomena are linguistic items, rules, and subsystems which speakers of a particular NL will tend to keep in their IL relative to a particular TL, no matter what the age of the learner or amount of explanation and instruction he receives in the TL."

Também nesse sentido assumo que a interlíngua é um sistema com grande variabilidade, apresentando diferenças conforme o domínio discursivo observado, ao longo do processo de aprendizagem da língua por um mesmo estudante e também entre diferentes sujeitos, ainda que tenham uma LM comum.

A generalização de características da interlíngua de um grupo de estudantes, portanto, não pode ser categórica, mas contribui para uma compreensão de processos mais ou menos comuns na aprendizagem de uma língua por pessoas com um mesmo repertório linguístico prévio, podendo ter implicações pedagógicas positivas.

1.2 Português Brasileiro e Espanhol: uma proximidade relativa

[...] o que observamos é, de fato, um conjunto de fenômenos 'encaixados' que, na sua totalidade, configuram duas línguas consideravelmente diferentes, muito mais do que um olhar ingênuo possa supor. (GONZÁLEZ, 1994, p.303)

O Português e o Espanhol¹⁵ são línguas indo-europeias, do ramo itálico, que se desenvolveram a partir do latim vulgar nas regiões centro-norte da Península Ibérica em um longo percurso, da chegada e dominação do Império Romano na Península, há mais de dois mil anos, até aproximadamente os séculos XI e XII, de quando datam os primeiros registros escritos dos “Romances”, a que, séculos depois, se passou a denominar Português, Castelhana (e também Galego, Mirandês, Asturiano, Leonês, Catalão).

Essa proximidade histórica e geográfica implica, por sua vez, uma coincidência significativa nos substratos e superstratos linguísticos relacionados à formação desses idiomas, já que, para além da presença do Latim vulgar e clássico na Península (quase) como um todo durante o domínio romano e depois, também os subsequentes sistemas políticos ali instaurados são coincidentes nas porções galego-portuguesa, castelhana e aragonesa, desde

¹⁵ Evidentemente, aquilo a que se refere com os termos “Português” e “Espanhol” (e mesmo “Português Brasileiro”) abarca uma diversidade imensa, que deve ser reconhecida. Ao longo deste trabalho, me referirei genericamente ao Português e ao Espanhol como duas línguas independentes e identificáveis. Essa generalização, embora imprecisa, é importante para possibilitar um tratamento inicial mais amplo do tema. Especificamente no caso do Português, devido às diferenças notáveis que se observa no PB e no Português Europeu no que se refere aos processos de pronominalização, dentre outros aspectos (TARALLO, 2018), distinguirei as duas variedades neste trabalho e utilizarei o termo “Português” ou “Língua Portuguesa” em ocasiões específicas, quando estiver me referindo de maneira ampla a aspectos que abrangem as diferentes variedades do idioma.

as invasões germânicas e o longo domínio de grupos muçulmanos durante a Idade Média, até a conquista cristã, encabeçada por reinos da faixa norte da Península.

A essas coincidências, soma-se uma estreita relação econômica, política e cultural – por vezes mais amistosa, por vezes menos – entre Portugal e Espanha, quer em seus territórios próprios, quer em seus domínios coloniais dos séculos XVI a XX, incluindo nessa trajetória mais de meio século de União Ibérica (1580-1640), favorecendo, assim, um desenvolvimento linguístico das línguas românicas ibéricas não só paralelo, como, em muitos sentidos, interrelacionado.

Um dos resultados disso é que, especialmente no caso do Português e do Espanhol, mesmo após cerca de cinco séculos da publicação de suas primeiras gramáticas, normatizando-as e reconhecendo-as como línguas independentes, haja uma notável proximidade vocabular e estrutural entre ambos os idiomas, chegando a ser referidos como as línguas latinas “que mantêm maior afinidade entre si” (ALMEIDA FILHO, 1995, p.14)¹⁶.

Nosso interesse por essa questão reside nos modos como essa proximidade é percebida pelos falantes das duas línguas e como, em consequência disso, constituem-se, historicamente, certos imaginários em suas comunidades linguísticas, com forte reflexo no ensino, na aprendizagem e no uso de uma dessas línguas pelos falantes da outra, a começar pela percepção de (não) necessidade desse estudo (CELADA & GONZÁLEZ, 2005).

No contexto brasileiro, as reverberações de tais imaginários se constituíram, e se fazem ainda hoje presentes, pela ideia de que, sendo o Português e o Espanhol línguas tão próximas, não haveria a necessidade de estudo da língua do outro para que possa haver uma interação exitosa.

Como bem colocam Celada & González (2005, p.72 – tradução minha): “vivemos desde sempre uma história de desconhecimento mútuo, apoiados, no entanto, - e isso talvez seja o mais problemático – em *uma pressuposição de conhecimento*.”¹⁷

¹⁶ Me parece necessário relativizar essa afirmação, pois, se considerarmos como línguas latinas não apenas o Português, o Espanhol, o Italiano, o Francês e o Romeno, mas também outras línguas como o Mirandês, o Vêneto, o Occitano, o Romanche, o Sardenho, o Catalão, o Galego, o Moldavo, o Valenciano, o Asturiano, o Crioulo Caboverdiano, o Crioulo Haitiano etc., tal afirmação sobre o Português e o Espanhol dificilmente se sustenta.

¹⁷ “[...] hemos vivido desde siempre una historia de desconocimiento mutuo, apoyados, sin embargo - y esto es quizás lo más problemático -, en *una presuposición de conocimiento*”.

Especificamente no campo do ensino de ELE para brasileiros, especialmente a partir do século XX, essa percepção de proximidade reverbera, aliada aos princípios da Análise Contrastiva forte, no planejamento de cursos e materiais didáticos que tomam por eixo norteador a ideia de que a aprendizagem dessa língua por brasileiros seria fácil e que bastaria um trabalho focado nas diferenças observáveis entre os dois idiomas para que os estudantes atingissem, rapidamente e sem dificuldade, um alto nível de proficiência.

Por isso tantos materiais, persistentes mesmo hoje, que se limitam ao trabalho com os “falsos amigos”, as expressões heterossemânticas, heterogênicas, diferenças fonéticas e outros aspectos da estrutura linguística em que as línguas, conforme estudos contrastivos prévios, difeririam, sendo esses, portanto, os supostos pontos críticos dessa aprendizagem.

Os conteúdos sintáticos foram particularmente relegados nesses estudos, por se considerar ser este o nível em que o Português e o Espanhol mais se aproximariam e em relação ao qual, “com dificuldade, se pode destacar uma ou outra diferença” (BECKER, 1939, p.116 *apud* CELADA & GONZÁLEZ, 2005, p.87 – tradução minha)¹⁸.

Um passo importante na desmitificação desses imaginários, especificamente no campo da formação de professores de ELE, foi a publicação da tese doutoral de Neide Maia González, em 1994, que investigou as estratégias de preenchimento das categorias sintáticas de sujeito e objeto direto na produção não nativa em Espanhol por brasileiros adultos, tomando como referência já não a descrição tradicional sobre o Português, mas os então recentes estudos descritivos que enfatizavam uma série de mudanças sintáticas encadeadas no PB a partir do século XIX, envolvendo principalmente os processos de pronominalização e relativização (TARALLO, 2018a, 2018b), que configura(va)m um “nó estrutural” no PB.

Fundamentada nesses estudos, tomando como referência de comparação o PB e o Espanhol falados, González (1994) descreve as duas línguas como “**inversamente assimétricas**”: enquanto em PB haveria a tendência ao preenchimento do lugar argumental de sujeito com um pronome nominativo e a omitir o objeto direto, ou preenchê-lo com formas pronominais tônicas como “ele”, “ela”, “você” ou o demonstrativo “isso” (raramente os pronomes clíticos), em Espanhol o sujeito tende a ser ocultado e o espaço do objeto direto tende a ser preenchido com pronomes átonos.

¹⁸ “[...] con dificultad, puede señalarse alguna que otra diferencia.”

Essa diferença, e seus impactos na produção de sentidos no contato dos dois idiomas, é ilustrada por Fanjul & González (2014, p.08) a partir deste cartaz, produzido por uma rede de supermercados, no Brasil, em uma campanha que visava a venda de produtos da gastronomia espanhola:

Figura 1 - Cartaz *¿Qué [sic] hace usted feliz?*



Fonte: Fanjul & González, 2014, p.08.

A frase “¿Qué hace usted feliz?” é a tradução de um *slogan* lançado por essa rede em 2008 (“O que faz você feliz?”) e, conforme Fanjul & González (2014, p.09), “se projetarmos sua leitura por brasileiros e por falantes de espanhol, aparece para os falantes de espanhol como um desencontro e para os brasileiros como a ratificação de uma ilusão”.

A observação dos autores se deve à constatação de que um brasileiro sem conhecimentos da língua espanhola que leia a frase traduzida, a interpretaria com sentido similar à da original, como uma indagação sobre que coisas geram o sentimento de felicidade no leitor, e seria levado a crer, assim, pelo paralelismo das duas frases, que o Espanhol e o Português guardam, efetivamente, muita similaridade e que não é preciso estudar Espanhol para entender o idioma.

Para um FE, no entanto, essa frase dificilmente seria interpretada da mesma maneira, devido, justamente, a diferenças na estrutura sintática das duas línguas.

No PB, em decorrência da possibilidade de uso de pronomes nominativos na função de objeto e de restrições na mobilidade de sintagmas na frase, “você”, por aparecer depois do verbo, é interpretado como complemento e muito dificilmente seria lido como sujeito sintático. Basta compararmos as duas frases a seguir:

- (1.1) a. *O que faz você feliz?*
 b. *O que você faz feliz?*

Para um falante nativo do PB, a diferença entre as duas frases é clara. A simples alteração da posição do pronome na sentença altera sua função e, conseqüentemente, o sentido da frase: na primeira, “você” é quem experimenta a felicidade promovida por outro elemento; na segunda frase, pode-se interpretar “você” como o agente que promove uma felicidade que será experimentada por outra coisa, sobre a qual se indaga, ou, ainda, mais dificilmente, pode-se entender “feliz” como um estado associado a “você” e a pergunta se referindo, então, a quais ações são realizadas por esse interlocutor quando se encontra feliz.

Já em Espanhol, a maior flexibilidade dos sintagmas na sentença e restrições no uso de pronomes nominativos na função de objeto impediriam essa alteração de sentido.

Observemos a tradução direta das frases de (1.1):

- (1.2) a. *¿Qué hace usted feliz?*
 b. *(?)¿Qué usted hace feliz?*

Conforme Fanjul & González (2014), na frase (1.2)a, “usted” seria interpretado como sujeito da sentença, porque (i) não apresenta marcação (morfológica ou sintática) de caso acusativo que autorize sua interpretação como objeto direto ou indireto na língua e (ii) atende a uma preferência do Espanhol pela ordem VS (verbo - sujeito) em sentenças interrogativas.

Seu sentido, portanto, é similar ao de (1.1)b, no PB, ou, como observam Fanjul & González, pode ainda ser interpretada de maneira mais interpelativa, como uma indagação sobre o porquê do leitor estar feliz.

A frase (1.2)b seria interpretada, possivelmente, da mesma maneira, produzindo talvez um estranhamento por ferir a preferência sintática em perguntas.

Para que se construísse em Espanhol uma frase com sentido similar ao produzido por (1.1)a, seria necessário alterar o pronome tônico por “te” (pronome complemento referente a “tú” e a “vos”):

(1.3) *¿Qué te hace feliz [a ti/a vos]?*

Esse caso do cartaz da rede de supermercados é particularmente instigante por ilustrar como um “detalhe” da estrutura sintática de uma língua pode produzir efeitos profundos na construção de sentidos dos textos e como, no caso particular do PB e do Espanhol, a percepção enganosa de uma similaridade linguística pode levar a graves problemas na intercompreensão de seus falantes.

A inversa assimetria entre os dois idiomas, inicialmente descrita quanto às possibilidades de preenchimento pronominal das posições de sujeito e objeto direto, a partir de outros estudos mostrou-se aplicável a mais aspectos da gramática das duas línguas, abarcando essencialmente (GONZÁLEZ, 2008):

- i) o preenchimento ou não preenchimento de determinadas categorias sintáticas;
- ii) a opcionalidade ou a obrigatoriedade desse (não) preenchimento;
- iii) a preferência por formas pronominais tônicas ou átonas.

Em seu estudo, González (1994) observou que essas diferenças se manifestavam na produção não nativa de brasileiros aprendentes de Espanhol de diferentes formas.

De um lado, destacava-se a transferência de parâmetros de construção sintática do PB à interlíngua, tendo por resultado sentenças agramaticais ou que evocavam certos sentidos, como ênfase ou contraste referencial, não percebidos pelos estudantes.

Outro fenômeno recorrente foi o que a pesquisadora chamou de “**a outra cara da transferência**”, resultado da memorização de um aspecto de saliência fonética da língua,

como as construções pronominais do tipo “se lo”, “me lo”, “se me” etc, improdutivas no PB e abundantes no Espanhol, e que os estudantes brasileiros passavam a empregar em suas produções a partir de certa etapa de seus estudos na LE, mas sem que seu uso fizesse sentido ou fosse gramatical no contexto, sendo motivadas, mais bem, por uma intenção de “soar espanhol”, uma “mimetização” da língua.

Nas palavras de González (1994, p.407-408 – destaques meus), a análise da interlíngua desses estudantes demonstrou que

o processo de transferência [...] tem um efeito muito mais generalizado e difuso do que se poderia pensar. Ele permeia a gramática da interlíngua das formas as mais variadas e se manifesta de distintas maneiras: no **evitamento**, nem sempre deliberado, de umas quantas formas que, no entanto, são freqüentes na língua e aparecem no *input*, formas essas que não são processadas pelo aprendiz; no **apagamento** de partículas que têm, entretanto, uma frequência indiscutível na língua que está sendo aprendida, mas que também não são processadas, seja porque não são compreensíveis aos olhos do aprendiz, seja porque para ele não possuem uma carga informativa suficiente que o force a retê-las, uma vez que são dispensáveis na sua própria língua, de resto muito semelhante à nova em vários aspectos; na **neutralização** de certos valores marcados de construções, que parecem não ser percebidos, neutralização essa que gera uma série de estruturas em que nem sempre o apagamento do clítico é a questão, mas sim o efeito que se obtém com seu emprego, problema que ocorre também quando está em jogo a menção ou não do sujeito pronominal; na **ordem de colocação** dos argumentos na sentença, escolhida quer em função de regras de adjacência não vigentes na língua que está sendo aprendida, quer em função do grau de formalidade que se atribui à expressão, de acordo com as circunstâncias em que ela é produzida, nem sempre compatível com o que vale para a L2 [LE]; na **atribuição de um valor de formalidade ou informalidade** a construções, de acordo com padrões que não são compatíveis com a língua que está sendo aprendida, mas com a língua materna; na **escolha de formas** que levarão a uma organização discursiva pouco frequente na língua que está sendo aprendida e que instalam nela uma espécie de eco de outras vozes, cujo modelo de expressão tem uma outra história.

Fica claro, dessa maneira, que a construção da interlíngua é produto de diversos fatores, muito mais complexos do que a mera transferência de estruturas superficiais da LM para a LE. Além disso, esses resultados demonstram como a relativa proximidade entre o PB e o Espanhol (línguas tipologicamente próximas, mas sintática e discursivamente, em alguns aspectos, inversas) reflete, de maneira menos positiva do que o senso comum nos faz crer, na aprendizagem de uma dessas línguas pelos falantes da outra.

À pesquisa de González, seguiram diversas outras, comparativas dos usos linguísticos nos dois idiomas e sobre a aprendizagem de ELE por brasileiros, delimitando mais nitidamente as características desse “**sotaque sintático/discursivo/estilístico**”.

Vários desses trabalhos se encontram no dossiê “Gestos que trazan las distinciones entre la lengua española y el portugués brasileño” (CELADA & GONZÁLEZ, 2008) e no livro “Espanhol e Português Brasileiro: estudos comparados” (FANJUL & GONZÁLEZ, 2014).

Uma das principais contribuições desses estudos para a compreensão da relativa proximidade entre o PB e o Espanhol é o deslocamento do olhar do pesquisador que se propõe a comparar/contrastar os dois idiomas, passando dos “inventários” de formas existentes nas línguas para uma maior consideração dos efeitos que essas formas produzem no uso.

De outra parte, como observa Yokota (2019), os resultados dessas pesquisas tiveram reflexo direto nas aulas de ELE, servindo como base para a (re)formulação de currículos de Licenciatura em Letras, para a elaboração de materiais didáticos, planejamento e condução de aulas, entrevendo um novo cenário no ensino de Espanhol no Brasil:

O ensino sensibiliza o aprendiz para questões sintáticas, pragmáticas e discursivas que não estavam presentes em cursos anteriores aos anos 90, possibilitando que o processo de aprendizagem do estudante brasileiro tenha um percurso que o aproxima cada vez mais do E[spanhol]. (YOKOTA, 2019, p.88).

Em uma retomada recente desses estudos, González (2020) reitera sua contribuição para a área e aponta as seguintes perguntas como ainda válidas para uma investigação sobre a produção não nativa em relação às inversas assimetrias do PB e do Espanhol:

- a. Que pistas é necessário deixar em cada uma dessas línguas para que se tenha acesso à referência e à informação?
- b. Que marcas deixam essas pistas na produção não nativa?
- c. Que efeitos tem isso na intercompreensão?
- d. Como sensibilizar o aprendiz para essas questões?

Avalio como muito meritória a experiência dos estudos brasileiros sobre ELE quanto às especificidades do ensino, aprendizagem e uso da LE nesse par linguístico e acredito que tenham muito a contribuir com a especialidade do PB para FE. Dessa maneira, admito para os propósitos desta investigação que o PB e o Espanhol apresentam características inversamente assimétricas em suas estratégias de pronominalização e busco acercar-me às questões levantadas por González na construção e análise dos dados.

1.3 Expressão de posse e as inversas assimetrias

Na seção anterior tratei de uma linha de investigação no campo do ensino de ELE para brasileiros que tomo como referência para o tratamento da proximidade entre os dois idiomas em questão e da aprendizagem de LE. Mas, o que esses estudos falam sobre os possessivos de terceira pessoa?

Na bibliografia consultada, a expressão de posse em PB e Espanhol é discutida em apenas três trabalhos, nenhum deles tratando especificamente da variação de possessivos simples e de-possessivos.

Fanjul (2014) discutiu (des)encontros entre os verbos “estar”, “haver”/“haber” e “ter”/“tener” quanto à expressão de posse, existência, domínio e apresentação, sem estender-se, contudo, às categorias pronominais.

Durão (2005), ao discutir epistemologicamente a Análise de Erros como abordagem possível para se investigar a aprendizagem de Espanhol por brasileiros, traz como exemplo o uso de artigo antes de possessivos pré-nominais, algo que seria frequente na produção não nativa de brasileiros no início de seus estudos na LE.

A autora não aprofunda sua análise do fenômeno, mas discute como aquilo que se poderia julgar, a princípio, como uma transferência da LM (normativamente, o Espanhol não admite tais usos, enquanto em PB são bastante comuns) poderia ser explicado por outros processos, como a hipergeneralização de dados da própria gramática espanhola, já que esses usos, embora não aceitos na língua padrão, são observados em algumas variedades peninsulares, e outros contextos de usos dos possessivos em Espanhol, como em posição pós-nominal, exigem o uso do artigo.

É nas pesquisas de Gancedo Álvarez (2002, 2008), no entanto, que se encontram algumas discussões mais próximas ao objeto de interesse desta pesquisa. A autora analisou a aprendizagem de estruturas relacionadas à expressão de posse inalienável e involuntariedade na produção em ELE por brasileiros.

A denominação de posse alienável e inalienável não é frequente na bibliografia sobre o PB, dada a pouca produtividade de sua diferenciação na língua, mas é particularmente importante na gramática do Espanhol, em que se tendem a utilizar estruturas diferentes para um e outro caso.

Conforme Demonte (1988, p.93 – tradução minha):

A tradição gramaticou cunho a distinção ‘posse inalienável’ e ‘alienável’ para aludir às duas formas possíveis em que se pode possuir um objeto, isto é, como uma parte do próprio elemento possuidor ou como algo independente, suscetível, portanto, de ser repassado a outro dono.¹⁹

Nos usos da língua, como observa Gancedo Álvarez (2008), essa distinção é um pouco mais complicada. Entre os dois extremos, há uma zona que abrange diversos outros elementos da esfera pessoal que, dependendo da atitude do sujeito em relação a eles e dos efeitos que se busca marcar no discurso, é possível que se construam linguisticamente tanto como alienáveis quanto inalienáveis.

Na sintaxe do Espanhol, a principal consequência dessa distinção é uma tendência acentuada pelo uso de construções dativas para expressão da posse inalienável:

- (1.4) a. Le hervía la sangre. [Picallo & Rigau, 1999, p.1012]
 b. Se sacó el pañuelo del bolsillo. [*idem*, p.1007]
 c. Le plancharon la camisa gris. [*ibidem*]
 d. Juana me lavó el coche pequeño. [*ibidem*]

O dativo possessivo, sublinhado nos exemplos, caracteriza-se por ser uma construção dativa, com forma e estrutura similares às dos complementos indiretos, mas que não estabelecem relação argumental com o verbo.

Sua ligação, de natureza semântica, é com o complemento acusativo ou nominativo do verbo (“sangre”, “pañuelo”, “camisa gris” e “coche pequeño”, respectivamente, nos exemplos) e sua referência pode ser exofórica ou endofórica, assemelhando-se a outras construções dativas não argumentais, como os dativos éticos e o dativo beneficiário.

Por essa proximidade é que se pode compreender a possibilidade de construções possessivas dativas em relação a elementos que não se configuram como uma parte do todo e, portanto, não seriam inalienáveis *a priori*.

¹⁹ “La tradición gramatical ha acuñado la distinción 'posesión inalienable' y 'alienable' para aludir a las dos formas posibles en que puede poseerse un objeto, es decir, como una parte misma del elemento poseedor o como algo independiente, susceptible, por tanto, de ser traspasado a otro dueño”.

Se em (1.4)a a relação de posse é estabelecida entre “él/ella/usted” e “sangre” (uma parte do todo, portanto), em (1.4)b, (1.4)c e (1.4)d os elementos relacionados são independentes e de posse transferível. A opção pela construção dativa, no caso, poderia ser motivada, como sugerem Picallo & Rigau (1999), em (1.4)b, por uma atitude do locutor de marcar o lenço como um objeto pessoal, íntimo, quase como uma parte de seu corpo, já em (1.4)c e (1.4)d poderia ser explicada como uma forma de reforçar no discurso o modo como esses sujeitos, donos do carro pequeno e da camisa cinza, foram particularmente afetados pela ação descrita.

Construções alternativas a essas seriam possíveis para as três frases, como em (1.5), a seguir, mas seus efeitos de sentido seriam alterados.

(1.5) a. *Sacó su pañuelo del bolsillo.*

b. *Plancharon su camisa gris.*

c. *Juana lavó mi coche pequeño.*

O uso do pronome possessivo é capaz de estabelecer a relação de posse, mas não marca linguisticamente uma afetação pelas ações descritas com a mesma intensidade que (1.4)c e (1.4)d nem a íntima relação sugerida em (1.4)b.

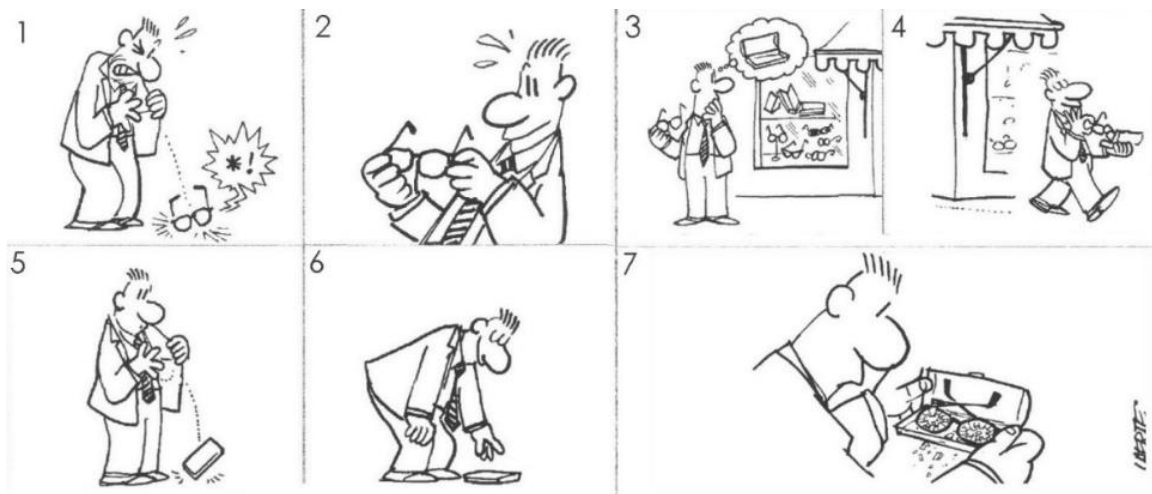
As construções com dativos possessivos, ainda produtivas no Português Europeu, estão em declínio no PB desde meados do século XIX e ocorrem, hoje em dia, de forma apenas residual, chegando a ser incompreensível, para jovens brasileiros, a relação de posse por elas expressa, conforme aponta um estudo realizado por Barros (2006).

Essa diferença entre o Espanhol e o PB, que reflete a inversa assimetria dessas línguas, e a observação de que os brasileiros teriam dificuldades em adquirir as estruturas dativas do Espanhol motivaram as pesquisas de Gancedo Álvarez.

Em sua tese, de 2008, a autora se propõe a aprofundar as análises feitas em sua dissertação, focando nas consequências sintáticas e semânticas das relações de posse inalienável em Espanhol. Para isso, analisou a produção de um grupo controle de montevidéanos e a produção de paulistanos adultos em Espanhol e PB.

A construção dos dados se deu a partir de uma proposta de produção textual: um exercício de retextualização de um cartum da Laerte:

Figura 2 – Ilustração do conto “Historia verídica”, de Julio Cortázar, por Laerte.



Fonte: Gancedo Álvarez (2008).

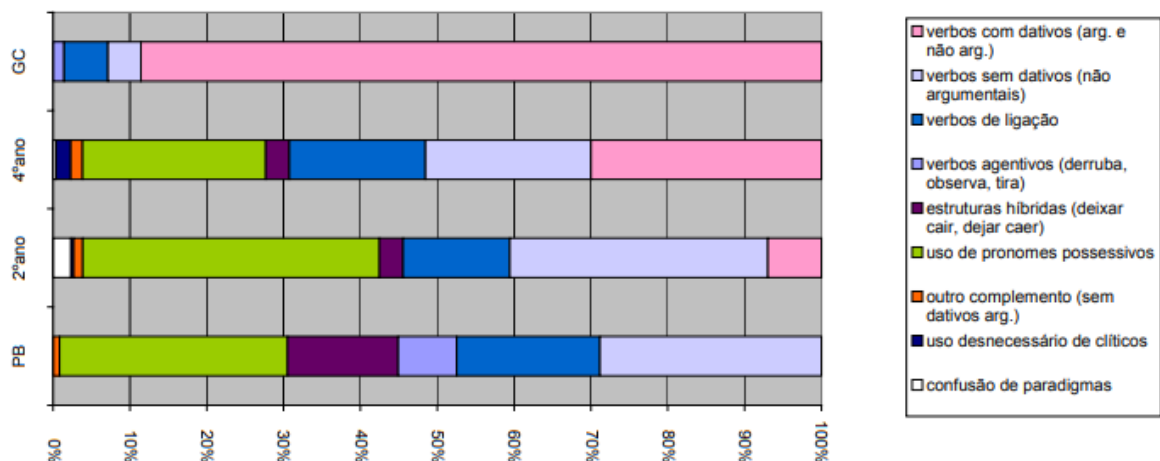
Os participantes foram orientados a escrever a história utilizando ao menos uma sentença para descrever a ação representada em cada quadro.

A pesquisadora reuniu 60 produções, em que 20 correspondiam à produção em Espanhol por falantes nativos uruguaios (Grupo Controle (GC)), 20 à produção em Espanhol por brasileiros paulistanos (ENN) e 20 à produção em PB também por paulistanos (PB).

Foram mapeadas e contrastadas as opções de cada grupo para a descrição das ações dos quadros 1, 2, 5 e 7, especialmente no que se refere ao estabelecimento da relação entre o personagem e os óculos/o estojo.

Os resultados da pesquisa estão ilustrados no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Progressão nas estruturas possessivas.



Fonte: Gancedo Álvarez (2008, p.120).

As barras intituladas “2º ano” e “4º ano” representam as construções observadas na produção em ELE. O número de anos representa a fase em que os participantes se encontravam no curso de Letras e, indiretamente, o tempo de estudo em língua espanhola.

Os dados reiteram a ampla preferência de FE por estruturas dativas para a expressão de posse inalienável, especialmente no contexto em que há afetação do sujeito pela ação descrita. Na produção em PB, por sua parte, não houve qualquer ocorrência de construções dativas e há uma maior distribuição das estruturas utilizadas, destacando-se o uso de pronomes possessivos, não identificado na produção em Espanhol/LM.

Nos dados da produção em Espanhol por brasileiros, observa-se maior variação nas estruturas empregadas, havendo um movimento progressivo de aproximação às preferências da língua espanhola, incluindo a introdução de construções dativas em seus textos, mas ainda em proporção muito menor do que nos dados do grupo controle.

Destacam-se também dois fenômenos no conjunto dos dados de ELE que são as ocorrências de usos desnecessários de clíticos e a confusão de paradigmas, evidenciando características de uma interlíngua em construção.

Instigado a analisar a aprendizagem de estruturas possessivas no processo inverso ao analisado pela pesquisadora, incluí a mesma proposta de produção textual como um dos instrumentos de produção de dados desta pesquisa.

A hipótese era a de que os FE estudantes de PB tenderiam a conservar certas preferências do Espanhol em sua produção na LE, especificamente as construções dativas para a expressão de posse.

Nos capítulos 4 e 5 discutirei com mais detalhes as condições de produção desses dados e os resultados obtidos.

1.4 Os possessivos e o ensino de Português como Língua não Materna

Embora não tenham sido objeto de estudo comparado com o Espanhol ou de uma análise sistemática de sua variação em produções não nativas, como me interessa neste trabalho, os possessivos do Português já motivaram algumas reflexões no campo dos estudos sobre ensino e aprendizagem do idioma como língua não materna.

Em revisão bibliográfica do tema, encontrei trabalhos cujos se ocupavam, essencialmente, de três aspectos relativos a essas estruturas:

Em **primeiro** lugar, pode-se destacar estudos que tratam da aprendizagem dos possessivos simples do Português, tendo por foco o uso de artigos antes dos possessivos ou a flexão de gênero dos pronomes.

É o caso dos trabalhos de Nhatuve (2018) e Castro (2019), que analisaram a produção de aprendentes do Zimbabwe e do Timor-Leste, respectivamente, com importantes resultados sobre os contextos específicos de sua investigação, mas que não tratam diretamente da gramática do PB e não incluem os de-possessivos em sua análise.

Em **segundo** lugar, destaco a pesquisa de Gusmão (2012), que discutiu certos usos dos pronomes possessivos em PB, em expressões como “Nossa!”, “Seu Zé” e “Seu lindo”, em que são expressos outros significados e valores não relacionados à posse propriamente dita.

A autora analisou a (não) inclusão dessas expressões em materiais didáticos e gramáticas da língua, e traçou algumas considerações sobre os desafios de seu ensino a estrangeiros, considerando especificamente a falta de estudos descritivos e de outros materiais de suporte que sistematizem tais usos para a consulta de professores e que possibilitem sua prática por estudantes estrangeiros.

Um **terceiro** grupo de estudos, por fim, seriam aqueles dedicados à análise de materiais didáticos de Português para estrangeiros tendo por foco a variação dos possessivos simples e de-possessivos. É o caso de Assis & Marcotulio (2015), Marcotulio, Pinheiro & Assis (2016), Santos (2016) e Calindro (2019).

No geral, esses trabalhos coincidem na constatação de um dissenso sobre como a variação dessas formas deve ser introduzida e sistematizada nos materiais didáticos para estrangeiros, revelando um *déficit* de diálogo e de reflexões sobre como transplantar o que os estudos linguísticos têm descrito sobre o PB para a prática de seu ensino como LE.

1.5 Em poucas palavras...

Neste capítulo tratei de um conjunto diverso de discussões.

Em 1.1, a partir de González (1994), Yokota (2005), Durão (2008) e Paiva (2014), tracei um breve percurso de estudos que trataram da influência da LM no processo de aprendizagem de LE, destacando o modelo da Análise de Interlíngua, de Selinker (1972), que adoto como marco teórico para a construção desta pesquisa.

Defini a interlíngua como um sistema linguístico em construção, relativamente compartilhado por estudantes de uma mesma LE que têm uma LM em comum e condições similares de aprendizagem. Também enfatizei a característica de variabilidade desse sistema, que apresenta estruturas e regras próprias tanto da LM quanto da LE e também alheias a esses dois sistemas.

Em 1.2, tomando por base os textos de González (1994, 2008, 2020), Celada & González (2005) e Fanjul & González (2014), problematizei a relativa proximidade entre o PB e o Espanhol, assumindo as duas línguas como inversamente assimétricas no que se refere a determinadas características de seus processos de pronominalização.

Também a partir dos resultados de González, discuti os modos como essas inversas assimetrias se manifestam na aprendizagem de ELE por brasileiros e quais as questões relevantes de se observar ao investigar a produção não nativa nesse par linguístico.

Em 1.3 sistematizei brevemente três trabalhos que contemplaram reflexões comparativas sobre a expressão de posse em PB e Espanhol, dando especial destaque à pesquisa de Gancedo Álvarez (2002, 2008), que observou um comportamento assimétrico das duas línguas quanto ao uso de estruturas dativas e genitivas para a expressão de posse inalienável. A tarefa utilizada pela investigadora para produção dos dados foi replicada como um dos instrumentos desta pesquisa.

Em 1.4, por fim, revisei brevemente um conjunto de trabalhos que tratam de aspectos relativos ao ensino e à aprendizagem dos possessivos do Português por falantes não nativos. Busquei demonstrar que a variação entre possessivos simples e de-possessivos tem aparecido em estudos da área há pelos menos cinco anos, mas que ainda há carência de estudos em que se analisem, a partir de dados concretos da interlíngua de estudantes estrangeiros, como se dá essa aprendizagem.

CAPÍTULO 2

SEU ou DELE? POSSESSIVOS SIMPLES E DE-POSSESSIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo me ocupo de discussões a respeito do paradigma dos possessivos do PB, com foco na variação dos possessivos simples e de-possessivos de 3P²⁰.

O capítulo está dividido em quatro seções: em 2.1 discuto algumas especificidades da categoria dos possessivos na gramática do PB e estabeleço algumas compreensões e generalizações quanto a sua função, à variação de formas e de nomenclatura; em 2.2 reviso um conjunto de estudos descritivos sobre a variação das formas em foco, destacando algumas variáveis que a literatura do tema tem destacado como significativas; em 2.3 reviso alguns trabalhos de diferentes perspectivas teóricas em que se buscou explicar a variação entre essas duas formas e, em 2.4, sintetizo alguns pontos chave do capítulo.

2.1 A expressão de posse e os possessivos: generalizações e especificidades

Antes que nada, me parece necessário tecer breves comentários sobre algumas questões pertinentes ao objeto de discussão neste capítulo, tais como a diferença entre os possessivos e a expressão de posse, a categorização dos possessivos na língua portuguesa e a variação na nomenclatura empregada na bibliografia sobre o tema.

Esses comentários são essenciais para estabelecer alguns entendimentos meus sobre o assunto e viabilizar as discussões que farei neste e nos próximos capítulos, tendo em vista, principalmente, a variação de termos em diferentes trabalhos para referir-se a um

²⁰ “Terceira pessoa”. Farei uso de tal estratégia de abreviação daqui em diante para tornar a leitura mais fluida: 1P, 2P e 3P se referem a primeira, segunda e terceira pessoa gramatical/do discurso. Se a este “P” segue um “S” ou outro “P”, estou me referindo, de maneira mais restrita, à pessoa do singular ou do plural, respectivamente. Uma legenda mais detalhada está disponível para consulta na lista de abreviações e siglas.

mesmo objeto linguístico ou, ainda, o oposto: o uso de um mesmo termo com diferentes conotações.

Nesse sentido, convém, primeiramente, destacar que temos, na língua portuguesa, diferentes possibilidades para expressar posse (entendida, essa, na sua conotação mais ampla, mais comum). São elas:

- os possessivos simples: meu(s), minha(s), teu(s), tua(s), seu(s), sua(s), nosso(s), nossa(s), vosso(s) e vossa(s);

Exemplos: (2.1) a. O meu livro é azul.

b. Aquela casa é tua?

c. O nosso filho gosta muito de ler.

- os de-possessivos: dele(s), dela(s), da gente, de você(s), do(s) senhor(es), da(s) senhora(s).

Exemplos: (2.2) a. Aqui está a via do senhor.

b. A caneta quebrada é dela.

c. O pai de vocês é advogado.

- expressões verbais de posse: ter, possuir, ser dono de, etc.

Exemplos: (2.3) a. Eu tenho três gatos.

b. A gente possui vários imóveis no interior.

c. Ela é dona da padaria.

- o possessivo nulo: uso de uma categoria vazia no lugar do possessivo, deixando a relação de posse implícita pelo contexto.

Exemplos: (2.4) a. A Ø mãe já chegou?

b. Ele tirou a Ø barba.

c. O técnico veio e baixou uns programas no Ø computador.

- os dativos possessivos: me, te, se, lhe(s), nos, vos e alguns sintagmas [a + N].

Exemplos: (2.5) a. Me parte(m) o coração essas coisas.

b. Roubaram[-lhes] o carro aos nostros pais.

- sintagmas genitivos: algumas das construções na forma [de + N].

Exemplos: (2.6) a. *Eles são filhos do Jorginho!*

b. *A biodiversidade da Amazônia é surpreendente.*

c. *A situação da cidade após a chuva é lamentável.*

- o pronome relativo “cujo(s)” e “cuja(s)”

Exemplos: (2.7) a. *O homem cuja carteira foi roubada ontem está aqui.*

b. *O carro, cujo estofado me pareceu muito bonito, é caro.*

c. *Ela agradeceu aos fãs, cujo carinho é imensurável.*

Evidentemente, essas formas não são sempre intercambiáveis. O uso de uma ou outra está, muitas vezes, relacionado a questões pragmático-discursivas, como tratarei de discutir neste capítulo.

O pronome relativo “cujo” e os dativos possessivos, por exemplo, têm suas possibilidades de uso muito reduzidas: o primeiro está praticamente extinto nas variedades orais do Português e os dativos possessivos, no PB, restringem-se a certos registros cultos, especialmente o literário (BARROS, 2006; MORAIS & RIBEIRO, 2014).

Ao longo do trabalho, farei referência ao conjunto dessas possibilidades todas como **construções possessivas** e ao conjunto especificamente dos possessivos simples, possessivos nulos e de-possessivos como **possessivos**.

Em segundo lugar, é necessário desconstruir a noção simplista de que os possessivos, dentre outras construções possessivas, expressam estritamente posse. Como observa Fiorin (2019, p.165 – grifos meus):

Quando o possessivo acompanha nome concreto comprável, significa **posse** (meu livro, minha casa); quando está associado a nome de lugar, indica **lugar em que se nasceu, lugar em que se mora** (minha cidade, meu país); quando está junto a nome designativo de parentesco, assinala **a relação de consanguinidade** ou **de afinidade** (meu cunhado), quando está em companhia de nome designativo de instituição, marca **pertença** (minha escola, meu regimento); quando está unido a nome referente a pessoa, denota **relação afetiva intensa** (minha querida, meu amor). Há nomes que não admitem a presença de possessivo, a menos que sejam usados em sentido figurado, como, por exemplo, *undo*, *meridiano*, *céu*, *chuva*. Já os nomes abstratos têm uma classificação diferente. Podem ser de ação, processo e estado. Quando um possessivo acompanha um abstrato de ação, indica o **agente** (minha partida = eu parto); quando está associado a um abstrato de processo,

assinala o **paciente** (minha morte = eu morri); quando está em companhia de um abstrato de estado, marca **posse de um dado atributo** (minha tristeza = estou triste).

Como fica claro, há uma multiplicidade muito mais ampla de sentidos que essas construções podem evocar²¹, o que abre espaço a discussões sobre qual a função desempenhada por essas estruturas na língua.

Neves (1996, 2019) discute essa questão e caracteriza os possessivos, retomando a nomenclatura empregada por gramáticos gregos como Apolônio Díscolo e Dracão, como uma categorial **bipessoal**, equivalente a um sintagma preposicionado [de + N], cujo sentido seria, justamente, o de uma relação, qualquer que seja sua natureza específica, entre dois nomes. Conforme a autora, essa relação bipessoal pode ser de dois tipos.

De um lado estão os possessivos que se relacionam a um Sintagma Nominal (SN) a-valente atribuindo justamente o sentido de posse/pertencimento, como em (2.8) e (2.9):

(2.8) *Essa é a minha caneta = É de minha posse essa caneta.*

(2.9) *Nossa faculdade está em greve = Está em greve a faculdade a que pertencemos.*

De outro lado, temos os possessivos que substituem sintagmas na forma [de + N] que atendem a uma função argumental dos N a que se relacionam, estabelecendo uma relação predicativo-argumental, como em (2.10) e (2.11), cumprindo, portanto, a função de complemento nominal (para usar a nomenclatura da gramática tradicional).

(2.10) *O seu fim está próximo = [O [fim [de Algo]] ...]*

(2.11) *A perspectiva dele é interessante = [A [perspectiva [de Alguém]] ...]*

²¹ Conquanto não se mostre produtivo para os limites desta investigação, não distinguirei na análise os diferentes sentidos evocados pelas construções possessivas, referindo-me de maneira genérica, a todos eles como “expressão de posse”.

Barros & Bittencourt (2003, 2004) se opõem à expressão “bipessoal” por considerarem que também outras categorias gramaticais cumprem essa função genérica de relacionar dois elementos, como as preposições. Os autores julgam mais adequada sua classificação como pronomes pessoais com marcação de caso genitivo.

Quer se utilize o termo “genitivo” ou “pronomes bipessoal”, duas observações precisam ser feitas. Primeiramente, embora os possessivos sejam, por regra, substituíveis por um sintagma [de + N], nem todo sintagma [de + N] é substituível por um possessivo simples, como se observa em (2.12)²². Em segundo lugar, há, sobretudo na língua falada, diversos usos dos possessivos que não se explicam estruturalmente e que têm funções meramente pragmáticas (2.13) ou que ocorrem por uma coincidência de formas (2.14) ou, ainda, por fazerem parte de expressões já cristalizadas (2.15).

(2.12) a. *Eu estava sentado perto dele.*

b. **Eu estava sentado seu perto.*

c. *A professora perguntou da gente?*

d. **A professora perguntou nosso?*

(2.13) a. *Ela deve ter já seus cinquenta anos.*

b. *Seu idiota!*

c. *Obrigado, sua linda!*

(2.14) *Tudo bem, Seu Zé?*

(2.15) *Nossa, que grosseria!*

A essa discussão, soma-se um dissenso na comunidade linguística quanto à categorização gramatical dos possessivos, ora tidos como pronomes, ora como adjetivos.

²² Conforme Soares (1999), uma forma de identificar se uma determinada estrutura [de + N] tem valor de posse ou se corresponde a outra função gramatical é substituir o possuidor pela 1ª pessoa do singular. Uma vez que “de mim” é rechaçado pelos falantes nativos de Português como possessivo, se na frase em questão for um uso aceito, não se trata de um possessivo, mas de outra categoria (um locativo, por exemplo).

É fato que os possessivos têm pontos em comum com ambos: desempenham função referencial e “substituem” algo, tal como os pronomes, relacionando-se muito proximamente às pessoas do discurso; em contrapartida, estabelecem uma concordância de gênero e número com os nomes a que se relacionam (exceto pelos de-possessivos, motivo pelo qual essas formas são, tradicionalmente, tidas como outra categoria, distinta dos possessivos *per se*) e têm uma estrutura sintática próxima à dos adjetivos, podendo se antepor ou se pospor ao N conforme o contexto e coincidir com artigo e outros determinantes; podem, além disso, ser substituídos por uma oração relativa, como em:

(2.16) a. *Essa é a minha caneta = Essa é a caneta que eu tenho.*

b. *Nossa situação é complicada = A situação pela qual passamos é complicada.*

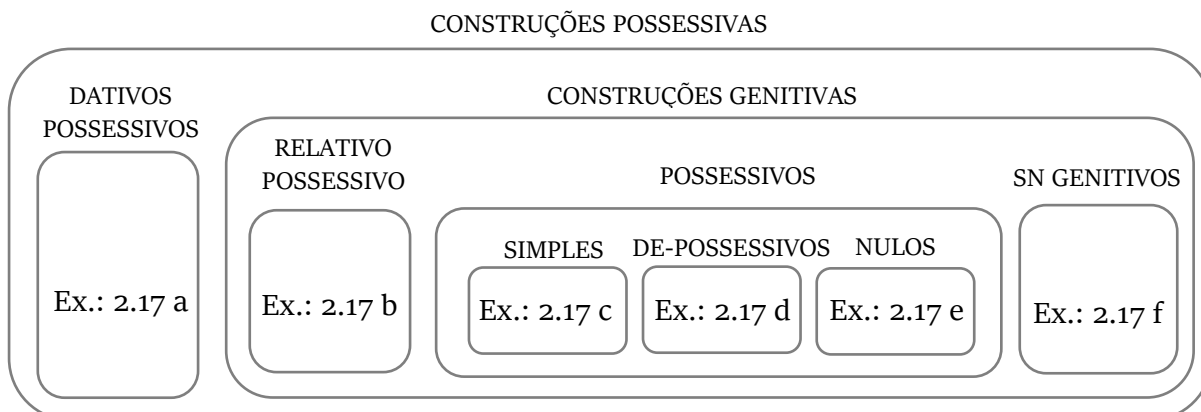
Especialmente em relação aos possessivos “dele(s)”, “dela(s)”, “de você(s)” e “da gente”, há uma significativa variação na nomenclatura empregada: são por vezes referidos como pronomes genitivos (KATO, 1985), como possessivos preposicionados (MENDES, 2018), possessivos perifrásticos (CALINDRO, 2019), possessivos analíticos (PERINI, 1985) ou de-possessivos (MARCOTULIO, PINHEIRO & ASSIS, 2015).

Foge ao escopo deste trabalho uma discussão epistemológica sobre essas variações de nomenclatura e categorização e a maior ou menor adequação de cada proposta para tratar da categoria dos possessivos.

Assumirei, para esta investigação, que os possessivos correspondem a uma categoria pronominal com marcação de caso genitivo (como forma de contrastá-los aos pronomes nominativos, dativos e acusativos), e utilizarei as denominações representadas no Esquema 1 (a seguir) para me referir às diferentes construções possessivas ao longo do trabalho.

Utilizarei ainda os termos genéricos “possuidor” e “possuído” para me referir aos elementos relacionados por essas construções, independentemente de seu valor específico.

Esquema 1 – Convenção de nomenclatura: construções possessivas



Fonte: Elaboração minha.

O uso dessas nomenclaturas é exemplificado a seguir:

(2.17) a. *Tirei-lhe_i o chapéu a Pedro_i.*

Possuidor: [Pedro] / Possuído: [o chapéu]

b. *O presidente_i, cujo_i mandato terminaria em breve, foi afastado.*

Possuidor: [O presidente] / Possuído: [mandato]

c. *A minha situação é mais complicada.*

Possuidor: [eu] / Possuído: [a situação]

d. *O João_i está bravo porque a Júlia perdeu o caderno dele_i.*

Possuidor: [João] / Possuído: [o caderno]

e. *Vocês já estão indo pra Ø casa?*

Possuidor: [vocês/nós] / Possuído: [a casa]

f. *A conclusão da saga foi decepcionante.*

Possuidor: [a saga] / Possuído: [a conclusão]

2.2 Os possessivos do PB e a (sua) descrição (deles)

É de cautela não oferecer conclusão definitiva a respeito dos assuntos aqui tratados. A instabilidade do sistema dos pronomes possessivos pode trazer sérios enganos a quem deseja interpretá-lo causando dificuldades de toda a ordem. (SOARES, 1999, p.100)

Nesta seção, sintetizo e discuto alguns estudos descritivos que trataram da variação dos possessivos do PB. Pretendo, assim, reunir e contrastar resultados de pesquisas diversas que evidenciam a inadequação tanto do paradigma tradicional dos possessivos da língua portuguesa²³ quanto de reinterpretações simplistas para dar conta de seu estatuto atual.

A partir desses estudos, na seção 2.3 me aterei a algumas perspectivas teóricas que se propõem a explicar a variação entre “seu” e “dele” como possessivos de 3P.

Um dos estudos mais amplos sobre o tema foi desenvolvido por Neves (1996) no âmbito da “Gramática do Português Falado”. Nesse trabalho, a autora analisa amostras do projeto NURC, com dados de cinco capitais brasileiras (São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (SSA), Porto Alegre (POA) e Recife (RE)), classificados conforme o tipo de inquérito utilizado para a coleta: Elocução formal (EF), consistindo num monólogo do entrevistado, essencialmente aulas universitárias e conferências; Diálogo entre dois informantes (D2), consistindo em amostras obtidas pela gravação da interação entre dois informantes, sem intervenção do entrevistador; e Diálogos entre informante e documentador (DID), consistindo, como o nome deixa entrever, em uma entrevista/um diálogo direto entre entrevistador e informante.

A ocorrência dos possessivos no *corpus* analisado foi a seguinte:

Figura 3 – Ocorrência de possessivos: projeto NURC

número do possuidor	SINGULAR		PLURAL		SINGULAR/PLURAL						T O T A L	
	1a.	2a.	1a.		2a.			3a.				
formas de expressão	<i>meu(s)</i>	<i>teu(s)</i> (tu)	<i>nosso(s)</i>	<i>da gente</i>	<i>teu(s)</i> (você(s))	<i>seu(s)</i> (você(s))	<i>de</i> <i>você(s)</i>	<i>seu(s)</i> (dele(s))	<i>dele(s)</i>			
EF	15 12.8%	0 0%	10 8.5%	2 1.7%	2 1.7%	11 9.4%	3 2.6%	67 57.3%	7 6.0%	117	23.59%	
D2	92 47.9%	3 1.6%	18 9.4%	1 0.5%	0 0%	18 9.4%	0 0%	20 10.4%	40 20.8%	192	38.71%	
DID	95 50.8%	0 0%	14 7.5%	2 1.1%	0 0%	2 1.1%	0 0%	55 29.4%	19 10.1%	187	37.7%	
TOTAL	202 40.7%	3 0.6%	42 8.5%	5 1.0%	2 0.4%	31 6.3%	3 0.6%	142 28.6%	66 13.3%	496	100.00%	

Fonte: Neves (1996, p.154)

²³ Como observam Perini (1986) e Guedes (2017), dentre outros autores, tradicionalmente incluem-se no sistema pronominal possessivo do PB apenas os possessivos simples e em referência às formas pronominais conservadoras da língua, em que a 2P é representada por “tu” e “vós”, sendo os possessivos de 2P, portanto, “teu” e “vosso”, enquanto “seu” seria restrito à 3P e a fórmulas de tratamento cordial. Ainda nessa perspectiva, costuma-se atribuir às formas de-possessivas um lugar secundário, cujo uso seria excepcional e motivado exclusivamente pela necessidade de desambiguação.

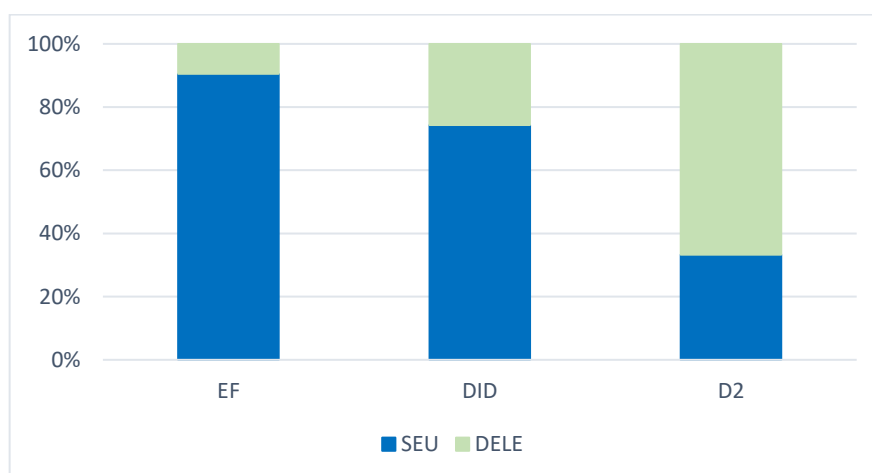
Destaco alguns dados que considero bastante chamativos nesse mapeamento:

- i) a baixa ocorrência de “teu”, em referência quer a “tu” quer a “você”, correspondendo a apenas 12,8% das formas possessivas de 2P;
- ii) a igualmente baixa produtividade da forma possessiva “de você(s)”, com menos de 7% de ocorrência dentre as formas possessivas de 2P;
- iii) a larga preferência por “seu” como possessivo de 2P, correspondendo a mais de 80% das ocorrências;
- iv) a também baixa ocorrência de “da gente”, correspondendo a apenas 11% das ocorrências de possessivos de 1PP;
- v) a preferência, no total, de “seu” como possessivo de 3P, correspondendo a 68% das ocorrências, frente a apenas 32% de “dele”.

Os dados são insuficientes para discutir os usos de “teu”, “de você(s)” e “da gente”, tendo em vista sua pouca frequência, de modo que a autora se detém a considerações mais aprofundadas apenas sobre a variação entre “seu” e “dele”, chamando a atenção inicialmente para a diferente distribuição dessas variantes conforme o tipo de inquérito.

Ilustro, no gráfico abaixo, a distribuição percentual dessas ocorrências:

Gráfico 2 – Ocorrências de “seu” e “dele” por tipo de inquérito



Fonte: Elaboração minha a partir dos dados de NEVES (1996, p.155).

Nesse ponto, convém destacar que se trata, nas três categorias, de amostras de língua falada culta, já que foram coletadas em ambientes universitários, entre informantes

com alto nível de escolarização. As diferenças no tipo de inquérito, contudo, são bastante relevantes e nos permitem sugerir que a maior ou menor ocorrência de “seu” e “dele” está relacionada a características dos contextos discursivos analisados.

Se tentamos localizá-los num contínuo de grau de monitoramento da linguagem pelo falante (aspecto destacado como relevante em outros estudos), temos a seguinte graduação, com notória correspondência à distribuição representada no Gráfico 1:

Esquema 2 – Grau de monitoramento conforme o tipo de inquérito

[+ monitorado] EF > DID > D2 [-monitorado]

Fonte: Elaboração minha.

Outro aspecto relevante demonstrado na análise da pesquisadora diz respeito à distribuição dessas formas segundo a cidade de coleta:

Figura 4 – Ocorrências de “seu” e “dele” conforme inquérito e cidade

		SEU		DELE	
EF	RJ	23	92.00%	2	8.00%
	SSA	21	100.00%	0	0.00%
	RE	8	80.00%	2	20.00%
	POA	13	100.00%	0	0.00%
	SP	2	40.00%	3	60.00%
	TOTAL	67		7	
D2	RJ	1	33.33%	2	66.67%
	SSA	0	0.00%	2	100.00%
	RE	6	46.15%	7	53.85%
	POA	2	33.33%	4	66.67%
	SP	11	30.56%	25	69.44%
	TOTAL	20		40	
DID	RJ	0	0.00%	2	100.00%
	SSA	19	76.00%	6	24.00%
	RE	34	100.00%	0	0.00%
	POA	0	0.00%	5	100.00%
	SP	2	25.00%	6	75.00%
	TOTAL	55		19	

Fonte: NEVES, 1996, p.156.

Destaco algumas observações sobre esses números:

- i) apesar dos poucos dados em EF, “dele” foi a forma com maior ocorrência em todos os inquéritos em São Paulo, sendo a única cidade em que, no cômputo geral, houve maior ocorrência do de-possessivo (69,39%);
- ii) em Porto Alegre e Rio de Janeiro, apesar dos poucos dados em alguns inquéritos, “dele” teve maior ocorrência tanto em DID quanto em D2;
- iii) houve uma grande preferência por “seu” em Recife e em Salvador tanto em EF quanto em DID, havendo, em D2, uma preferência, por pequena variação, por “dele”;
- iv) Salvador e Recife somam mais de 80% das ocorrências de possessivo de 3P em DID, tendo sido “seu” a forma preferencial nessas duas cidades e “dele” nas demais. Essa distribuição desigual de ocorrências por cidade no DID pode ter tido um peso significativo no cálculo percentual demonstrado no Gráfico 1.

A partir dessas observações podemos inferir que fatores diatópicos podem ter influência ou na distribuição de “seu” e “dele” como possessivos de 3P ou no [+/- monitoramento] dos informantes conforme o tipo de inquérito e também que, pelo menos nas variedades centro-sul brasileiras, diretamente ligada ao grau de monitoramento, a presença de uma relação dialogal pode ser outro fator influente nessa variação.

Neves destaca ainda que a análise das ocorrências de “seu” e “dele” no *corpus* observado não foi suficiente para que pudesse determinar os fatores intralinguísticos relacionados a sua variação. Ela menciona apenas a impossibilidade de uso de “dele” em correferência a sintagmas quantificados por expressões como “cada” e “todo”; a preferência de uso de “seu” quando o SN correferente antecede, com pouca distância, o possessivo; e a improdutividade da descrição do de-possessivo como alternativa desambiguadora.

Como observa Neves,

[...] não se pode afirmar que o uso de de+ele [dele] responda sempre a uma necessidade de se obter maior especificação, ou mesmo, de se fugir à ambigüidade. Em muitos casos em que se registra o emprego desse tipo de sintagma, seria indiferente, para a recuperação da informação, o uso do pronome possessivo [simples] (1996, p.161).

Também na década de 1990, Almeida (1993 *apud* MÜLLER, 1997, p.56-57), analisando outras amostras do projeto NURC, observou 55,8% de ocorrências de “dele” frente a 44,2% de “seu”, sendo de 100% a ocorrência de “seu” como possessivo referente a SN com quantificadores como “todos”, “todo mundo”, “cada”, “alguém” e “qualquer”.

O autor empreendeu uma análise de fatores intralinguísticos influentes nessa variação e observou que “seu” foi altamente favorecido com possuidores genéricos (94% das ocorrências) e “dele” foi favorecido com possuidores específicos (76%).

Esses dois estudos nos dão algumas pistas para entender os diferentes fatores que determinariam essa variação. A seguir, contrastarei esses dados com os de outras investigações, discutindo melhor:

- i) a influência de fatores regionais;
- ii) a influência da determinação semântica do referente possuidor;
- iii) a influência do contexto de produção dos dados;
- iv) a influência da idade e do grau de escolarização dos informantes.

Começo tratando de dois fatores que, sem estarem diretamente relacionados, podem ser discutidos a partir de uma mesma revisão bibliográfica: a influência de aspectos semânticos ligados à determinação do referente possuidor e a influência de fatores diatópicos.

No quadro a seguir, sintetizo brevemente um conjunto de trabalhos cujos resultados nos permitem aprofundar as interpretações apresentadas por Almeida e Neves sobre esses dois fatores. Por uma questão de simplificação, omiti do quadro alguns fatores identificados de maneira isolada nesses estudos, tais como a influência do gênero do possuidor, do possuído ou do informante.

Quadro 1 - Revisão de estudos sobre a variação de “seu” e “dele”

Autor	Características do <i>corpus</i> analisado	Ocorrências de “seu”	Ocorrências de “dele”	Fatores influentes identificados
Guedes (2015), citada por Guedes (2017)	Amostras de uso oral da língua por cariocas no âmbito do Projeto Concordância.	13,5%	86,5%	- “Dele” foi favorecido em referência a possuidores com traço [+específico] e [+animado]. - “Seu” foi favorecido em referência a elementos com traço [+genérico].

Oliveira e Silva (1991)	Amostras de uso oral da língua por cariocas e paulistas, no âmbito dos projetos NURC, MORAL e <i>Corpus</i> Censo.	13%	87%	- “Seu” foi favorecido em contextos sem referente, de referente inanimado, não específico, abstrato e/ou formalmente indefinido. - “Dele” foi favorecido em contextos referenciais.
Oliveira e Silva (1996), citada por Silva (2016)	Amostras de uso oral da língua por cariocas nas décadas de 1970 e 1980.	1970: 25% 1980: 8,4%	1970: 75% 1980: 91,6%	- Favorecimento de “seu” nos contextos em que o referente possuidor era [-animado], [-específico] e [-determinado]. - Favorecimento de “dele” nos demais contextos.
Silva (2016)	Dados de Natal-RN, no âmbito do Projeto <i>Corpus</i> D&G, com amostras de uso oral e escrito da língua.	Escrita (93%) Fala (14%)	Escrita (7%) Fala (86%)	- Modalidade do texto: escrita favorece “seu” e oralidade “dele”. - Tipologia textual: textos narrativos favorecem “dele”, enquanto textos injuntivos e descritivos favorecem “seu”.
Soares (1999)	Dados de cidades paranaenses no âmbito do Projeto VARSUL, formado por amostras orais espontâneas.	7,2%	92,8%	- “Seu” foi favorecido em referência a elementos com traço [+genérico] e [-determinado]. - “Dele” foi mais favorecido em Londrina do que nas demais cidades observadas. ²⁴
Arduin & Coelho (2003), citadas por Arduin (2005)	Dados do <i>corpus</i> do projeto VARSUL, formado por amostras de fala de SC, PR e RS	12%	88%	- “Seu” foi favorecido apenas em referência a possuidores genéricos. - “Dele” foi favorecido nos demais contextos.
Rocha (2009)	Amostras de língua falada de informantes de Belo Horizonte a partir de entrevistas do projeto “Descrição sócio-histórica do Português de Belo Horizonte”	22%	78%	- Distância do referente possuidor: quando mais distante, “seu” é desfavorecido. - A especificidade do referente possuidor: “dele” é desfavorecido com referente [+genérico].
Guedes (2017)	Pesquisa experimental que investigou a aceitabilidade de “seu” e “dele” por falantes nativos do PB no Rio de Janeiro. Foi solicitado aos participantes que atribuísem uma nota a cada sentença conforme sua avaliação de gramaticalidade. As sentenças eram manchetes jornalísticas (em modalidade escrita e oral). Foram categorizadas conforme os traços de determinação e animacidade do referente possuidor.	Escrita: 54% de aceitabilidade. Oralidade: 80% de aceitabilidade.	Escrita: 83,35% de aceitabilidade. Oralidade: 91,35% de aceitabilidade.	- A modalidade do texto, sendo o de-possessivo mais bem avaliado em textos orais. - A determinação do referente, sendo mais restrita a aceitabilidade do de-possessivo em referência a elementos [+genéricos].

Fonte: Elaboração minha.

²⁴ Soares sugere que esse maior favorecimento em Londrina poderia ser devido à ocupação histórica do território por colonos paulistas, ao passo em que outras cidades, como Curitiba e Irati, em se que favoreceu mais “seu” (ainda que, também nelas, a ocorrência do possessivo simples tenha sido de menos de 10%), foram ocupadas por colonos gaúchos.

Como se observa, o grau de determinação do referente possuidor é identificado reiteradamente como fator influente na variação de possessivos simples e de-possessivos de 3P, especialmente em *corpora* formados por registro de uso oral espontâneo da língua. Também no contraste de resultados desse conjunto de pesquisas, que abarcam amostras de SP, RJ, MG, RN, RS, PR e SC, observa-se uma preferência generalizada por “dele”, ao menos nas regiões Sul e Sudeste do país, não sendo um fenômeno exclusivo de SP.

Não encontrei dados sobre a distribuição dos possessivos de 3P no Centro-Oeste, Norte ou outras cidades do Nordeste brasileiro para além dos já mencionados. É possível supor que “seu” teria um uso mais estendido em outros estados, mas não há estudos que indiquem isso ou o oposto.

Além da especificidade do referente possuidor, destaco do Quadro 1 os resultados de Silva (2016) e Guedes (2017), que apontam uma influência também da modalidade do texto (oral ou escrito) e da sequência textual nessa variação.

Os estudos de Araújo (2003) e Menuzzi (1999 *apud* MORAIS & RIBEIRO, 2014) também apresentam resultados significativos nesse sentido:

Araújo (2003) analisou três edições da Revista Veja publicadas em 2000 e observou que o uso de “seu” era categórico nas matérias e artigos de opinião, havendo ocorrência de “dele” apenas em fragmentos de transcrição de fala. Já nos anúncios publicitários das mesmas revistas, observou o uso de “seu” em referência exclusivamente à 2P.

Menuzzi (1999 *apud* MORAIS & RIBEIRO, 2014, p.26-27), por sua vez, analisou as ocorrências dos possessivos de 3P no romance “Agosto”, de Rubem Fonseca, e observou que nas sequências narrativas o predomínio era de “seu” (94,5% das ocorrências), enquanto nas sequências dialogais havia 85,4% de uso de “dele”, sendo que 90,8% das ocorrências observadas de “seu” nos diálogos eram referentes à 2P, não à terceira.

Como se verifica, a modalidade do contexto (oral ou escrito) não é o único fator que determina essa variação. Aparentemente, outros aspectos qualitativos do contexto, dentre os quais poderíamos destacar a presença de uma relação dialogal e o monitoramento do texto, parecem também exercer alguma influência.

Conforme Faraco (2008), assumirei para esta investigação, de maneira generalizada, que há dois contextos em que a gramática do PB (e os usos dos possessivos de 3P, portanto) difere: de um lado, o contexto [-monitorado] (ou PB coloquial), consistindo

essencialmente no uso oral mais espontâneo da língua, com menos formalidade e, muitas vezes, tendo um locutor estabelecido. No outro extremo, o contexto [+monitorado] (ou PB culto), consistindo principalmente (mas não só) em produções escritas, com maior formalidade e, muitas vezes, sem um locutor específico.

Como dois extremos de um contínuo, há uma série de contextos nesse intermeio que podem se aproximar tanto de uma quanto de outra tendência.

Por fim, outra questão que aparece com alguma frequência na bibliografia sobre o tema é a influência do grau de escolarização e da idade no uso de “seu” ou “dele”.

Pesquisas como a de Araújo (2003), Sbalqueiro (2005 *apud* SILVA, 2016) e Valer (2006), em que se analisam os usos dessas formas possessivas em produções de estudantes em diferentes etapas do percurso escolar, sugerem que o uso de “seu” seria mais estendido em anos escolares mais avançados, sendo pouco frequente nos anos iniciais.

Também Oliveira e Silva (1991) e Silva (2016) em análises sociolinguísticas identificaram ocorrências quase nulas de “seu” na produção de crianças e adolescentes.

Esses resultados permitem a interpretação de que “seu” não faria parte da gramática do PB adquirida por crianças, sendo aprendido durante o percurso escolar por influência da norma padrão da língua.

Oliveira e Silva (1991), no entanto, interpreta o fenômeno sob outra perspectiva. Segundo a autora, a principal variável que determina essa variação é justamente o grau de “definitude” do referente possuidor, havendo uma especialização de “seu” em referência a possuidores [+genéricos]. A menor ocorrência de “seu” na fala e na escrita de crianças, portanto, seria resultado do baixo grau de abstração do seu discurso: quanto maior o grau de escolarização, mais abstrato tende a ser o discurso e mais recorrentes os referentes genéricos que promovem o uso de “seu”.

2.3 SEU vs. DELE: perspectivas teóricas sobre a variação

Como busquei demonstrar em 2.2, a variação entre “seu” e “dele” está na pauta dos estudos descritivos do Português Brasileiro há, pelo menos, quarenta anos e vários são os estudos que buscaram mapear a distribuição do possessivo simples e do de-possessivo de 3P em diferentes aspectos.

A partir desses estudos e da constatação categórica de que a descrição tradicional – segundo a qual “seu” seria o possessivo de 3P por excelência e “dele” uma estratégia desambiguadora – já não é suficiente para tratar do tema, diferentes perspectivas teóricas foram mobilizadas para se discutir e explicar linguisticamente os princípios que regem essa variação.

Conforme Morais & Ribeiro (2014), podemos identificar nessas discussões a defesa de duas principais teses: a da substituição de formas e da especialização de formas.

A primeira tese, da **substituição de formas**, é representada principalmente por Perini (1985), autor de um artigo clássico sobre o tema no qual analisa a reconfiguração do paradigma dos possessivos do PB a partir de alguns preceitos funcionalistas.

Conforme o autor, por conta da ambigüidade referencial de “seu”, o paradigma dos possessivos teria sido reconfigurado no registro coloquial da língua, especializando “seu” para referência à 2PS, “você”, e substituindo os possessivos tradicionais de 2PP, 3PS e 3PP por de-possessivos:

A língua coloquial livrou-se da ambigüidade do pronome *seu* permitindo que a mesma se especializasse como a forma possessiva de *você*, exclusivamente. Ou seja, na língua coloquial um sintagma como *seu pai* significa apenas o pai da pessoa designada como *você* (isto é, correspondente ao europeu *teu pai*); nunca significa o pai da(s) pessoa(s) designada como *ele*, *eles* ou *vocês*. As partes que resultam faltantes no quadro são preenchidas por sintagmas possessivos da forma de + N: *pai dele*, *pai deles*, *pai de vocês*. (PERINI, 1985, p.5).

Perini explica essa reconfiguração como resultado da atuação de dois princípios sobre a língua: o primeiro determinaria que ambigüidades na recuperação da pessoa referida devem ser evitadas e o segundo restringiria as mudanças desencadeadas pelo primeiro princípio às mínimas necessárias para se evitar a ambigüidade.

Kato (1985), no mesmo volume, publica uma réplica a esse trabalho de Perini:

Para Perini, no português coloquial, como *eu*, *você* e *nós* são os únicos que têm necessariamente a forma possessiva (*meu*, *seu* e *nosso*), os outros itens deixam de ser marcados como exceções positivas. A desmarcação é desencadeada pelo Princípio Um, mas ela não se alastra por todos os pronomes em virtude do Princípio Dois. Melhor formulada, essa teoria pode explicar as lacunas no sistema de possessivos, mas ainda não explica a impossibilidade de ocorrência das primeiras pessoas e *de você* em construções genitivas de + N. O trabalho de Perini não explica

se as construções genitivas [de-possessivos] são criadas ou se elas já existem. A terminologia do autor faz supor um arcabouço de matizes transformacionistas, e nesse caso a formação dos possessivos se daria a partir de uma regra transformacional que converteria, por exemplo, *de você* em *seu*, obrigatoriamente. Isso daria a explicação do porquê da não ocorrência de *de você* na superfície. Há, porém, uma maneira bem mais simples de tratar o problema, através de uma restrição distribucional do pronome. (PERINI, 1985, p.113)

A autora discute diversos pontos levantados no texto de Perini, mas diverge sobretudo quanto à interpretação apresentada pelo autor de que, na língua coloquial, haveria um sistema misto, com possessivos simples para a 1PS (“meu”), a 1PP (“nosso”) e a 2PS (“seu”) e de-possessivos para a 2PP (“de vocês”), a 3PS (“dele”) e a 3PP (“deles”).

Kato defende que haveria, na verdade, dois sistemas completos, cujas formas são favorecidas ou restringidas por determinados fatores. Assim, teríamos um sistema de possessivos simples (meu, seu, seu, nosso, seu, seu), em que a forma “seu”, quando em referência à 3P ou às 2PP, teria seu uso restringido para evitar ambiguidades. De outro lado, teríamos um sistema de de-possessivos (de mim, de você, dele(a), de nós, de vocês, deles(as)), em que as formas de 1PS, 1PP e 2PS seriam restringidas por questões externas à língua, como uma estigmatização por parte dos falantes. Interpretação similar é feita por Cerqueira (1997, 2018).

Como observa Guedes (2017), no entanto, Perini, em sua “Gramática do português brasileiro” (2010), ainda sustenta a interpretação de que, na língua escrita, o possessivo de 3P é “seu”, mas, na língua falada, é “dele”, sendo “seu” exclusivo, nessa modalidade, da 2PS.

Marcos Bagno (2010) defende uma posição similar: “Os possessivos também têm uma distribuição interessante no que diz respeito à língua falada e à língua escrita. Na fala, o possessivo *seu/sua* é usado exclusivamente com referência a *você*. Com referência a *ele/ela* usamos, na fala, exclusivamente *dele/dela*” (p. 79). A mesma descrição é apresentada pelo autor em sua “Gramática brasileira para hablantes de español” (2015), escrita em coautoria com Orlene Lúcia S. Carvalho.

Também Câmara Júnior (2011) interpreta o fenômeno dessa forma. Segundo ele: “O resultado [para a “ambiguidade incômoda” de “seu”] na língua coloquial e mesmo na escrita em língua informal é a eliminação da série *seu* para P3, 6 [3PS e 3PP] e sua substituição neste caso por *dele* etc” (p.121).

A partir de todos os dados reunidos na seção anterior, no entanto, é possível entrever que essa tese, embora tenha suas motivações, não se sustenta em todos os contextos: mesmo “dele” tendo avançado sobre “seu”, o possessivo simples ainda é produtivo na língua falada, especialmente sob determinadas condições de registro e recuperando SN com traço [+genérico] ou acompanhado por quantificadores como “cada” e “todos”.

Nesse sentido constitui-se a segunda tese, a da **especialização de formas**, que defende justamente que “seu” e “dele” tendem a manter-se, ambos, na língua falada, mas se especializando em campos distintos. A principal voz a sustentar essa interpretação é Müller (1997), para quem “seu” estaria se especializando como variável presa, uma anáfora que se estabelece pela coincidência de um argumento nominal (o genitivo) e um argumento anterior, “na maioria dos casos, sintagmas quantificados ou sintagmas genéricos cuja interpretação pode ser traduzida por um quantificador universal” (MÜLLER, 1997, p.177). O de-possessivo, por sua vez, seria especializado no estabelecimento de relações de correferência com SN [+determinados].

A proposição de Müller é reiterada por diversos autores, como Soares (1999), Morais & Ribeiro (2014), Guedes (2017) e Freitag & Siqueira (2018), que observam esses comportamentos de “seu” e “dele” nos *corpora* que analisam.

É válido esclarecer que, a despeito dessa tendência de especialização de formas, sobretudo na língua falada, possivelmente devido a certo conflito com a gramática padrão, observam-se algumas áreas de variação, em que “seu” e “dele” são (ainda) intercambiáveis.

Além disso, como observa Oliveira e Silva (1991), a especificidade ou definitude do referente não é uma variável única, mas um conceito amplo que abarca uma diversidade de variáveis, como, pelo menos, a presença do referente, a especificidade referencial, a concretude do referente e sua definição formal.

Das combinações dessas diferentes variáveis, resultaria um espectro amplo de possibilidades:

Há, de um lado, os antecedentes totalmente gerais (ou indefinidos), entre eles, os quantificadores *todos*, *todo mundo*, *cada*, *alguém*, *qualquer*, categoricamente relacionados à forma *seu*. De outro, os itens completamente definidos e específicos que “propiciam drasticamente” o uso da forma *dele*. Na área de variação há um *continuum* envolvendo os indefinidos não referenciais (um cara), os definidos não

referenciais (o cara), os definidos que expressam grupos de tamanho ilimitado (os padres, as crianças) e tamanho limitado (meus netos, meus alunos). (OLIVEIRA E SILVA, 1982 *apud* MORAIS & RIBEIRO, 2014, p.22)

Em consonância com Müller (1997) e Oliveira e Silva (1991), considerarei que “seu” não está sendo completamente substituído por “dele” no PB. Embora a forma de-possessiva tenha se estendido a contextos mais amplos de uso (MORAIS & RIBEIRO, 2014), ainda apresenta restrições em referência a possuidores menos definidos, menos concretos, menos específicos, menos referenciais e menos animados, contextos em que “seu” permanece como possessivo exclusivo ou preferencial, mesmo em contextos [-monitorados].

2.4 Em poucas palavras...

Neste capítulo, me ocupei de discussões distintas a respeito da expressão de posse no PB, dando especial atenção à variação entre “seu” e “dele” como possessivos de 3P.

Em 2.1 destaquei a existência de diferentes estruturas na língua para a expressão de posse, que, por sua vez, compreende um conjunto bastante mais amplo de valores do que o de posse restrita. A partir de Neves (1996, 2019), considerei os possessivos como estruturas pronominais bipessoais/genitivas, que podem ocupar um espaço argumental de um SN, cumprindo a função de complemento nominal, ou se relacionar a SN a-valente expressando o sentido estrito de posse ou pertencimento.

Em 2.2 revisei um conjunto de estudos descritivos que trataram da variação de possessivos simples e de-possessivos de 3P no PB. Contrastando características dos *corpora* e os resultados de diferentes estudos, discuti a relevância da variação regional, da definição semântica do referente possuidor, do contexto de produção e da escolaridade do sujeito informante como fatores influentes na variação em foco.

Em 2.3 sintetizei, a partir de Moraes & Ribeiro (2014) as duas principais perspectivas teóricas sobre a variação de “seu” e “dele”.

Em termos gerais, assumi que há duas tendências distinguíveis no PB no que se refere à variação dos possessivos de 3P: em contexto de produção [+monitorada], compreendendo sobretudo a escrita formal, tende-se a utilizar majormente “seu”, havendo apenas usos pontuais de “dele”, normalmente devidos à ambiguidade do contexto.

Em contexto de produção [-monitorada], por oposição, há maior tendência de uso de “dele”, mas ainda em distribuição com “seu”, que permanece como estrutura preferencial na referência a possuidores [+genéricos].

CAPÍTULO 3

¿SU o DE ÉL?

OS POSSESSIVOS DE TERCEIRA PESSOA NO ESPANHOL

Neste capítulo me ocupo da variação entre possessivos simples e de-possessivos de 3P na gramática do Espanhol.

O texto está dividido em quatro seções: em 3.1 traço algumas considerações iniciais sobre as construções possessivas na língua espanhola, destacando alguns pontos específicos para discussão; em 3.2 reviso um conjunto de estudos descritivos sobre a distribuição entre “su” e “de él”, indicando os principais fatores que se observam como influentes nessa variação; em 3.3 comparo os usos e significados das formas possessivas simples e de-possessivas no PB e no Espanhol, propondo sua inclusão como mais um ponto da gramática dos dois idiomas em que se observam as inversas assimetrias descritas por González (1994). Em 3.4, por fim, destaco algumas informações centrais do capítulo.

3.1 Os possessivos na Língua Espanhola: considerações iniciais

As construções possessivas em Espanhol têm um estatuto linguístico similar às do Português: abarcam uma diversidade mais ampla de sentidos do que estritamente o de posse e há um paralelo notável nas possibilidades de construções possessivas nas duas línguas.

Tal como em Português, em Espanhol destacam-se as seguintes possibilidades²⁵:

- os posesivos simples: *mi(s)*, *tu(s)*, *su(s)*, *nuestro/-a(s)*, *vuestro/-a(s)*, *mía/-o(s)*, *tuya/-o(s)*, *suya/-o(s)*.

Exemplos: (3.1) a. *Su trono estaba chapado de oro.*

b. *Vuestra llegada produjo una enorme satisfacción.*

c. *Esta hija tuya es inteligentísima.*

²⁵ Os exemplos foram retirados de Picallo & Rigau (1999, p. 973-1023).

- os de-possessivos: de él, de ella(s), de ellos, de usted(es), de nosotros(as), de vosotros(as).

Exemplos: (3.2) a. *La expresión de él.*

b. *Los gritos de ella.*

c. *Nadie habla de los problemas de él.*

- expressões verbais de posse: tener, poseer, ser dueño de, etc.

Exemplos: (3.3) a. *La cómoda tiene seis cajones.*

b. *Pedro posee una cómoda modernista.*

c. *La cómoda modernista pertenece a Juan.*

- o possessivo nulo: uso de uma categoria vazia no lugar do possessivo, acompanhada de artigo definido, deixando a relação de posse implícita.

Exemplos: (3.4) a. *¿Juan levantó los brazos.*

b. *Sacó el pañuelo del bolsillo.*

c. *Juan perdió la vida en aquel triste accidente.*

- os dativos possessivos: me, te, se, le(s), nos, os e alguns sintagmas [a + N].

Exemplos: (3.5) a. *El barbero le afeitó el bigote.*

b. *Juana me lavó el coche pequeño.*

c. *Le, peiné la melena a tu sobrina.*

- sintagmas genitivos: algumas das construções na forma [de + N].

Exemplos: (3.6) a. *La tía de Carlos.*

b. *La estupidez del ministro.*

- pronome relativo: “cuyo(s)” e “cuya(s)”

Exemplos: (3.7) *En un lugar de la Mancha de cuyo nombre no quiero acordarme.*

Também em Espanhol há uma variação significativa na nomenclatura utilizada para se referir a algumas dessas possibilidades. Por conveniência, utilizarei a mesma nomenclatura descrita no Esquema I (página 44) para o PB.

Pautando-me em Radelli (1978), considerarei a função gramatical dos possessivos do Espanhol da mesma maneira como o fiz para o PB, isto é, como categorias bipessoais/genitivas, que podem funcionar como complemento nominal, estabelecendo uma relação predicativo-argumental com o SN “possuído”, ou adicionando o sentido estrito de posse/pertencimento a um SN não-argumental.

Em um nível estrutural de observação, pode-se apontar dois principais aspectos em que as construções possessivas (mais especificamente os possessivos simples) difeririam entre o Espanhol e o Português:

- i) na existência de formas átonas e tônicas dos pronomes de 1PS, 2PS e 3P no Espanhol, sendo as átonas formas reduzidas dos pronomes tônicos quando em posição pré-nominal (por exemplo: “esta casa es suya” -> “esta es su casa”);
- ii) na neutralização das marcas de flexão de gênero nas formas reduzidas do Espanhol.²⁶

A esses dois aspectos, soma-se uma terceira diferença, recorrente na bibliografia comparativa da expressão de posse em línguas latinas (BRITO, 2003; CASTRO, 2006; BERTRÁN & NATALE, 2017), que é a presença ou ausência de artigo definido antes do possessivo simples pré-nominal.

Em Espanhol, por regra, os possessivos simples carregam já o traço [+definido] e seu uso combinado com artigo é incomum, embora seja observado em algumas das variedades peninsulares. Já na língua portuguesa, esse é um ponto de variação interna: no Português Europeu, usa-se quase sempre o artigo, enquanto no PB há uma significativa variação, sendo admitido seu uso ou omissão, consoante o contexto intra e extralinguístico.

²⁶ Cabe mencionar que, embora não reconhecidas na norma padrão da língua, essas duas características são observadas também em algumas variedades do Português Europeu (CASTRO, 2006), mas não no PB.

Especificamente quanto ao possessivo “su(s)”/“suyo(s)”/“suya(s)”²⁷, tal qual em PB, é uma forma ambígua. Como pontua Gili Gaya (1973, p.240 – tradução minha):

O possessivo de terceira pessoa, especialmente na sua forma apocopada *su*, oferece na nossa língua uma evidente ambigüidade, em contraste com a variedade formal do inglês, e ainda mais do alemão. Ao dizer *su casa* podemos nos referir a *la casa de él, de ella, de ellos, de ellas, de usted* ou *de ustedes*.²⁸

Conforme o autor, com o propósito de evitar essa ambigüidade, tem-se, desde a Idade Média, a possibilidade de uso de estruturas duplicadas em Espanhol na forma [su + N + de + pronome pessoal de 3P ou de 2P de cortesia]. Essa estrutura duplicada, no Espanhol contemporâneo, teria sido reduzida aos casos de tratamento de cortesia (su... de usted(es)), sendo as duplicadas com 3P (e também com 1P) características de algumas variedades andinas²⁹ e mexicanas³⁰:

O possessivo anteposto de terceira pessoa pode aparecer duplicado pelo complemento genitivo introduzido por *de* que expressa o possuidor: *su casa de Juan, su libro de ustedes, su abuelo de ellas*. O espanhol peninsular atual tende a

²⁷ Farei referência, de maneira genérica, a esse conjunto como “su” a partir de agora.

²⁸ “El posesivo de tercera persona, especialmente en su forma apocopada *su*, ofrece en nuestra lengua evidente ambigüedad, en contraste con la variedad formal del inglés, y aún más del alemán. Al decir *su casa* podemos referirnos a *la casa de él, de ella, de ellos, de ellas, de usted* o *de ustedes*.”

²⁹ A esse respeito, há certo debate na tradição linguística peruana. O fenômeno, na região andina, é observado especificamente nas comunidades indígenas, entre indivíduos falantes, principalmente, de línguas quéchua e aymará, idiomas que têm a particularidade de expressarem posse a partir de uma estrutura de dupla afixação: acrescenta-se um afixo ao referente possuído e outro ao referente possuidor. Essa constatação serviu de base a que, historicamente, o uso da estrutura duplicada do Espanhol nessa região fosse descrito como um fenômeno de transferência/influência dessas línguas indígenas. Godenzzi (2010), por exemplo, rechaça essa hipótese, pautando-se no fato de que a estrutura duplicada, tal qual em Português, existia e era significativamente produtiva no Espanhol arcaico. Para o autor, a existência do fenômeno na região andina não se deve à influência de línguas indígenas, mas à manutenção de uma forma arcaica do Espanhol. Já Escobar (1992) apresenta outra hipótese, conciliadora das duas. Conforme a autora, essas comunidades andinas teriam, por conta do modo como se dá a expressão de posse em suas línguas maternas, uma ‘predisposição’ a fazê-lo por meio de estruturas duplicadas e que, em contato com ocorrências (*inputs*) da estrutura duplicada em Espanhol, fora de um contexto formal de ensino, não perceberiam as condições discursivas que pautam seu uso na língua e assimilariam, no *intake*, a informação de que o Espanhol comporta a estrutura duplicada para expressão de posse, adicionando o possessivo simples antes do possuído e “de” antes do possuidor: “¿cómo sigue su mamá del Pepito C.?” (GODENZZI, 2010, p.64).

³⁰ No caso mexicano, Company Company (2001) analisa esse fenômeno como uma reanálise gramatical de “su”. Conforme a autora, sua forte ambigüidade e a possibilidade de uso da duplicação pelo de-possessivo oferecida na língua favoreceram sua reinterpretação como mero elemento determinador, cabendo ao de-possessivo a expressão de posse. Essa hipótese se confirmaria pela observação de um aumento progressivo da forma duplicada no Espanhol Mexicano, estando, segundo a autora, cada vez mais desvinculado do fator [+ ambigüidade] do contexto, que já não seria suficiente para explicar sua ocorrência.

limitar a duplicação do possessivo aos casos *su(s) de usted, su(s) de ustedes*. No entanto, esse pleonasmo é de uso frequente na fala popular do México ou do Espanhol andino. (PICALLO & RIGAU, 1999, p.981 – tradução minha)³¹

Ainda conforme Gilli e Gaya (1973), tanto nas variedades americanas quanto nas peninsulares, a interpretação preferencial de “su” é como possessivo de 3P. Na “Nueva Gramática de la Lengua Española” (NGLE), no entanto, descreve-se a interpretação de “su” como preferencialmente de 3P na Espanha, mas como de 2P na América Hispana, sendo mais comum nestas variedades, portanto, segundo a NGLE, sua substituição pelas formas preposicionadas “de él”, “de ella”, “de ellos” e “de ellas”³² quando em referência à 3P.

Interpretação semelhante à da NGLE é apresentada por Picallo & Rigau (1999, p.991 – tradução minha), que associam o uso dos de-possessivos às variedades americanas:

No Espanhol da América é frequente a substituição do possessivo [simples] pelo pronome pessoal com preposição: *Es idea de nosotros; los libros de vosotros; el cuarto de él*. Esse tipo de possessivo analítico se utiliza igualmente em alguns dialetos de León (*un criado de mí*), assim como em dialetos do ocidente asturiano.³³

Tratarei dessa questão com mais profundidade em 3.2, ao trabalhar com alguns estudos descritivos que contrapõem essa interpretação a dados empíricos de variedades americanas e peninsulares.

Picallo & Rigau (1999) chamam a atenção ainda para algumas ocorrências dos possessivos não relacionadas a sua função como complemento nominal ou com a expressão de posse estrita, mas com outros sentidos, que os autores interpretam como uma forma de “intensificar ou alterar uma característica que se assume como suposta ou inerente” (p.984 – tradução minha)³⁴.

É o caso de sentenças como estas, citadas pelos autores (*ibidem*):

³¹ “El posesivo antepuesto de tercera persona puede aparecer doblado por el complemento genitivo introducido por *de* que expresa al poseedor: *su casa de Juan, su libro de ustedes, su abuelo de ellas*. El español peninsular actual tiende a limitar el doblado del posesivo a los casos *su(s) de usted, su(s) de ustedes*. Sin embargo, este pleonasmo es de uso frecuente en el habla popular de México o del español andino.”

³² Farei referência, de maneira genérica, a esse conjunto como “de él” a partir de agora.

³³ “En el Español de América es frecuente la sustitución del posesivo por el pronombre personal con preposición: *Es idea de nosotros; los libros de vosotros; el cuarto de él*. Este tipo de posesivo analítico se utiliza asimismo en algunos dialectos de León (*un criado de mí*), así como dialectos del occidente asturiano.”

³⁴ “[...] intensificar o alterar uma característica que se assume como suposta ou inerente”

- (3.8) a. *María tendrá sus cuarenta años.*
 b. *La fotografía de María tiene su encanto.*
 c. *Estos adornos tienen su gracia.*

Como discuti em 2.1, usos similares a esses são possíveis também em PB, em que possessivos sem valor de posse/pertencimento ou função de complemento nominal ocorrem também por cristalização de expressões (“Minha nossa!”) ou coincidências de formas (“Seu Zé”). Suspeito que essas possibilidades de uso não sejam completamente coincidentes nas duas línguas, mas esse seria tópico para outra discussão de que não me ocupo aqui.

Destaco por fim uma característica do paradigma de possessivos do Espanhol, recorrentemente citada na bibliografia sobre o tema (PICALLO & RIGAU, 1999; RAE-ASALE, 2010; BERTOLOTTI, 2013), que é o avanço do uso de formas possessivas simples em outros contextos sintáticos em que seriam, a princípio, agramaticais.

Em 2.1 comentei que os possessivos correspondem a sintagmas [de + N], mas que nem todo sintagma [de + N] pode ser substituído por um possessivo simples e o exemplifiquei com duas sentenças em PB que reproduzo novamente abaixo.

- (3.9) a. *Eu estava sentado perto dele.*
 b. **Eu estava sentado seu perto.*
 c. *A profesora preguntou da gente?*
 d. **A profesora preguntou nosso?*

No Espanhol atual, especialmente em registros mais coloquiais, o que se tem descrito é justamente uma gramaticalização do uso de possessivos simples tônicos em lugares argumentais que fogem ao campo das construções genitivas. Esse fenômeno seria motivado por uma associação mais ampla entre os possessivos e os sintagmas [de + N], especialmente no caso de expressões locativas, como “delante mío” ou “detrás nuestro”.

No entanto, Bertolotti (2013), que estudou alguns casos de reanálise de possessivos na variedade rioplatense, destaca alguns outros usos que se tem observado que extrapolam o contexto específico das expressões locativas, como ilustram os exemplos a seguir reunidos pela pesquisadora (p.68):

- (3.10) a. *¿ese chico que yo gusto, gusta mio? [gusta de mí]*
 b. *me rompe las bolas que hablen mal mío a mis espaldas! [hablen de mí]*
 c. *Bue... descubri que es lo que piensa mio mi suegra. [piensa de mí]*

Interessa notar que, se o objeto de interesse desta investigação está relacionado, em termos simplistas, ao fenômeno, bastante estendido no PB, de substituição do possessivo simples pelo de-possessivo, nesse caso específico do Espanhol temos o oposto: a substituição de sintagmas [de+N], mesmo sem valor de posse (em sentido amplo), por um possessivo simples.

Outro caso de reanálise no sistema pronominal possessivo apontado por Bertolotti é a possibilidade, observada especificamente na variedade rio-platense, de uso do possessivo “vuestro(a)/s” em referência a “usted(es)”, como forma de evitar a ambiguidade de “su”. Reproduzo a seguir um dos exemplos apresentados pela autora (BERTOLOTTI, 2013, p.66):

- (3.11) *Para dejarnos vuestros₁ antecedentes usted₁ puede₁ dirigirse a nuestra dirección de e-mail. Agradecemos vuestro₁ interés en nuestra compañía [Rebollo, 2011, pp. 542-543].*

Essa possibilidade, assim como a tendência já destacada de uso de formas duplicadas como “su ... de usted(es)” em outras variedades, incluídas as peninsulares, para desfazer a ambiguidade do possessivo simples, são exemplos de estratégias encontradas pela língua espanhola que diferem da adotada no PB.

Além disso, a maior manutenção de paradigmas pronominais de 2PS no Espanhol e, conseqüentemente, do possessivo “tu”, em referência quer a “tú” quer a “vos”, leva a que a ambiguidade referencial de “su”, embora existente na língua, ocorra em contextos mais limitados, justificando que não tenham sido produzidas em Espanhol alterações tão estendidas no paradigma pronominal como as descritas para o PB no capítulo 2.

3.2 SU vs. DE ÉL: estudos descritivos

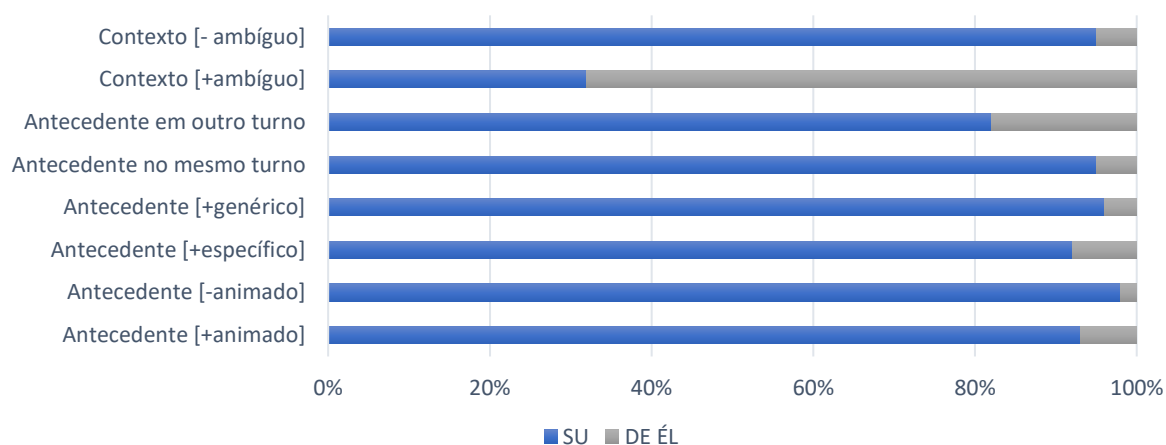
Na seção anterior, tratei de maneira geral das construções possessivas no Espanhol, destacando pontos de encontro e desencontro com a gramática da língua portuguesa e, mais especificamente, do PB. Passo, agora, a discutir de maneira mais focada a variação de “su” e “de él” como possessivos de 3P.

O trabalho mais amplo sobre o tema a que tive acesso é o estudo de Pereira & Marcotulio (2020), que analisam essas ocorrências, em uma perspectiva variacionista laboviana, em amostras de doze cidades hispanas a partir de dados do *corpus* “Macrocorpus de la norma lingüística culta de las principales ciudades de España y América”, formado entre os anos de 1970 e 1980 por registros orais, com informantes cultos, em interações com o entrevistador³⁵.

Das 2.364 ocorrências de possessivos de 3P analisadas por Pereira e Marcotulio, 2.220 (94%) foram de possessivos simples e apenas 144 (6%) de de-possessivos.

Na análise da influência de fatores intralinguísticos, observou-se o seguinte:

Gráfico 3 - *Influência de fatores linguísticos na variação de "su"/"de él"*



Fonte: Elaboração minha a partir de Pereira & Marcotulio (2020).

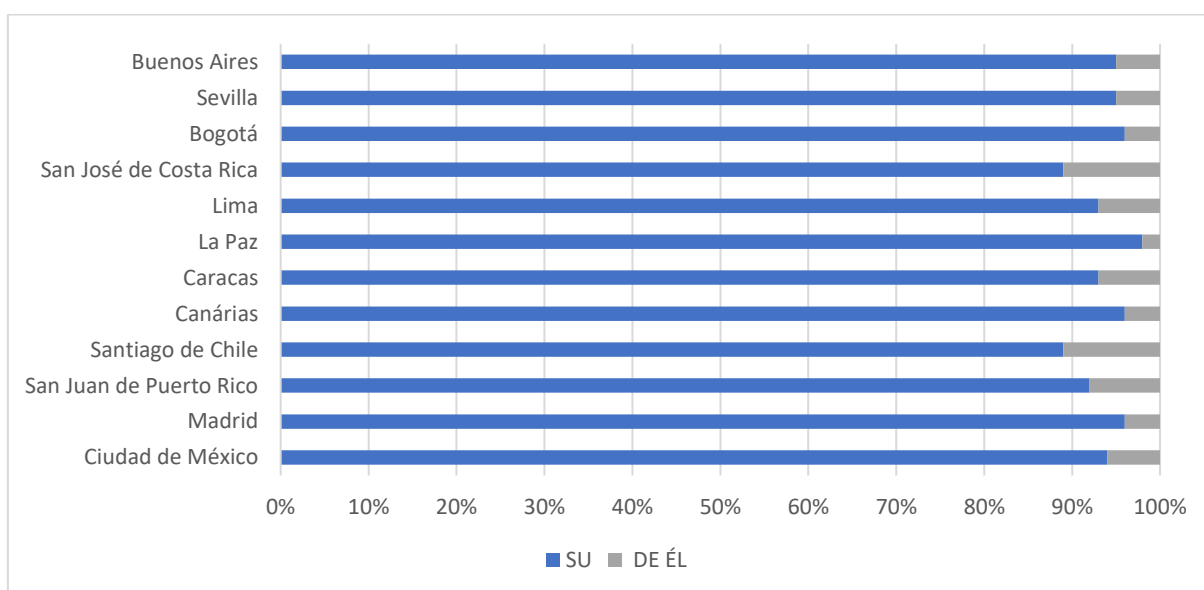
³⁵ Essas características do *corpus* utilizado permitem uma comparação aproximada dos resultados dessa pesquisa aos obtidos por Neves (1996) no inquérito DID para o PB: 74% de uso de “seu” e 26% de “dele”. É importante também lembrar o que registrei em 2.2: houve, nesse inquérito, uma enorme discrepância das amostras por cidade. Salvador e Recife favorecerem “seu”, mas Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro favoreceram largamente “dele”. Nesse sentido, os 74% de ocorrência total de “seu” são fortemente influenciados por Recife e Salvador, que somam mais de 80% das ocorrências de possessivos de 3P no inquérito. Se fizermos uma média das porcentagens de cada cidade, num intento de neutralizar esse fator, temos apenas 40% de ocorrências de “seu” e 60% de “dele” no PB.

No tratamento estatístico dos dados, confirmou-se o que o gráfico deixa entrever: há um grande favorecimento generalizado de “su” no Espanhol, sendo o contexto [+ambíguo] o único favorecedor de “de él” (P.R. 0.971), dando a entender que a ocorrência de de-possessivos de 3P na língua atende basicamente a uma necessidade de desambiguação.

Gostaria de destacar ainda a não produtividade dos traços [+específico] ou [+genérico] do antecedente nessa variação, traços estes que as pesquisas sobre o PB demonstram como mais significativos para a variação de “dele” e “seu”. Além disso, me chama a atenção o contexto de antecedente [-animado], que, embora não destacado na análise estatística dos dados, é o que teve, proporcionalmente, menos ocorrências de “de él”. Suponho que essa restrição esteja relacionada a um aspecto mais amplo da língua espanhola, já comentado por González (1994) e outros pesquisadores, que é a restrição de uso dos pronomes tônicos “él”, “ellos”, “ella” e “ellas” com referente [-animado].

Na análise da influência de fatores sociais, não se observou favorecimento ou desfavorecimento de qualquer das formas no tocante a idade, sexo nem a local de origem do informante. Apesar disso, reproduzo no gráfico a seguir a distribuição dos possessivos de 3P por cidade, considerando que a distinção entre o Espanhol Peninsular e o Americano é apontada como relevante na NGLÉ e em Picallo & Rigau (1999).

Gráfico 4 - *Influência de fatores diatópicos na variação de "su"/"de él"*



Fonte: adaptado de Azevedo & Marcotulio (2020, p.453).

Os dados deixam evidente a pouca relevância de aspectos diatópicos para tratar dessa variação. De modo geral, em todas as cidades o de-possessivo foi pouco produtivo, sendo levemente mais favorecido (mas ainda assim em muito menor proporção do que “su”) nas amostras de Costa Rica e Santiago de Chile (11%) e especialmente menos favorecido nas amostras da Bolívia (2%). As cidades espanholas contempladas na análise tiveram frequências similares às demais cidades hispanas.

Também Sánchez Avendaño (2008) apresenta fortes críticas a essa distinção feita por certas gramáticas do idioma. Conforme o autor (p.193-194 – tradução minha):

A despeito de que o tema de que nos ocupamos neste trabalho pode se gabar de ter atrás de si uma considerável tradição no que se refere à descrição da gramática do Espanhol e à variação dialetal da língua, é de se lamentar que não tenham sido realizadas análises – pelo menos quanto ao Espanhol costarricense – baseadas em corpus de fala espontânea, mas que os pesquisadores tenham se limitado a teorizar sobre o sistema de possessivos no Espanhol americano a partir de suas impressões ou dados isolados. Desse modo, não foi considerada a incidência de variáveis sociais ou de registro na variação, e por isso costumam ser reproduzidas generalizações sem um trabalho empírico de sustento, como a de que no Espanhol da América (ou o Espanhol Atlântico, se se emprega a denominação mais ampla, como se verá logo) a forma ‘su’ só codifica a segunda pessoa singular ‘usted’ e que para a terceira pessoa são usadas construções analíticas [os de-possessivos].³⁶

Sánchez Avendaño (2008) se refere especificamente aos estudos de De Granda (1978), citados pelo autor, que são usados como referência, por exemplo, pela NGLE.

De Granda analisou no Espanhol falado nas Ilhas Canárias (território insular atlântico espanhol localizado no norte da África) alguns fenômenos pronominais decorrentes do abandono de “vosotros(as)” na função de 2PP. No caso dos possessivos, essa perda teria ocasionado um aumento na ocorrência do de-possessivo “de ustedes”, que, por sua vez, teria

³⁶ “Pese a que el tema del que nos ocupamos en este trabajo puede preciarse de tener tras de sí una considerable tradición en lo que a la descripción de la gramática del español y la variación dialectal de esta lengua se refiere, es de lamentar que no se hayan realizado análisis –al menos en cuanto al español costarricense– basados en corpus de habla espontánea, sino que los investigadores se han limitado a teorizar sobre el sistema de posesivos en el español americano a partir de sus impresiones o datos aislados. De este modo, no se ha considerado la incidencia de variables sociales o de registro en la variación, y por ello se suelen reproducir generalizaciones sin un trabajo empírico de sustento, como que en el español de América (o el español atlántico, si se emplea la denominación más amplia, como se verá luego) la forma ‘su’ solo codifica a la segunda persona singular ‘usted’ y que para la tercera persona se emplean construcciones analíticas.”

acarretado uma legitimação de outras formas de-possessivas, como as de 3P (que pareceram ao autor de uso excessivo nas ilhas), solucionando a ambiguidade referencial de “su”.

Generalizando essa observação a todos os territórios de fala hispânica em que “vosotros” deixou de ser usado, De Granda defende que o Espanhol Atlântico (entendido como aquele que se fala nas Ilhas Canárias, no sul da Península Ibérica e em todos os países hispano-americanos, mesmo os que não possuem costa atlântica) teria especializado “su” como possessivo de 2PS, em correferência a “usted”, e as formas de-possessivas para a 3P e a 2PP. No Espanhol Peninsular, por oposição, teria sido mantido o uso normativo da língua.

Para comprovar a inadequação dessa hipótese, Sánchez Avendaño (2008) analisou amostras de fala espontânea de informantes costarriquenhos cultos.

Foram registradas as seguintes ocorrências:

Figura 5 - *Ocorrências de possessivos sintéticos e perifrásticos.*

PERSONA GRAMATICAL	TIPO A: SINTÉTICO	TIPOB: PERIFRÁSTICO
1ª PERSONA SINGULAR	202 / 100%	0
1ª PERSONA PLURAL	12 / 80%	3 / 20%
2ª PERSONA SINGULAR 'VOS'	50 / 100%	0
2ª PERSONA SINGULAR 'USTED'	10 / 100%	0
2ª PERSONA PLURAL	1 / 50%	1 / 50%
3ª PERSONA SINGULAR	60 / 90%	7 / 10%
3ª PERSONA PLURAL	13 / 81%	3 / 9%

Fonte: Sánchez Avendaño (2008, p.199).

No cômputo geral, os de-possessivos (referidos pelo autor como “tipo perifrástico”) somam menos de 4% das ocorrências. Na 3P, especificamente, temos dados similares aos obtidos por Azevedo & Marcotulio (2020): entre 9% e 10%.

Na análise da influência de fatores intralinguísticos, o autor identificou como relevantes a ambiguidade do contexto e a intenção de contraste como favorecedoras dos de-possessivos.

Interessa notar que, nesse sentido, há uma similaridade significativa ao que González (1994) e outros linguistas apontam sobre o uso ou a omissão dos pronomes nominativos em Espanhol: por regra, opta-se pelo sujeito oculto e só se utiliza o pronome pessoal para evitar ambiguidade, marcar um contraste ou dar ênfase.

Nos dados de Orozco (2009, 2010) e Freeman (2019) temos resultados similares.

Freeman (2019) analisou amostras de fala da cidade de Medellín, na Colômbia, e observou 64,2% de ocorrências de possessivos simples, 28,5% de “artigos definidos” (possessivos nulos + dativos possessivos)³⁷ e apenas 7,3% de “possessivos perifrásticos” (de-possessivos + possessivos simples pospostos ao N). No caso da 2P e da 3P, houve 11% de ocorrência de “possessivos perifrásticos”, favorecidos na fala de informantes homens e de baixa escolaridade, não tendo sido identificados fatores intralinguísticos relevantes.

É importante mencionar a constatação de que, na fala de indivíduos com alto grau de escolarização, o uso de “possessivos perifrásticos” foi de menos de 1%.

Orozco (2010) analisou amostras de fala de Barranquilla, também na Colômbia, e observou 47,8% de ocorrência de possessivos simples, 45,7% de “artigos definidos” e apenas 6,5% de “possessivos perifrásticos”. No caso específico da 2P e da 3P, os “possessivos perifrásticos” chegam a 11,9%.

Foram identificados como fatores favorecedores de “de él” a não referência explícita ao possuidor e um menor grau de escolarização do informante. Por sua vez, na produção de informantes mais cultos e quando o SN correferente era explícito e próximo do possuído (até cinco palavras de distância), o de-possessivo foi particularmente desfavorecido.

Resultado muito similar foi obtido na análise empreendida pelo autor a respeito a produção de comunidades emigrantes colombianas na cidade de Nova York (OROZCO, 2009).

³⁷ Freeman e Orozco optaram por outra classificação e nomenclatura, diferente da que adotei nos capítulos anteriores. Mantive os termos empregados pelos autores e, em parênteses, indiquei a que corresponderiam esses termos na nomenclatura que convencionei no capítulo 2.1.

Um último estudo sobre o tema que pude identificar é o de Freites Barros (2001), que analisou a distribuição de “su” e de-possessivos de 2P e 3P em amostras do “Corpus Sociolingüístico de la ciudad de Mérida” (Venezuela) e observou 86% de usos de “su” e apenas 14% de de-possessivos, números que o autor compara a dados obtidos em investigação similar sobre o Espanhol em Caracas.

Os de-possessivos foram mais favorecidos na fala de informantes mais jovens e com menor escolarização, em referência à 3PP e com possuidor [+humano] e [+específico], tendo sido quase nula sua referência a SN [-humano].

De modo geral, no conjunto de estudos revisados nesta seção nota-se alguma variação nos resultados encontrados, mas há também certas tendências recorrentes que se pode destacar, tais como:

- i) a ampla preferência pelos possessivos simples de 3P;
- ii) a pouca ou nenhuma influência diatópica na preferência de “su” ou “de él”;
- iii) o uso do de-possessivo para marcação de contraste, ênfase ou desambiguação (PEREIRA & MARCOTULIO, 2020; SÁNCHEZ AVEDAÑO, 2008; OROZCO, 2009, 2010).

3.3 Possessivos simples e de-possessivos no PB e no Espanhol: parte das inversas assimetrias?

Na comparação termo a termo, expostas em um quadro de formas, as categorias que confrontamos nos capítulos deste livro provavelmente mostrariam apenas diferenças morfológicas. Um inventário de demonstrativos, pronomes pessoais, verbos de existência e posse, construções disponíveis para a voz passiva, por exemplo, sugeriria um repertório quase 'gêmeo', ou, como às vezes temos ouvido, um 'estoque comum'. Porém, basta sair dos quadros, tabelas e armazéns de estoque e observar essas formas 'em ação' na fala e na escrita para ver que sua ocorrência obedece a restrições diferentes em cada língua, que a referência que estabelecem apresenta e desloca os objetos de outro modo, levando para informações distantes das que se tenta transmitir e/ou para grandes desencontros argumentativos e de atitudes em relação ao interlocutor e àquilo do qual se fala ou se tenta falar. (GONZÁLEZ & FANJUL, 2014, p.20-21)

Nesta seção, a partir dos estudos revisados sobre a distribuição dos possessivos simples e de-possessivos de 3P no PB e no Espanhol, proponho sua inclusão como mais um aspecto da gramática das duas línguas em que se observam as **inversas assimetrias** descritas por González (1994, 2008, 2020).

Como discuti no capítulo 1.2, o termo foi utilizado pela autora para se referir, inicialmente, às diferentes estratégias das duas línguas para preenchimento (ou não) do espaço argumental de verbos, considerando as categorias de sujeito e complemento direto.

A partir de outros estudos que aprofundaram as discussões de González (1994), o termo passou a ser utilizado em referência a um conjunto mais amplo de estruturas interrelacionadas, dentre as quais a autora destaca (GONZÁLEZ, 2020):

- i) os sujeitos pronominais;
- ii) os objetos diretos e indiretos e duplicações;
- iii) o objeto direto preposicionado;
- iv) as construções dativas não argumentais (possessivas, éticas etc);
- v) as construções reflexivas e pronominais;
- vi) o “se” intransitivizador;
- vii) os predicativos;
- viii) as passivas com “ser” e com “se”;
- ix) as construções impessoais;
- x) as construções relativas;
- xi) a colocação pronominal;
- xii) o peso dos traços [+/- animado] e [+/- específico] sobre algumas dessas construções;
- xiii) a ordem dos constituintes na sentença;
- xiv) a topicalização e a focalização.

Defendo que a variação entre possessivos simples e de-possessivos, também diretamente relacionada a diversos desses aspectos (KATO, 2018; CERQUEIRA, 2018), conformaria um décimo-quinto item nesse apartado se observarmos sua distribuição nos usos da língua para além de sua construção formal.

Essa interpretação nos permite analisar os (des)encontros da expressão de posse em PB e Espanhol tendo em perspectiva um contexto mais amplo, com modelos de referência para a interpretação de seus possíveis impactos na aprendizagem de LE.

Para essa discussão, parto de uma sistematização das possibilidades existentes nas duas línguas para a expressão de posse:

Quadro 02 - Comparativo de construções possessivas em Espanhol e Português

ESPANHOL	PORTUGUÊS
1) Possessivos simples; 2) De-possessivos; 3) Estruturas duplicadas (su ... de él); 4) Possessivos nulos; 5) Dativos possessivos; 6) Expressões verbais; 7) Relativo “cuyo(a)/a”; 8) Sintagmas genitivos [de + N].	1) Possessivos simples; 2) De-possessivos; 3) Estruturas duplicadas (seu ... dele)³⁸ ; 4) Possessivos nulos ³⁹ ; 5) Dativos possessivos; 6) Expressões verbais; 7) Relativo “cujo(a)/a”; 8) Sintagmas genitivos [de + N].

Fonte: elaboração minha.

Se nos detivermos na análise comparativa representada nesse quadro, teremos aquilo que González & Fanjul (2014) apontam na epígrafe desta seção: um inventário análogo de construções disponíveis para as duas línguas, havendo uma ou outra diferença pontual, como as já destacadas na seção 3.1.

Ao observar, contudo, a distribuição dessas formas no uso de cada uma das línguas, veremos que a similaridade se limita a essa estrutura superficial.

Não tratarei aqui das estruturas 3, 4, 6, 7 e 8 por não serem meu foco neste trabalho, embora assumo que discussões produtivas possam ser feitas também a respeito delas.

No que se refere às outras estruturas, convém mencionar inicialmente as considerações de Gancedo Álvarez (2002, 2008) e Gancedo Álvarez, Yokota & González (2002) quanto às inversas assimetrias dos dois idiomas para a expressão de posse inalienável, como discuti em 1.3: enquanto em Espanhol haveria uma tendência acentuada ao uso de estruturas pronominais dativas para o estabelecimento de tais relações de posse,

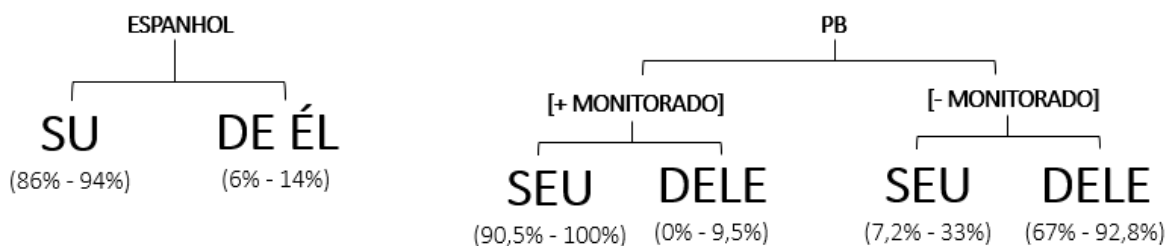
³⁸ Conforme Barros (2006), Morais & Ribeiro (2014) e Morais & Salles (2019), essas estruturas eram comuns no Português arcaico e, embora ainda contempladas em gramáticas como a de Bechara (2009), são improdutivas nas variedades atuais do PB.

³⁹ Os possessivos nulos são descritos nas duas línguas (BECHARA, 2009; PICALLO & RIGAU, 1999) de forma bastante similar: trata-se do uso de um artigo definido em substituição a um possessivo e que ocorre quando a relação de posse (ou outro sentido abarcado nesse termo guarda-chuva) é implícita no contexto. O fenômeno ainda é pouco explorado na tradição linguística de ambos os idiomas e não há estudos que tratem de maneira aprofundada das condições e efeitos de seu uso, o que impede uma discussão sobre a coincidência ou não dos usos dessa estrutura no PB e no Espanhol.

em PB são utilizadas quase exclusivamente estruturas pronominais genitivas, destacando-se os possessivos e sintagmas genitivos.

Já quanto aos usos de possessivos simples e de-possessivos, especialmente de 3P, para expressão de posse em outros contextos, observamos na literatura discutida sobre o tema as seguintes ocorrências em cada idioma⁴⁰:

Esquema 3 - Distribuição de possessivos simples e de-possessivos de 3P em Espanhol e PB



Fonte: elaboração minha.

A despeito da diferença das condições de produção/coleta dos dados em cada uma das pesquisas consideradas, que seguramente se refletem nos resultados obtidos, considero válida a comparação por contemplar uma variedade de estudos e de condições de coleta em cada uma das línguas, em que se podem destacar, ainda assim, certos padrões recorrentes.

Nesse sentido, observamos no Esquema 3 que a estrutura preferencial para expressão de posse de 3P no Espanhol é o possessivo simples (su), que apresenta uma forma átona no idioma devido a sua redução em posição pré-nominal. As estruturas de-possessivas, por sua vez, seriam marcadas discursivamente, estando seu uso muito fortemente associado a uma necessidade de desambiguação ou intenção de ênfase/contraste referencial.

Já no caso do PB, a divisão dos dados entre [+monitorado] e [-monitorado] se deve à observação de padrões significativamente distintos de usos dessas estruturas consoante o contexto e às considerações apresentadas por González (1994), Kato (1985), Perini (1985), Faraco (2008), dentre outros autores, sobre a coexistência de duas gramáticas no PB, como destaquei em 2.3.

⁴⁰ As porcentagens abaixo de cada forma pronominal indicam o intervalo de ocorrências observadas nas diferentes pesquisas citadas e discutidas nos capítulos 2 e 3 deste trabalho.

No geral, o que se observa é uma forte associação de “seu” ao contexto de produção [+monitorada], em que “dele” tem ocorrências pontuais, enquanto no contexto de produção [-monitorada] há uma tendência acentuada ao uso de “dele”, sendo “seu” favorecido apenas em referência a possuidores [+genéricos].

As assimetrias na distribuição dessas estruturas em cada um dos idiomas estão representadas no quadro a seguir, em que se pode observar seu comportamento inverso (ou espelhado):

Quadro 03 - *Comparativo de possessivos simples e de-possessivos no PB e no Espanhol*

Espanhol	PB
Estrutura não marcada ⁴¹ : POSSESSIVO SIMPLES (SU)	Estrutura não marcada: DE-POSSESSIVO (DELE)
Estrutura marcada: DE-POSSESSIVO (DE ÉL) (motivado pela necessidade de desambiguação, ênfase ou contraste)	Estrutura marcada: POSSESSIVO SIMPLES (SEU) (uso característico de registros com monitoramento estilístico e em referência a possuidores genéricos)

Fonte: elaboração minha.

Convém destacar que os aspectos indicados nesse quadro correspondem a tendências nas duas línguas, reiteradas na bibliografia existente sobre o tema, mas é evidente que em alguns textos ou mesmo em algumas variedades específicas podem ser observados outros usos dessas estruturas.

Também é claro que não em todas as sentenças seriam usadas formas inversas nos dois idiomas. Há pontos de encontros na inversa assimetria descrita.

É razoável pensar, por exemplo, que em contexto de potencial ambiguidade ou em que é estabelecido um contraste, a forma de-possessiva será utilizada em ambos os idiomas; por oposição, em um artigo científico ou em qualquer contexto em que o referente possuidor

⁴¹ Os termos “não marcada” e “marcada” são utilizados, conforme Bagno (2017, p.268-271), para designar as variantes mais e menos estendidas, respectivamente. As formas não marcadas, por sua maior extensão de uso, seriam mais “neutras”, enquanto as formas marcadas apresentariam uma maior complexidade de sentido, isto é, acrescentam algum novo significado não presente ou não evidente na forma não marcada.

seja [+genérico], é provável que haja uso (quase) exclusivo de “seu”/“su” tanto em Espanhol quanto em PB.

Exemplifico-o a seguir a partir de três traduções de tirinhas da Mafalda⁴²:

(3.12) a. *[Guille] Armó una pataleta porque quería seguir durmiendo en la pieza de ellos [los padres].*

b. *Fez um escândalo porque queria continuar dormindo no quarto deles.*

(3.13) a. *Pasó que a la noche tuve que comerme toda su [de la madre] fe con fideos.*

b. *Aconteceu que à noite tive que comer toda a crença dela com macarrão.*

(3.14) a. *LA FRASE DE HOY. Dijo Jean Leclichy: "Cual madre que amamanta a su niño... el hombre crea arte para alimentar su espíritu."*

b. *A FRASE DE HOJE. Disse Jean Leclichy: "Qual mãe que amamenta seu filho... o homem cria a arte para alimentar seu espírito."*

Várias são as manifestações das inversas assimetrias que poderiam ser discutidas a partir desses três exemplos. Neste trabalho, contudo, me limito às construções possessivas.

Os contextos de coincidência dos dois idiomas estão representados em (3.12) e em (3.14). No primeiro caso, o de-possessivo é utilizado nas duas línguas, o que pode ser justificado pela necessidade de contraste referencial no contexto, já que o uso de “su” ou “seu” poderia levar à interpretação de que o Guille queria continuar dormindo no próprio quarto, não no dos pais, ou ainda, no caso do PB, de que queria continuar dormindo no quarto do Felipe (interlocutor da Mafalda nessa tirinha), interpretação improvável pelo contexto, mas possibilitada pela língua.

Já em (3.14) a manutenção dos possessivos simples na tradução ao PB pode ser justificada por dois fatores: i) os dois referentes (“mãe” e “homem”) são [+genéricos], uma

⁴² As amostras em Espanhol foram retiradas de tirinhas reunidas no Livro 7, compreendido na obra “Toda Mafalda” (QUINO, 1997), e as traduções são de autoria diversa, sendo que as três citadas aqui foram retiradas da 2ª Edição de “Toda Mafalda” pela editora Martins Fontes (Cf. QUINO, 2010).

vez que se referem a um grupo abstrato, não a sujeitos específicos; ii) o contexto de ocorrência é [+monitorado]: trata-se da representação da fala de um pensador, em citação direta, em um jornal escrito.

Em (3.13), que representa um conjunto maior de ocorrências nas tirinhas observadas nesse mesmo livro, já temos representado um desencontro entre os usos dos dois idiomas: em Espanhol é utilizado o possessivo simples para estabelecer a relação entre “fe” e a mãe da Mafalda, quem era o tópico da conversa entre a protagonista e Susanita nessa tirinha, não havendo qualquer ruído na recuperação do referente.

Para a tradução ao PB, optou-se pelo de-possessivo “dela”. Essa escolha pode ser justificada por duas razões: i) haveria uma possibilidade (remota, porque o contexto seria capaz de desfazer a ambiguidade) de que “seu” fosse interpretado em referência à Susanita, não à mãe da Mafalda; ii) mesmo estabelecendo corretamente a referência, “sua crença” soaria artificial para uma interação oral espontânea no PB.

O mote deste trabalho considera que desencontros como esse nos usos de estruturas possessivas simples e de-possessivas em PB e Espanhol podem ter consequências na produção não nativa em uma dessas línguas por falantes da outra, resultando em construções gramaticalmente possíveis, mas em que as relações de referencialidade podem não se estabelecer adequadamente, ou em que podem estar impressos sentidos não previstos como uma maior formalidade do contexto ou uma marcação de ênfase ou contraste não percebida, configurando, assim, um sotaque sintático/discursivo/estilístico.

3.4 Em poucas palavras...

Neste capítulo enfoquei aspectos relativos às construções possessivas do Espanhol, com ênfase na variação entre possessivos simples e de-possessivos de 3P e tendo como comparativo as discussões do capítulo anterior sobre o PB.

Em 3.1 destaquei um conjunto de questões relativas às diferentes construções possessivas da língua espanhola, discutindo alguns aspectos de particular interesse. Busquei demonstrar que, tal como no PB, a expressão de posse em Espanhol abarca um conjunto amplo de significados que podem ser expressos pelo recurso a diferentes estruturas.

Outro ponto de destaque se refere à observação de que também “su” é uma forma pronominal ambígua, podendo se referir tanto à 2P quanto à 3P, mas que a maior

manutenção do possessivo “tu” e a existência de outras estratégias de desambiguação, como a duplicação “su... de usted” e o uso de “vuestro(a)/s” em referência a “usted”, poderiam justificar a menor inserção dos de-possessivos de 3P na língua.

Em 3.2 revisei alguns estudos descritivos que trataram especificamente da variação de possessivos simples e de-possessivos no Espanhol. Os resultados desses estudos apresentam maior homogeneidade do que os estudos sobre o PB, destacando-se uma ampla preferência de “su” sobre “de él”, sendo a ambiguidade do contexto e a marcação de ênfase ou contraste referencial as principais variáveis que determinariam o uso do de-possessivo.

A partir do contraste entre essas pesquisas, descartei a variação regional (em especial o contraste entre “Espanhol Peninsular” e “Espanhol Americano/Atlântico”) como fator significativo para tratar da distribuição dessas formas possessivas.

Em 3.3 caracterizei a variação de possessivos simples e de-possessivos de 3P no PB e no Espanhol como mais uma manifestação das inversas assimetrias descritas por González (1994, 2008, 2020) sobre os dois idiomas: enquanto em Espanhol observa-se maior tendência ao uso de “su”, sendo “de él” uma estrutura discursivamente marcada para a expressão de ênfase, contraste ou desambiguação do contexto; em PB predomina o uso de “dele”, sendo “seu” favorecido apenas em referência a elementos genéricos e em contextos de maior monitoramento estilístico pelo falante.

CAPÍTULO 4

A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: CARACTERIZAÇÃO, PROCEDIMENTOS E DADOS

Neste capítulo me ocupo dos aspectos metodológicos da pesquisa, descrevendo e discutindo sua caracterização geral, os procedimentos de elicitação de dados, o perfil dos participantes e traçando uma caracterização inicial das respostas obtidas.

O texto está dividido em cinco seções: em 4.1 narro o percurso de construção da pesquisa, justificando algumas escolhas e procedimentos; em 4.2 discuto a caracterização geral da pesquisa quanto a sua natureza, objetivos e bases metodológicas; em 4.3 trato especificamente dos procedimentos de produção dos dados, ressaltando algumas potencialidades e limitações; em 4.4 descrevo o perfil dos participantes e as condições de produção de dados e, em 4.5, descrevo os procedimentos de análise de cada instrumento e apresento uma sistematização das respostas aos questionários a partir de um tratamento quantitativo.

4.1 A construção da pesquisa

Desde a concepção da pesquisa até a fase de conclusão, houve algumas mudanças significativas no que tange à delimitação de seu escopo e objetivos e, conseqüentemente, entre os procedimentos previstos e os finalmente adotados para a produção e análise de dados.

Como descrito na Introdução, esta investigação foi resultado de inquietações durante a oferta de um curso de PB para FE em 2018 e teve por objetivo inicial confrontar a percepção subjetiva que tive em sala de aula com resultados de uma análise sistemática, com base em amostras estatisticamente significativas que pudessem esclarecer como as formas variantes “seu” e “dele” ocorrem na interlíngua de FE e quais seus potenciais efeitos no desempenho comunicativo desses estudantes na LE.

Em termos metodológicos, me baseava na investigação de Rosa (2019) e pretendia realizar a produção de dados a partir de alguns exercícios de retextualização, orais e escritos, utilizando curta metragens ou cartuns.

No entanto, ao pilotar diferentes possibilidades de exercícios, entre janeiro e fevereiro de 2020, me pareceu inadequada a metodologia para o que pretendia investigar uma vez que tinha em foco estruturas que não são tão frequentes na língua quanto outras, como os pronomes nominativos que investigava Rosa (2019), e, mesmo elaborando atividades a partir de situações que propiciassem seu uso, não consegui mais do que duas ocorrências de “seu” ou de “dele” por atividade, sendo que na maioria delas não houve nenhuma, apenas o recurso ao possessivo nulo.

Os dados produzidos na pilotagem, portanto, indicaram que, nesse formato, os resultados da pesquisa não teriam relevância estatística para uma análise confiável.

Como se trata de uma pesquisa de conclusão de curso, formalmente realizada ao longo de dez meses⁴³, e não dispunha de tempo suficiente para uma coleta mais robusta, decidi mudar o foco da pesquisa, ampliando o escopo do trabalho para abarcar mais aspectos relacionados à aprendizagem dos possessivos pelos estudantes que não só a produção, mas também a percepção de gramaticalidade e a interpretação referencial, limitando-me, no entanto, a uma amostra estatisticamente reduzida, a partir da qual poderia traçar considerações iniciais sobre o assunto, a serem aprofundadas em investigações posteriores.

Na formulação final do projeto, a meados de março de 2020, passei, portanto, de um modelo de pesquisa com objetivos descritivos a uma pesquisa exploratória.

Ainda, por conta da pandemia de COVID-19 e das necessárias restrições de circulação e contato pessoal, bem como por dificuldades com o cronograma da pesquisa devido a necessidades de adequação no projeto submetido à Plataforma Brasil⁴⁴, outras alterações se fizeram necessárias: a aplicação, que se pretendia fazer presencialmente, para

⁴³ Embora a construção do projeto tenha começado no final de 2019, a pesquisa foi formalmente iniciada apenas em maio de 2020, no período letivo 2020/1 – Suplementar 1, em que foram cumpridos os créditos referentes à disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso 1”, e sua conclusão ocorreu entre janeiro e fevereiro de 2021, no período letivo 2020/1 – Complementar 1 – (ENPE Bloco C), quando foram cumpridos os créditos da disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso 2”.

⁴⁴ O projeto foi submetido para avaliação do Comitê de Ética da UFSCar em 31 de março de 2020, registrado sob o número CAAE 30891720.8.0000.5504, e teve sua aprovação no dia 1º de outubro. O parecer de aprovação está disponível para consulta no Anexo 1.

um controle maior do tempo de respostas e para gravação de uma breve interação oral, foi ajustada a um formato online e as atividades planejadas que envolviam a produção por parte dos alunos foram substituídas por uma única atividade de retextualização, em registro escrito, adaptada de Gancedo Álvarez (2008).

Com um recorte mais amplo, no que se refere aos fenômenos observados, mas mais restrito no que se refere à disposição de dados estatísticos e aprofundamento da análise, as questões norteadoras da versão final desta pesquisa passaram a ser:

- a. Quais as diferenças observáveis na percepção de gramaticalidade por brasileiros e estrangeiros FE quanto ao uso de “seu” e “dele” como possessivos de terceira pessoa?
- b. Quais as diferenças observáveis na interpretação de referência do possessivo “seu” por brasileiros e estrangeiros FE?
- c. Quais as estratégias empregadas por estrangeiros FE estudantes de PB para estabelecer a relação de posse inalienável?
- d. Quais aspectos podem ser identificados como difíceis na aprendizagem dos possessivos de 3P do PB por FE e precisam ser melhor investigados?

Na seção seguinte, descrevo em termos gerais a caracterização da pesquisa empreendida quanto a sua abordagem, objetivos e metodologia.

4.2 Caracterização da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de **abordagem quali-quantitativa**, que busca conciliar um olhar generalizador do fenômeno observado a uma interpretação qualitativa dos padrões e desvios nos dados produzidos.

O olhar generalizador refere-se especificamente à consideração dos fenômenos observados como característicos do processo de aprendizagem do PB por FE no geral, justificando um tratamento conjunto e quantificado dos dados produzidos pelo grupo de estrangeiros participantes.

Como discuti em 1.1, relativizo essa generalização, entendendo que a aprendizagem de uma LE é um processo complexo e individual de cada aluno, mas entendo como válido o tratamento generalizado dos dados à medida em que permite identificar aspectos que, pelo

repertório linguístico prévio similar, seriam frequentes na interlíngua de uma parcela considerável de estudantes que partilham uma mesma LM.

Quanto a seus objetivos, a investigação se define como uma **pesquisa exploratória**, descrita por Gonsalves (2003, p.65 *apud* Paiva, 2019, p.14) como “aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a determinado fenômeno que é pouco explorado”.

Esse aspecto da pesquisa é evidenciado pela disponibilização de dados estatisticamente limitados, mas que versam sobre um número mais amplo de aspectos decorrentes da aprendizagem dos possessivos de 3P.

Enquanto investigação exploratória, não há uma expectativa de respostas categóricas às questões norteadoras, mas a identificação de indícios que permitam compreensão mais ampla do fenômeno observado e a formulação de novas questões de pesquisa, com outras abordagens metodológicas, que possibilitem uma descrição mais especializada dos diversos aspectos abordados nesta pesquisa.

A base metodológica da investigação, por sua vez, foi a **descritiva focada**, buscando observar a correlação entre a produção, interpretação e aceitabilidade de variantes disponíveis no PB para a expressão de posse de 3P e um determinado conjunto de variáveis linguísticas.

Como observam Larsen-Freeman & Long (1991), o escopo focado desse tipo de pesquisa tem por consequência resultados que são limitados pelas variáveis previstas, ignorando outros aspectos do processo de aprendizagem de uma LE que podem também influenciar no fenômeno analisado.

Reconheço essa limitação metodológica da pesquisa e acredito que sob diferentes abordagens, em que se destaquem outras variáveis, especialmente a partir de uma observação qualitativa do fenômeno, podem ser identificados mais fatores influentes na aprendizagem dos possessivos de 3P do PB por FE.

A contribuição desta investigação se deve à observação focada de variáveis que em estudos sociolinguísticos, tanto do PB quanto do Espanhol, se têm destacado como significativos para a variação em foco.

4.3 Instrumentos de elicitación e procedimentos de análise

Para a produção de dados desta pesquisa, foram elaborados dois questionários, aplicados online, de maneira assíncrona, a um grupo de participantes brasileiros e outro de participantes estrangeiros FE, que serão mais bem descritos na seção 4.4.

Os questionários consistiam no apartado de cinco itens:

- i) o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o campo para manifestação de concordância com a participação voluntária na pesquisa (os modelos utilizados estão disponíveis nos Apêndices 01 e 02);
- ii) uma tarefa de retextualização, adaptada de Gancedo Álvarez (2002, 2008) e aplicada apenas aos FE, em que os participantes foram convidados a narrar uma história retratada em um cartum de Laerte;
- iii) um conjunto de vinte sentenças em PB a que os participantes deveriam atribuir uma avaliação de 01 a 03 quanto à sua percepção de gramaticalidade da sentença no contexto específico de seu uso (as frases estão compiladas no Apêndice 03, para consulta);
- iv) um conjunto de cinco questões de múltipla escolha, que envolviam a interpretação de referencialidade do possessivo “seu” no contexto específico de interação apresentado (as questões estão disponíveis no Apêndice 05);
- v) um conjunto de questões abertas e questões fechadas sobre o perfil do participante (as questões diferiram para cada grupo e estão disponíveis para consulta nos Apêndices 06 e 07).

Além disso, para complementação dos dados produzidos com o Instrumento II⁴⁵, foi realizada uma nova consulta a todos os participantes, de ambos os grupos, solicitando que avaliassem mais três sentenças (disponíveis no Apêndice 04), no mesmo modelo e formato das vinte contempladas na parte (iii) do formulário inicial.

⁴⁵ Nos dados inicialmente produzidos, não estava contemplado o caso de uso de “seu” em contexto de interação oral e com referente [-animado] e [-específico]. Além disso, a alta aceitabilidade pelos participantes estrangeiros de “dele” em contexto de produção escrita, com referente [+específico] e [+animado], e do dativo possessivo em contexto de interação oral, sentenças mal avaliadas pelos participantes brasileiros, me instigou a dispor de mais dados dessas mesmas situações para comparação.

A seguir apresento informações mais detalhadas sobre as partes (ii), (iii) e (iv) do questionário, que correspondem aos instrumentos de elicitação de dados da pesquisa, e discuto as hipóteses iniciais em relação a cada um deles.

4.3.1 Instrumento 01

Como já mencionado, o primeiro instrumento de produção de dados consistiu na reaplicação da pesquisa de Gancedo Álvarez (2008).

A escolha por essa reaplicação se justifica por quatro razões:

- i) pela pertinência do objeto de estudo ao contexto geral desta pesquisa: a variabilidade de construções pronominais possessivas de 3P;
- ii) pela constatação de que a atividade promove o uso de tais construções;
- iii) pela existência prévia de dados da aplicação desse mesmo instrumento a outros grupos, permitindo uma comparação dos resultados;
- iv) pela instigação de contrastar os resultados obtidos pela pesquisadora sobre a produção em ELE por brasileiros com a produção em PB por FE.

Por já constar nos resultados de Gancedo Álvarez (2008) uma descrição das estruturas utilizadas em PB por brasileiros (paulistas, mais especificamente) na produção textual proposta, apliquei este instrumento apenas ao grupo de FE.

Como na pesquisa de Gancedo Álvarez, os participantes foram orientados a escrever um breve parágrafo em que narrassem a história representada na Figura 2 (que reproduzo novamente a seguir), utilizando ao menos uma frase que descrevesse a ação representada em cada quadro. O espaço para produção era um campo único de resposta longa.

No questionário, este instrumento constava antes dos demais, como tentativa de evitar que o maior foco dado nas questões dos instrumentos II e III às estruturas possessivas influenciasse na produção dos participantes.

Além disso, para evitar que a história fosse narrada em primeira pessoa, o que afetaria as estruturas pronominais mobilizadas, acrescentei um exemplo de início da narrativa logo abaixo do enunciado: “Exemplo: *‘Um dia, um homem estava andando tranquilamente pela rua quando...’*”.

Figura 2 – Ilustração do conto “Historia verídica”, de Julio Cortázar, por Laerte.



Fonte: Gancedo Álvarez (2008).

É importante destacar que os dados resultantes desse exercício apresentam certas limitações. Por serem textos produzidos especificamente para a pesquisa, elicitados a partir de uma tarefa pontual, os dados não correspondem a um uso espontâneo da língua, mas a uma produção, em algum nível, monitorada.

Além disso, pelo próprio conteúdo da narrativa, o texto mobiliza construções possessivas em referência apenas à 3P e em um contexto particular, sendo o objeto da posse um acessório que, embora transferível, é parte do âmbito pessoal do possuidor, caracterizando uma posse inalienável, e as ações que acontecem a esse objeto afetam diretamente ao personagem.

Como discutido em 1.3, na gramática na língua espanhola essas características do contexto promovem o uso de estruturas pronominais dativas não-argumentais, enquanto no PB, à semelhança de contextos de posse alienável, tende-se a usar estruturas genitivas para estabelecer a relação de posse.

A partir dos resultados de Gancedo Álvarez (2002, 2008) sobre a produção em ELE por brasileiros e em Espanhol por falantes nativos, a hipótese era de que os participantes FE transferissem ao PB a preferência por construções com pronomes dativos para relacionar o personagem e os óculos.

É necessário destacar, ainda, que os FE participantes das pesquisas de Gancedo Álvarez eram todos uruguaios, enquanto nesta investigação a nacionalidade dos participantes foi variada, não sendo nenhum deles natural do Uruguai.

Não ignoro a possibilidade de que isso afete a qualidade das produções. No entanto, como a bibliografia sobre a expressão de posse em Espanhol (RAE-ASALE, 2010; RADELLI, 1978; PICALO & RIGAU, 1999) não sugere variações na expressão de posse inalienável entre as variedades do idioma, nem aponta o uso de dativo como mais característico do Espanhol uruguaio ou rio-platense, assumo que a produção em Espanhol por sujeitos de outras nacionalidades coincidiria significativamente às observadas por Gancedo Álvarez, ao menos no que se refere às estratégias para expressão de posse inalienável.

4.3.2 Instrumento 02

O Instrumento II, por sua vez, foi inspirado na pesquisa de Guedes (2017), que investigou a percepção de gramaticalidade de “seu” e “dele” por cariocas, considerando o registro do texto e a determinação e animacidade do referente possuidor.

São significativas, no entanto, as diferenças entre a qualidade das sentenças e as condições de produção de dados da pesquisa de Guedes e desta.

As sentenças avaliadas pelos participantes dela, tanto em registro oral quanto escrito, correspondiam a manchetes de jornal, o que pode ter influenciado na alta aceitabilidade de “seu” em todas as sentenças.

A partir disso, propus questões que, embora apresentassem algumas sentenças similares às de Guedes, englobavam uma variedade mais ampla de contextos, formais e informais, dialogais ou não, e que reproduziam usos orais e escritos do PB. Os dados produzidos nesta pesquisa, portanto, abarcam um conjunto maior de variáveis contextuais, mas as combinações delas são estatisticamente mais limitadas.

Também as condições de produção foram diferentes. Como um estudo experimental, a coleta de dados de Guedes contou com diferentes grupos analisando as mesmas sentenças, com variantes distintas, e houve controle do tempo e das condições gerais de avaliação pelos participantes, incluindo um percentual significativo de questões distratoras.

Já nesta pesquisa, todos os participantes avaliaram as mesmas sentenças, de maneira não-presencial, assíncrona e, conseqüentemente, sem controle das condições de análise. Os dados produzidos, portanto, correspondem grandemente a uma avaliação

monitorada e refletida das sentenças, com possíveis diferenças do que seria sua percepção imediata em um contexto de interação espontânea.

As vinte frases constantes no questionário e as três no e-mail foram apresentadas em sequência aleatória.

A orientação geral sobre a atividade instruiu os participantes a lerem cada questão e atribuírem uma nota de 01 a 03 à sentença destacada em negrito considerando sua percepção de gramaticalidade ou de adequação dessa sentença no contexto específico em que ocorriam.

A legenda para as notas foi apresentada da seguinte maneira:

01 - Frase inaceitável (completamente agramatical/estranha nesse contexto).

02 - Frase parcialmente aceitável (gramatical, mas improvável nesse contexto).

03 - Frase aceitável (perfeitamente gramatical/natural nesse contexto).

Ainda nas orientações sobre esse conjunto de questões, foi incluída uma observação destacando que não havia uma única resposta correta e que deveriam avaliar as frases considerando sua impressão/intuição pessoal.

As frases foram apresentadas da seguinte maneira:

Figura 6 – Exemplo de questão do Instrumento de elicitación II

4

Dois colegas de trabalho conversam no início do expediente. Um deles comenta:

- Nossa, acordei com uma baíta dor de garganta hoje.
- Vixe... sabe o que cê pode fazer? Um chá de gengibre! **A ardência dele ajuda a melhorar a garganta. ***

1 2 3

Fonte: questionário da pesquisa - elaboração minha.

A cada sentença correspondia uma questão e o que deveria ser o foco de avaliação dos participantes estava destacado em negrito, como ilustra o exemplo acima.

Das vinte e três sentenças que somaram as duas coletas (por questionário e a complementação por e-mail), cinco eram distratoras, oito apresentavam usos de “seu” e dez usos de “dele”. As sentenças foram etiquetadas pelas siglas TA e numeradas de 01 a 23.

A hipótese era de que as respostas dos dois grupos difeririam, havendo influência da gramática da LM de cada grupo nas avaliações que fariam das sentenças. Nesse sentido, esperava que os brasileiros avaliassem “dele” mais positivamente do que os FE em quase todos os contextos e que tivessem uma restrição de aceitabilidade de “seu” em contextos que reproduziam a oralidade, sobretudo em diálogos.

Das respostas de FE, esperava uma maior aceitabilidade de “seu” do que de “dele” em todos os contextos e uma restrição de aceitabilidade do de-possessivo em referência a elementos com traço [-animado].

4.3.3 Instrumento 03

O terceiro instrumento, por fim, foi formado por cinco questões de múltipla-escolha em que os participantes deveriam indicar a interpretação que lhes pareceria mais provável de uma determinada situação apresentada.

Das cinco questões, uma era distratora e as demais consistiam em diálogos em que figurava o possessivo simples “seu” em alguma das intervenções dos personagens. As respostas disponíveis correspondiam a diferentes interpretações do diálogo consoante a percepção de referencialidade estabelecida pelo possessivo simples, como no exemplo abaixo. As questões foram etiquetadas com a letra Q e numeradas de 01 a 05.

Figura 7 – Exemplo de questão do Instrumento de elicitación III

23

Ana e Carina são vizinhas. As duas conversam pela manhã:

- [Ana]: Você tem visto a Joana? Já faz um tempão que não vejo ela...

- [Carina]: Eu vi ela no shopping ontem, passeando com o seu sobrinho. *

A partir do diálogo acima, qual a interpretação que primeiro te ocorre?

Joana tem um sobrinho.

Ana e Joana são irmãs.

Joana foi com o sobrinho de Ana ao shopping.

Joana é irmã de Carina.

Fonte: questionário da pesquisa - elaboração minha.

Nas orientações desse apartado, os participantes foram alertados a que não há uma única resposta correta e que deveriam indicar a alternativa que lhes parecesse mais provável.

A expectativa era de que os participantes brasileiros tendessem a interpretar “seu” como referente à 2PS, enquanto os participantes FE o interpretariam preferencialmente em referência à 3PS.

Tal como nos demais instrumentos, dadas as condições de produção dos dados, as respostas obtidas pela aplicação dessas questões correspondem a uma interpretação monitorada e refletida, podendo não corresponder ao que seria a interpretação imediata dos participantes, em um contexto de interação espontânea.

4.4 A produção dos dados e os participantes da pesquisa

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da UFSCar (CAAE 30891720.8.0000.5504 – Anexo 01), foram contatados por e-mail, convidando-os a participar da pesquisa, estudantes e ex-estudantes do Instituto de Línguas e do Núcleo de Línguas, ambas unidades da UFSCar.

O critério adotado para a composição dos grupos foi de que os participantes representassem uma amostragem aleatória de: i) estrangeiros FE atendidos em cursos de Português para Estrangeiros na UFSCar (grupo de PHF) e ii) brasileiros inseridos no contexto universitário⁴⁶ e que tenham o PB como LM (grupo de PBR).

Para a construção do questionário, utilizei a ferramenta *Forms*, da *Microsoft*, em dois links: um para resposta pelos participantes brasileiros (PBR) e outro pelos participantes estrangeiros (PHF).

A produção de dados decorreu entre os dias 1º e 09 de outubro de 2020, tendo contado com a participação de um total de 49 sujeitos: 20 brasileiros e 29 estrangeiros FE.

Os dados complementares do Instrumento II foram produzidos a partir de uma consulta individual por e-mail aos participantes, feita entre os dias 19 e 27 de outubro.

⁴⁶ A preferência por brasileiros universitários responde a uma tentativa de nivelar o grau de escolarização dos dois grupos, já que os estrangeiros atendidos em cursos de Português da UFSCar são, conforme levantamento de Gómez (2018), majoritariamente universitários.

Responderam a essa consulta aproximadamente 50% dos participantes: 11 brasileiros e 13 estrangeiros.

Como forma de garantir o anonimato, utilizei códigos para a etiquetagem dos dados: os participantes brasileiros foram nomeados PBR e numerados de 01 a 20 e os participantes FE foram nomeados PHF e numerados de 01 a 29.

Os dados de três participantes (01 brasileiro (PBR18) e 02 FE (PHF07 e PHF28)) foram desconsiderados, por terem sido dadas as mesmas respostas (ou praticamente as mesmas respostas) às 20 questões que formavam o Instrumento II, o que me levou a questionar a qualidade de sua contribuição.

Apresento a seguir uma descrição geral do perfil de participantes de cada grupo.

4.4.1 Grupo de PBR

Os 19 PBR cuja resposta se considerou para a análise dos dados eram brasileiros, falantes de PB como única LM, e têm experiência universitária (estudantes ou egressos da UFSCar, em diferentes níveis de formação, nenhum da área de Linguística e Letras).

Todos têm algum conhecimento em LE, particularmente o Inglês e o Espanhol, eventualmente também de outras línguas, como o Francês, o Italiano e o Alemão, com variados tempos de estudo, mas majormente um baixo nível de proficiência.

Quanto à idade, há um predomínio de participantes entre 18 e 30 anos, como demonstra o gráfico de distribuição etária a seguir:

Gráfico 5 – Distribuição etária dos PBR



Fonte: elaboração minha.

Não foi controlada a cidade de origem ou de residência desses participantes, embora posteriormente tenha julgado válidas essas informações.

4.4.2 Grupo de PHF

Entre os 27 PHF cuja resposta se incluiu nas análises, são 08 os países de origem: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Honduras, México, Peru e Venezuela.

A distribuição de participantes por país está representada no gráfico abaixo.

Gráfico 6 – Origem dos PHF



Fonte: elaboração minha.

A faixa etária do grupo de PHF foi próxima, proporcionalmente, à do grupo de PBR:

Gráfico 7 – Distribuição etária dos PHF



Fonte: elaboração minha.

Todos têm o Espanhol como única LM e vinte e quatro deles residem ou já residiram no Brasil por pelo menos dois meses, sendo os estudos o motivo da vinda em quase todos os casos (intercâmbios ou realização de uma etapa completa dos estudos universitários).

Dentre os residentes no Brasil, destaca-se também um participante cuja vinda ao país foi motivada por razões econômicas e busca de melhorias laborais, representando um grupo de estrangeiros crescente na região.

Dos que nunca residiram no Brasil, 01 participante visitou o país uma única vez, em férias, 01 visita familiares no país regularmente, em viagens curtas, e apenas 01 nunca esteve no Brasil.

Quanto à experiência prévia de estudos de PB, temos uma distribuição mais ou menos similar entre as quatro faixas consideradas:

Tabela 1 – PHF por tempo de estudo de PB

Tempo de estudo do PB	Nº de participantes
Menos de 06 meses	06
Entre 06 meses e 01 ano	07
Entre 01 e 02 anos	06
Mais de 02 anos	08

Fonte: elaboração minha.

Os participantes manifestaram ter graus distintos de contato com o PB no dia-a-dia, mas tal informação não foi quantificada ou incluída na análise.

4.5 Organização dos dados

Nesta seção, descrevo os procedimentos de análise de cada instrumento e apresento de maneira sumária os dados produzidos, limitando-me a uma quantificação geral das respostas, que serão discutidas e interpretadas de forma mais qualitativa no capítulo seguinte.

Para uma melhor organização do texto, apresentarei os dados por cada instrumento conforme a sequência em que estavam dispostos no formulário.

4.5.1 Instrumento 01

Dos PHF incluídos na análise, 25 realizaram a atividade proposta de produção escrita. No Apêndice 08, estão reunidos de maneira integral os 25 textos.

Para a análise, fiz uma seleção de 20 textos, de modo a contar com uma amostra numericamente similar à dos *corpora* analisados por Gancedo Álvarez (2008), dando prioridade a textos mais completos, no sentido de apresentarem ao menos uma sentença para descrever a ação representada em cada uma das quatro cenas em foco: 01, 02, 05 e 07.

Por esse critério, as vinte produções incluídas na análise foram as dos participantes: PHF01, 03, 04, 06, 09, 10, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29.

Ainda, nas cenas analisadas, reaplicando os procedimentos de análise de Gancedo Álvarez, foquei nas estruturas verbais e pronominais utilizadas pelos participantes para descrever a queda dos óculos/do estojo e o fato dos óculos terem se quebrado ou não.

Foram mapeadas inicialmente todas as estruturas utilizadas para essa descrição em cada cena e, posteriormente, as estruturas foram classificadas em categorias similares às propostas por Gancedo Álvarez:

- i) uso de verbos de ligação (estar, ficar);
- ii) uso de verbos agentivos (derrubou, jogou etc);
- iii) uso de outros verbos;
- iv) estruturas híbridas (deixou cair);
- v) uso de dativos;
- vi) uso de possessivos (seu, dele ou SN genitivo);
- vii) outras construções.

A seguir, apresento o mapeamento de estruturas observadas em cada cena.

Na primeira, houve predomínio de estruturas verbais sem dativos, verbos agentivos e construções híbridas, como demonstra o quadro a seguir.

Quadro 4 – Mapeamento de construções: Cena 01

CONSTRUÇÕES	QUANTIDADE
seus óculos caíram	2
seus óculos caíram do rosto ao chão	1
seus óculos caíram no chão	6
seus oculos caíram do bolso do seu casaco	1
seus oculos ... eles caíram ao chão	1
seus óculos sempre caem no chão	1

os óculos do senhor caíram no chão	1
os óculos dele caíram	1
os oculos jogan nao chao	1
deixa cair ao chão seus óculos	1
deixou cair os óculos	1
deixand cair seus óculos no chão	1
ele deixou cair os seus óculos na rua	1
Pedro jogou fora seus óculos	1

Fonte: elaboração minha.

Na segunda cena, houve uma maior variação nas estruturas empregadas, destacando-se particularmente os verbos de ligação (estar e ficar):

Quadro 5 – Mapeamento de construções: Cena 02

CONSTRUÇÕES	QUANTIDADE
eles não quebraram	2
quebraram	1
eles não se quebraram	1
e se quebraram	1
seus oculos não se estragabam	1
seus óculos não se rompem	1
eles não se estragaram	1
pudessem se estafar	1
eles não sofreram nenhum prejuízo	1
estavam perfeitos	1
os óculos dele não estavam quebrados	1
eles estavam quebrados	1
levantou os óculos ...eles estavam bem	1
pensou que seus óculos estavam quebrados	1
estavam bem	1
percebe que estão perfeitos	1
os óculos não estão tão estragados	1
os oculos ficaram espancados e mexen muitos	1
ficaram riscados	1
ficaram ruins demais	1
eles ficaram bem	1

seus óculos quedam ilesos de danos 1

Fonte: elaboração minha.

A soma de estruturas no Quadro 5 totaliza 23 porque em três produções houve o uso de mais de uma construção:

(4.1) *ele ficou preocupado de que pudessem se estrafar, mas quando ele pegou e deu uma olhada percebeu que ainda estavam perfeitos.* [PHF17]

(4.2) *eles não se estragaram, eles ficaram bem.* [PHF20]

(4.3) *ele estava preocupado porque pensou que seus óculos estavam quebrados, mas estavam bem.* [PHFo6]

Na quinta cena, as construções foram relativamente mais homogêneas:

Quadro 6 – Mapeamento de construções: Cena 05

CONSTRUÇÕES	QUANTIDADE
o estojo caiu	1
a caixa cai	1
Caíram	2
eles caíram	2
os lentes caíram	1
a caixa caio com os oculos dentro	1
ela caio com os óculos dentro	1
caíram no chão	1
ele caio no chão	1
eles baten no chau	1
os oculos caem no chão	1
ele cai de sua mão ao chão	1
seus óculos caíram	2
deixou cair o cofre	1
seu estojo ... deixou cair este	1
jogou fora a caixinha com seus óculos	1

Fonte: elaboração minha.

Apenas um participante não descreveu explicitamente a ação da queda, por isso as estruturas constantes no Quadro 6 somam 19:

(4.4) *depois de um tempo, ele andava como sempre indo para o trabalho e aconteceu algo que antes ia acontecido no entanto agora ele se encontrava confiado pela proteção que tinha seus óculos.* [PHF22]

Na sétima cena, por fim, foram observadas as seguintes estruturas:

Quadro 7 – Mapeamento de construções: Cena 07

CONSTRUÇÕES	QUANTIDADE
óculos todos quebrados	1
quebraram completamente	1
eles quebraram	1
os óculos quebraram	2
eles haviam quebrado	1
os óculos tinham quebrado	1
os óculos novos também se quebraram	1
seus óculos se tem quebrado	1
os oculos novos estan quebrados	1
os óculos estão totalmente destruídos	1
os vidros estavam quebrados	1
os óculos estaban ruims demais	1
seus óculos estavam quebrados	2
seus óculos tavam estragados	1
os óculos dele estavam quebrados	1
seus óculos... Ficaram quebrados	1
ele acabou quebrando os óculos muito mais	1

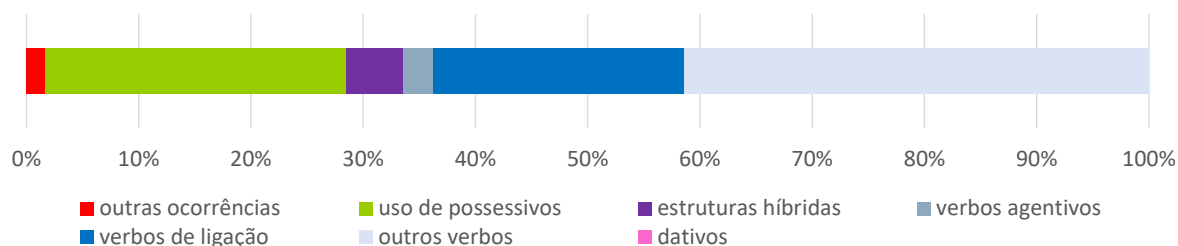
Fonte: elaboração minha.

Também nesse caso um participante não descreveu explicitamente a quebra dos óculos:

(4.5) *só que agora não tiveram a mesma sorte do início.* [PHF23]

A quantificação dessas ocorrências, conforme as classificações estabelecidas por Gancedo Álvarez (2008), tem por resultado a seguinte distribuição:

Gráfico 8 – Estruturas verbais e possessivas mapeadas (PHF)



Fonte: elaboração minha.

Destacam-se, no geral, o uso de possessivos, de verbos de ligação (estar, ficar) e de outros verbos (cair, quebrar(-se)). Contrariamente à expectativa, não houve qualquer ocorrência de dativos. Foram categorizadas como “outras ocorrências” as seguintes frases:

(4.6) *e os oculos jogan nao chao.* [PH25]

(4.7) *A surpresa foi: óculos todos quebrados.* [PHF10]

Em (4.6) temos o que seria uma ocorrência agramatical no PB, com o uso do verbo “jogar” (que seria uma opção de construção agentiva: ele jogou os óculos no chão), empregado como uma ação involuntária do objeto. E em (4.7) é anunciado o estado final dos óculos, mas sem que a ação da quebra tenha sido narrada.

4.5.2 Instrumento 02

Para a análise dos dados do Instrumento II, classifiquei as sentenças avaliadas considerando as seguintes variáveis:

A) Registro [oral] ou [escrito], conforme a situação representada;

- B) Referente possuidor [+/- específico], sendo [+específico] aquele que se refere a uma pessoa ou um objeto particular e [-específico] aquele se refere a um conjunto ou objeto abstrato⁴⁷;
- C) Referente possuidor [+/- animado], sendo [+animado] aquele que corresponde a um animal ou humano.

As classificações de cada sentença estão indicadas nos Apêndices 03 e 04, enquanto nos apêndices 09 e 10 constam as respostas de cada participante a cada questão dos Instrumentos II e III.

A resposta dos 46 participantes (19 PBR e 27 PHF) foi quantificada e comparada a partir da média aritmética da avaliação de cada sentença por cada grupo. A média foi convertida em porcentagem, sendo a nota 01 equivalente a 0% e 03 equivalente a 100% de aceitabilidade.

No geral, os PBR tiveram uma aceitação párea entre as duas variantes, sendo de 71,44% a avaliação média das ocorrências de “dele” e de 72,94% a avaliação de “seu”.

Já entre os PHF, as avaliações tiveram uma diferença um pouco maior, sendo de 58,45% a média da avaliação das ocorrências de “dele” e de 67,17% nas ocorrências de “seu”.

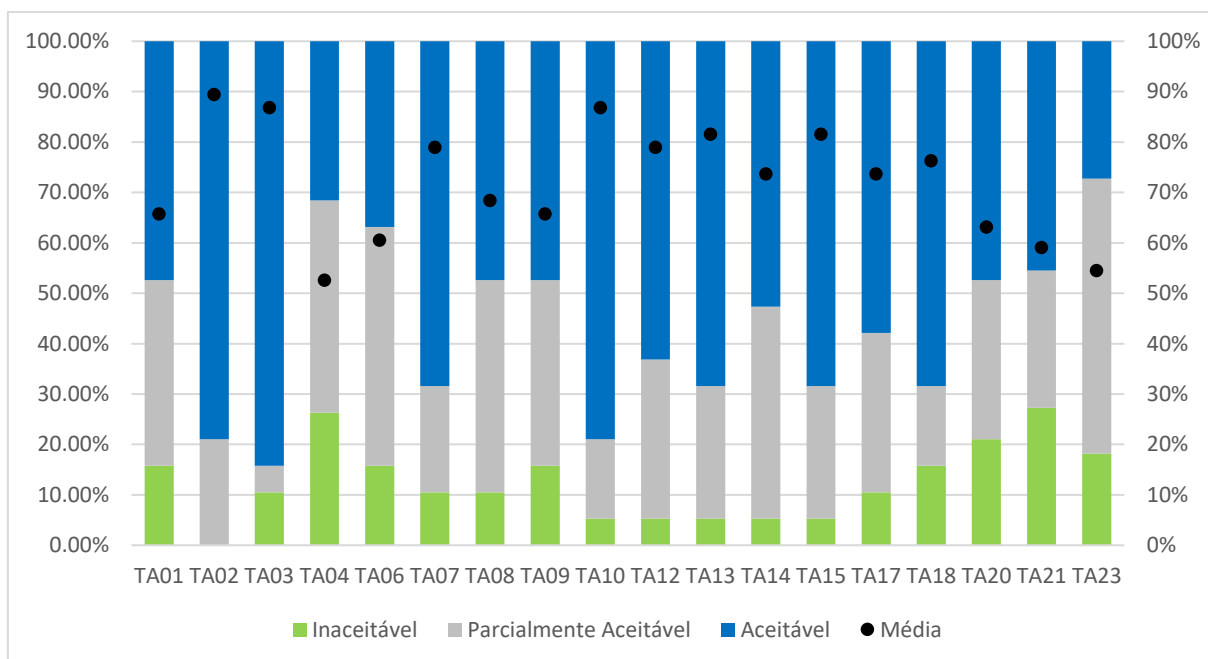
Nos gráficos a seguir estão representadas a média e a distribuição de avaliação de cada sentença por grupo.

No geral, observa-se que a avaliação das sentenças não foi categórica⁴⁸, nem entre os PBR, o que pode ser entendido como um reflexo da instabilidade do paradigma pronominal possessivo no idioma e também do monitoramento dos participantes ao responder o formulário.

⁴⁷ Conforme discute Oliveira e Silva (1991), a “definitude” do referente possuidor é um conceito amplo, que abarca diferentes aspectos. Para os limites desta investigação, contemplei apenas a categorização como [+específico] ou [-específico] discutida pela autora, considerando a possibilidade (ou não) de se identificar um objeto ou pessoa pontual a que se refere a expressão. Um exemplo de referente [+específico] seria “eu vi um menino andando de bicicleta” (OLIVEIRA E SILVA, 1991, p.96) e [-específico]: “o leão é o rei dos animais” (*idem*).

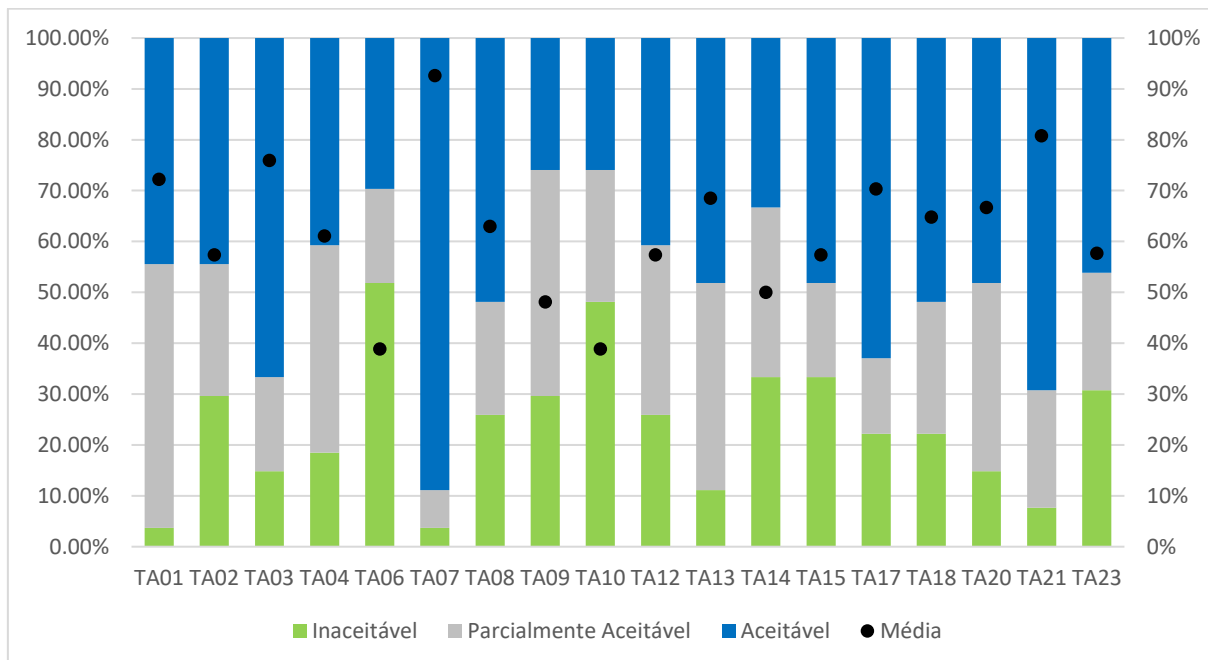
⁴⁸ Conforme Labov (2008), assumo como “categórica” uma regra que corresponde a 100% das ocorrências, “semi-categórica” se corresponde a 95%-99% e “variável” se corresponde a percentual menor que 95%.

Gráfico 9 – Distribuição e média de aceitabilidade (PBR)



Fonte: elaboração minha.

Gráfico 10 – Distribuição e média de aceitabilidade (PHF)



Fonte: elaboração minha.

No que se refere às variáveis intralinguísticas observadas, a análise conjunta das sentenças demonstrou pouca ou nenhuma relevância do traço [+/- animado].

Já o traço [-específico] limitou a aceitabilidade de “dele” na avaliação de PHF e a modalidade do texto teve influência significativa principalmente nos dados de PBR, como demonstram as tabelas a seguir.

Tabela 2 – Aceitabilidade de “seu” e “dele” consoante o tipo de registro

	PBR		PHF	
	SEU	DELE	SEU	DELE
Oral	64,95%	77,37%	61,65%	55,93%
Escrito	80,92%	65,5%	72,69%	60,97%

Fonte: elaboração minha.

Tabela 3 – Aceitabilidade de “seu” e “dele” consoante a especificação do possuidor

	PBR		PHF	
	SEU	DELE	SEU	DELE
[+específico]	77,63%	72,13%	62,5%	63,15%
[-específico]	68,24%	70,69%	71,83%	51,39%

Fonte: elaboração minha.

Tabela 4 – Aceitabilidade de “seu” e “dele” consoante a animacidade do possuidor

	PBR		PHF	
	SEU	DELE	SEU	DELE
[+animado]	72,37%	70,77%	68,06%	59,86%
[-animado]	73,5%	72,11%	66,27%	57,04%

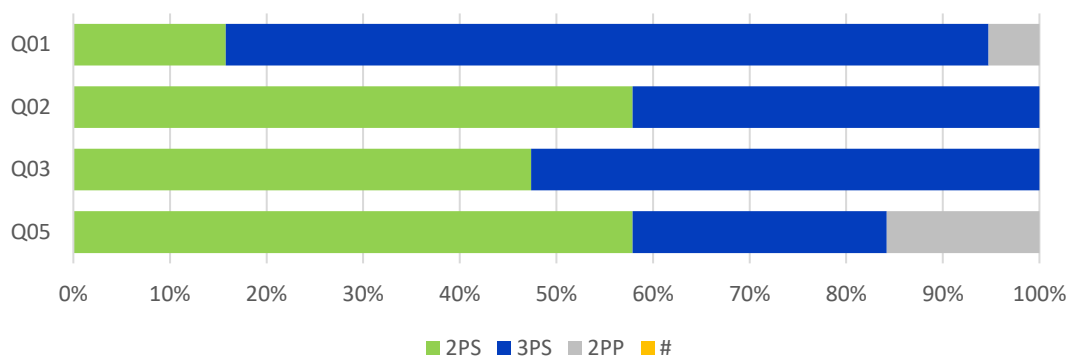
Fonte: elaboração minha.

4.5.3 Instrumento 03

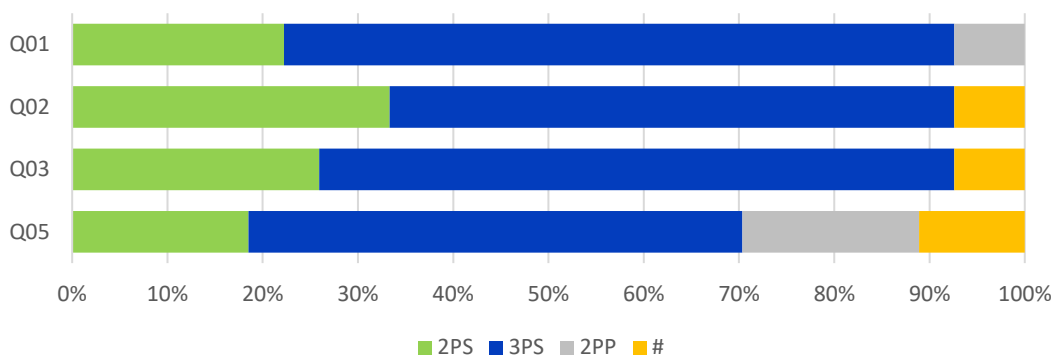
Para a análise do Instrumento 03 foram quantificadas as respostas dadas pelos participantes de cada grupo a cada questão (Cf. Apêndices 05, 09 e 10), considerando a pessoa gramatical a que interpretação feita corresponderia (2PS, 2PP, 3PS ou outra).

As respostas dos dois grupos foram analisadas considerando a distribuição percentual da interpretação de referencialidade de cada questão.

Os resultados estão representados nos gráficos a seguir.

Gráfico 11 – Interpretação de referencialidade (PBR)

Fonte: elaboração minha.

Gráfico 12 – Interpretação de referencialidade (PHF)

Fonte: elaboração minha.

Indicadas com “#” estão as respostas que não se explicam e não seriam autorizadas pela interpretação de referencialidade de “seu”. Sua ocorrência pode estar relacionada a uma não compreensão do contexto geral da questão e ocorreram pontualmente, apenas nas respostas dos participantes estrangeiros.

No geral, destaca-se uma variabilidade na interpretação dos dois grupos, em que a distribuição de respostas à questão 01 é praticamente coincidente em ambos, enquanto nas questões 02, 03 e 05 há tendências relativamente distintas de interpretação.

CAPÍTULO 5

PISTAS SOBRE O EMARANHAR-SE EM NÓS

Neste capítulo, retomo alguns dos dados apresentados em 4.5, discutindo-os mais detidamente quanto aos indícios que representam para a compreensão da aprendizagem dos possessivos de 3P do PB por FE.

O capítulo está dividido em três seções, mais ou menos correspondentes aos três instrumentos de produção de dados utilizados: em 5.1 trato mais especificamente dos resultados do Instrumento I, discutindo a não ocorrência de estruturas dativas nas produções dos PHF como um caso de reanálise ou de evitamento; em 5.2 levanto algumas hipóteses e interpretações de certas tendências e desvios observados na análise comparada das respostas dos dois grupos ao Instrumento II e, em 5.3, discuto a influência de fatores linguísticos e contextuais na interpretação de referência do possessivo “seu” a partir das respostas obtidas com o Instrumento III.

5.1 O estabelecimento da relação de posse inalienável: um caso de reanálise?

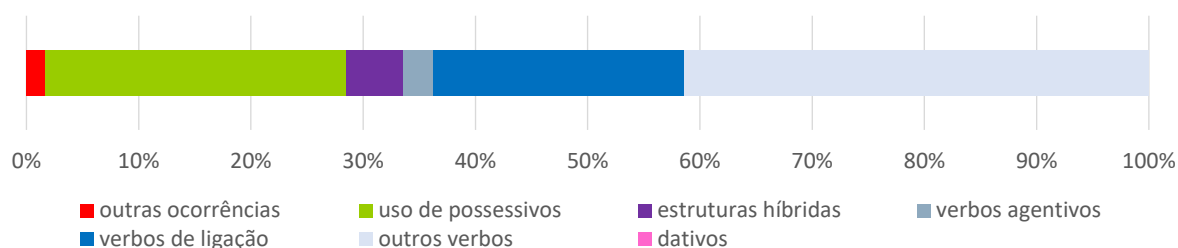
Nesta primeira seção me ocupo mais detidamente dos resultados obtidos pela aplicação do primeiro instrumento de elicitación de dados: o exercício de retextualização adaptado de Gancedo Álvarez (2008).

Como demonstrou a análise de ocorrências apresentada em 4.5, contrariamente às expectativas que motivaram a inclusão desse instrumento na análise, não foram observadas estruturas dativas para o estabelecimento da relação de posse inalienável nas produções textuais, mesmo de participantes com menos tempo de estudo no idioma⁴⁹.

⁴⁹ Não foram sistematizadas análises comparativas das construções preferenciais conforme o tempo de estudo porque as produções textuais apresentaram uma uniformidade aparente, não havendo ocorrência de dativos em nenhum dos textos, e também porque as condições de aprendizagem do idioma pelos participantes são diversas. A análise comparativa de dois recortes transversais, portanto, não reconstruiria, nem de forma aproximada, o percurso de aprendizagem do idioma, diferentemente da pesquisa de Gancedo

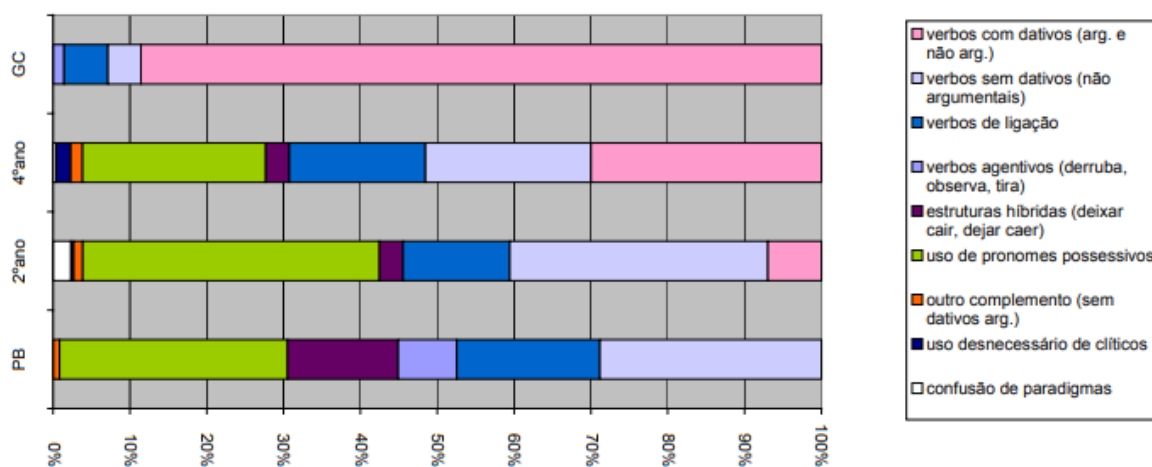
De fato, ao compararmos a distribuição de ocorrências na produção dos PHF (Gráfico 8, reproduzido novamente abaixo) com a de PB/LM e Espanhol/LM levantadas por Gancedo Álvarez (Gráfico 1), vemos que a interlúngua dos FE se distancia enormemente da gramática do Espanhol e apresenta padrões muito similares à gramática do PB:

Gráfico 8 – Estruturas verbais e possessivas mapeadas (PHF)



Fonte: elaboração minha.

Gráfico 1 – Progressão nas estruturas possessivas.



Fonte: Gancedo Álvarez (2008, p.120).

Isto é, se em Espanhol/LM, as construções utilizadas para narrar a queda e a quebra dos óculos eram predominantemente as ilustradas em (5.1), a seguir, sendo de quase 90% a ocorrência de dativos entre as estruturas consideradas no *corpus* analisado; na produção em PB pelos PHF, essa construção preferencial é substituída por possessivos, que estabelecem a

Álvarez (2008), que teve por participantes aprendentes em contexto de não-imersão, estudantes de um mesmo curso de Letras, cujo estudo formal do idioma seguia uma mesma estrutura curricular.

relação entre o personagem e os óculos, e por estruturas verbais como “cair” ou “estar quebrado”, que em Espanhol/LM tiveram ocorrência muito restrita mas foram as estruturas preferenciais no *corpus* de PB/LM.

(5.1) a. *Se le cayeron las gafas.*

b. *Se le rompieron las gafas.*

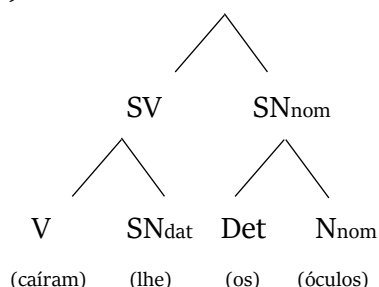
Esse abandono dos dativos possessivos pode ser entendido como um caso de reanálise, decorrente da falta de *inputs* do PB que autorizassem a interpretação de construções dativas (no geral, mas dos dativos possessivos em específico) como pertencentes à gramática da língua.

Daí que emergem na interlíngua dos estudantes outras construções, também gramaticais na língua espanhola mas que não ocorreriam nesse contexto particular por matizes discursivos.

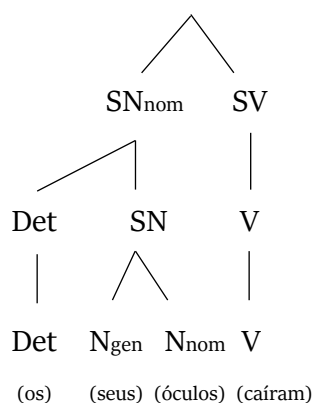
Outra interpretação possível do fenômeno seria como um caso de evitamento.

Como a construção dativa não argumental se apresenta como estrutura mais complexa, já que o pronome dativo está sintaticamente ligado ao verbo e semanticamente a um complemento (nominativo ou acusativo), estando sujeito inclusive às regras de colocação pronominal clítica, o uso de construções genitivas seria uma alternativa muito mais simples: está ligado semântica e sintaticamente ao mesmo N e figura dentro do mesmo SN, como ilustram, de maneira simplificada, os exemplos a seguir.

(5.2) a. *Caíram-lhe os óculos.*



b. *Os seus óculos caíram.*



Casualmente, duas das sentenças distratoras avaliadas pelos participantes no Instrumento II incluíam estruturas dativas não-argumentais (TA11 e TA22), ambas em situação informal, em contexto de diálogo:

(5.3) [*o médico*] te examina os dentes e vê se está tudo em ordem. [TA22]

(5.4) [*minha mãe*] me escondeu o videogame e disse que só vou poder jogar de novo daqui uma semana. [TA11]

As duas sentenças foram avaliadas de maneira mediana pelos PBR, cuja aceitabilidade foi de 68,18% e 60,53%, respectivamente. Já os PHF as avaliaram com aceitabilidade, respectivamente, de 61,54% e 83,33%, sendo esta a segunda maior média de aceitabilidade do grupo, considerando todas as sentenças

A diferença (expressiva) entre a avaliação de TA11 e TA22 por PHF pode estar relacionada à diferença do contexto de avaliação: TA11 foi parte das primeiras vinte sentenças avaliadas, pelo próprio formulário, enquanto TA22 foi uma das sentenças avaliadas na consulta por e-mail para complementação de dados.

É possível ainda supor que a diferença seria um reflexo da mudança da pessoa gramatical, com o uso do dativo não argumental sendo mais comum ou mais bem aceito em referência à 1PS do que à 2PS. Os dados, contudo, são inexpressivos para qualquer análise a esse respeito.

Ainda assim, a alta aceitabilidade de TA11, em contraste ao abandono da estrutura dativa nas produções textuais, me parece um argumento favorável à interpretação da hipótese do evitamento: os estudantes parecem ainda reconhecer a estrutura e a aceitam como parte da gramática do PB, mas recorrem a outras construções ao produzir na LE por conta da maior complexidade estrutural que o dativo não-argumental implica.

Contudo, o fato de que mesmo participantes com mais tempo de estudo não utilizem as construções dativas poderia também ser explicado pela falta dessa estrutura em *inputs* da língua.

Em qualquer dos casos, que não são necessariamente excludentes, o resultado é uma interlíngua em que as estruturas empregadas para expressão de posse inalienável correspondem às preferências de falantes nativos do PB, inclusive aproximando-se discursivamente ao idioma ao incluir estruturas híbridas (“deixou cair os (seus) óculos”) para marcar a não-intencionalidade do protagonista, embora em proporção ainda menor do que no *corpus* de PB/LM.

É significativo ressaltar, assim, que, no contexto específico dessa atividade, os FE aprendentes de PB aproximam-se muito mais da gramática da LE do que brasileiros aprendentes de ELE.

Como demonstraram os dados de Gancedo Álvarez (2002, 2008), mesmo com uma aproximação progressiva à gramática do Espanhol quando se comparam as produções de participantes de 2º e de 4º ano de Letras, mesmo aqueles com mais tempo de estudo ainda se distanciam significativamente das preferências do Espanhol/LM.

Principalmente se considerarmos os casos de usos desnecessários de dativos e de confusão de paradigmas identificados na interlíngua dos estudantes brasileiros, parece que o movimento de reestruturação da gramática para expressão de posse inalienável é mais difícil aos brasileiros que aprendem Espanhol do que aos FE que aprendem PB.

Ainda sobre os resultados do Instrumento I, é chamativa também a ocorrência do de-possessivo na produção de dois participantes (PHF15 e PHF22), que somam 04 usos de “dele”, estrutura que não ocorreu no *corpus* de PB/LM coletado por Gancedo Álvarez:

(5.5) *Um día, um homem estava estornuando _ e os óculos dele quebrou, o homem fico muito surpreso, então o homem foi a pesquisar outros óculos, foi para a*

loja de óculos, o homem ficou feliz com seus novos óculos, mas a caixa de óculos caiu, e os óculos também quebrou, o homem ficou muito triste, de novo tinha que ir para a loja para ter óculos novos. [PHF15]

(5.6) *Era segunda feira pela manhã, quando Carlos andava pela rua São Jose indo para o seu trabalho, ele era um funcionário pontual até que um dia os óculos dele caíram nesse momento ele ficou preocupado, mas quando ele revisou, os óculos dele não estavam quebrados, foi nesse momento que ele pensou em comprar um estojo de óculos, depois de um tempo, ele andava como sempre indo para o trabalho e aconteceu algo que antes ia acontecer, no entanto agora ele se encontrava confiado pela proteção que tinha seus óculos, quando abriu o estojo, os óculos dele estavam quebrados, foi nesse momento que ele ficou só olhando de uma maneira pensativa, possivelmente pensando em alguma solução, ou simplesmente aprendeu a ter mais cuidado com as suas coisas. [PHF22]*

Com base nos estudos discutidos no Capítulo 2, é razoável interpretar que o uso exclusivo de possessivos simples na produção de brasileiros tenha sido resultado de restrições do contexto, já que se trata de uma narrativa escrita, produzida a pedido de uma doutoranda em Letras que tinha por objetivo analisar aspectos gramaticais da produção⁵⁰, o que poderia levar os participantes a adotarem um registro mais culto.

O uso de “dele” por PHF nesse contexto, portanto, poderia ser interpretado como uma hipergeneralização de uso da estrutura, percebida como característica da gramática do PB e utilizada de maneira estendida, sem que as restrições de monitoramento do contexto fossem percebidas e mobilizadas por esses participantes.

Alguns fatos, no entanto, limitam essa interpretação.

⁵⁰ Embora para o consentimento da pesquisa os participantes soubessem que a pesquisadora estaria avaliando questões linguísticas de suas produções, não foi informado a eles exatamente qual a estrutura em foco.

Primeiramente, em ambas as produções (de PHF15 e PHF22), houve usos também de “seu” para estabelecer a relação de posse entre o personagem e os óculos, não havendo nenhum critério aparente para essa alternância de estruturas.

Em segundo lugar, ao cruzarmos esses dados com as respostas desses participantes ao Instrumento II, vemos que a aceitabilidade de “dele” pelo PHF15 foi de 85% (quase 30% maior do que a média do grupo), mas pelo PHF22, que produziu três das quatro ocorrências de “dele” no Instrumento I, a aceitabilidade do de-possessivo foi de apenas 15% (mais de 40% menor do que a média), frustrando a hipótese de uma aceitação e uso generalizados da estrutura.

Uma característica comum aos dois textos é a coesão pouco articulada, marcada, por exemplo, pela repetição constante de “homem” e “óculos” em (5.5) e por inadequações na pontuação de (5.6), que podem indicar tanto um descuido ao realizar o exercício quanto caracterizar uma fase da aprendizagem da língua em que a articulação ainda se restrinja ao contexto de cada sentença.

Isso poderia justificar a alternância de “seu” e “dele” para relacionar o personagem e os óculos e mesmo dar sentido à ocorrência de “dele”, que recupera explicitamente o possuidor na sentença.

Essas ocorrências no *corpus* analisados são pontuais e insuficientes para uma análise mais aprofundada do fenômeno, mas me parecem reafirmar a necessidade de uma observação focada na variação dessas estruturas na interlíngua de FE, analisando a frequência de suas ocorrências em contextos mais amplos de uso da língua e também discutindo sua aprendizagem e uso em uma perspectiva qualitativa e longitudinal.

5.2 (Des)encontros na variabilidade

No que se refere aos resultados do Instrumento II, houve grande variabilidade na avaliação das sentenças, mesmo entre o grupo de PBR, o que reforça ser este um aspecto de relativa instabilidade na língua.

O maior monitoramento implicado pelas condições de produção dos dados e a possibilidade dos participantes analisarem e refletirem sobre cada sentença podem ter favorecido que as gramáticas do PB culto e do PB coloquial conflitam na percepção de gramaticalidade das sentenças indicada pelos PBR.

No caso dos PHF, a variabilidade nas respostas já era esperada e pode ter a ver com o próprio lugar de estrangeiros a partir do qual são convidados a refletir sobre a língua.

Ao comparar a média de respostas por questão conforme o tempo de estudo formal do idioma, não identifiquei diferenças expressivas, o que, nos limites dos dados disponíveis, pode indicar que a progressão nos estudos do idioma não interfere na percepção que os estudantes FE têm da adequação de uso de “seu” e “dele” como possessivos de 3P.

Em meio a essa variabilidade, no entanto, me parece possível destacar alguns aspectos que nos dão indícios produtivos para interpretar a aprendizagem dessas variantes do PB por FE.

Já em 4.5.2, ao analisar no conjunto dos dados a influência da modalidade do texto, destaquei uma particular relevância dessa variável nos dados dos PBR, em que se observam padrões similares aos descritos por Guedes (2017) e Silva (2016), com o possessivo simples sendo mais favorecido em contexto de uso escrito da língua e o de-possessivo em contexto de uso oral (ou escrito que simula a oralidade, como foi o caso deste *corpus*).

Em contraste, na avaliação de PHF, a modalidade do texto não pareceu ter influência direta na avaliação: ambas as variantes foram mais bem avaliadas no contexto de uso escrito do que em contexto de uso oral, sendo “dele” a forma menos aceita em ambos os casos.

Nas tabelas a seguir, que apresentam a avaliação dos dois grupos considerando a confluência das três variáveis controladas, podemos observar mais atentamente os padrões (ou sua ausência) na resposta de cada grupo.

Tabela 5 – Confluência das variáveis controladas na avaliação de gramaticalidade (oral)

Escrito - traço de oralidade	[+humano]			[-humano]		
		PBR	PHF		PBR	PHF
[+específico]	Seu	74% (TA17)	70% (TA17)	seu	79% (TA12)	57% (TA12)
	Dele	87% (TA10)	39% (TA10)	dele	89% (TA02)	57% (TA02)
					63% (TA20)	67% (TA20)
[-específico]		PBR	PHF		PBR	PHF
	Seu	53% (TA04)	61% (TA04)	seu	55% (TA23)	58% (TA23)
	Dele	82% (TA13)	69% (TA13)	dele	66% (TA09)	48% (TA09)

Fonte: elaboração minha.

Tabela 6 – Confluência das variáveis controladas na avaliação de gramaticalidade (escrito)

Escrito	[+humano]			[-humano]		
		PBR	PHF		PBR	PHF
[+específico]	Seu	76% (TA18)	65% (TA18)	seu	82% (TA15)	57% (TA15)
	Dele	66% (TA01)	72% (TA01)	dele	68% (TA08)	63% (TA08)
		59% (TA21)	81% (TA21)			
[-específico]		PBR	PHF		PBR	PHF
	Seu	87% (TA03)	76% (TA03)	seu	79% (TA07)	93% (TA07)
	Dele	61% (TA06)	39% (TA06)	dele	74% (TA14)	50% (TA14)

Fonte: elaboração minha.

As tabelas deixam entrever algumas informações significativas:

- i) em seis das dezoito sentenças (TA17, 04, 20, 23, 01 e 08), a resposta dos dois grupos foi bastante próxima, com diferença inferior a 10%, e em apenas sete sentenças a diferença foi superior a 20% (TA10, 12, 02, 21, 06, 15 e 14);
- ii) a aceitabilidade de “seu” foi bastante variada entre os dois grupos, sendo por vezes mais favorecida entre PBR e por vezes entre PHF, sem qualquer padrão aparente;
- iii) as ocorrências de “dele”, por sua vez, tiveram maior aceitabilidade entre os PBR em quase todos os contextos, exceto em TA01, TA20 e TA21. Nos dois primeiros casos, a diferença foi de menos de 6% e, em TA21, a aceitabilidade do de-possessivo por PHF superou a dos PBR em mais de 20%. Nos três casos, aspectos relacionados à qualidade do contexto (grau de monitoramento e ambiguidade) podem ter influenciado nas respostas, como discutirei em seguida;
- iv) nos dados de PBR, “seu” foi mais bem aceito do que “dele” em todas as sentenças em registro escrito. Já em sentenças com traço de oralidade, o de-possessivo foi mais favorecido em todos os contextos, exceto nas sentenças TA09 e TA20;
- v) houve apenas quatro sentenças cuja média de aceitabilidade foi de 50% ou menos, todas elas na avaliação de PHF e em que a ocorrência era de de-possessivo.

Passemos a uma análise de algumas das sentenças avaliadas para uma discussão mais aprofundada sobre alguns desses aspectos destacados, começando por TA21, em que o de-possessivo foi mais bem avaliado por PHF do que por PBR com uma diferença percentual significativa⁵¹:

(5.7) *No corpo de uma reportagem em um jornal online, se lê: "Em entrevista a um jornal do interior paulista, o cantor sertanejo fala sobre artistas nacionais e internacionais que influenciaram a trajetória musical dele."* [TA21]

Essa sentença é particularmente significativa porque, além da diferença de 21% na avaliação dos dois grupos, foi aquela em que o de-possessivo teve a menor nota na avaliação de PBR (59%) e a maior nota na avaliação de PHF (81%).

O menor favorecimento por brasileiros, ainda em proporção próxima à das demais avaliações em contexto de uso escrito do de-possessivo pelo grupo (65,5%), me parece explicável justamente pela qualidade do contexto: trata-se de um texto escrito, mais especificamente de uma reportagem produzida por um jornal, o que favoreceria a eleição por um registro culto/formal da língua.

O possessivo simples, portanto, poderia ser interpretado como uma alternativa mais adequada a esse contexto específico. Vale retomar aqui os resultados de Araujo (2003), que constatou uso exclusivo de “seu” como possessivo de 3P em matérias das três edições analisadas da revista “Veja”.

Já na avaliação por PHF, a distância entre o possessivo e o referente possuidor (o cantor sertanejo) e a presença de outro referente de 3P entre eles (“artistas nacionais e internacionais”) são características que mesmo em Espanhol, conforme Pereira & Marcotulio (2020) e Sanchez Avedãno (2008), favoreceriam o uso do de-possessivo, o que pode estar relacionados à alta aceitabilidade do de-possessivo pelo grupo nessa questão.

⁵¹ Não me ocupo das sentenças TA01 e TA20, por ora, porque, embora também nelas o de-possessivo tenha sido mais bem avaliado pelos PHF, a diferença é de menos de 6%, sendo duas das seis sentenças em que as respostas dos dois grupos foram mais correspondentes.

Como discutirei na seção seguinte, também no Instrumento III a questão que mais favoreceu a interpretação de referência de “seu” como 2PS apresentava essas características: referente possuidor distante e mais de um possível referente na mesma sentença.

Esse dado sugere uma transferência de regras do Espanhol à interlíngua do PHF, em que as condições que favorecem o de-possessivo na LM se sobrepõem, na interlíngua, às regras que restringem seu uso na LE.

As restrições de aceitabilidade por PBR do de-possessivo em contexto de uso [+monitorado] da língua podem também justificar a aceitabilidade relativamente baixa da sentença TA20, o que explicaria a quebra de padrão destacada na quarta alínea (p.109):

(5.8) *Uma vereadora, em sessão ordinária da Câmara, opina sobre uma proposta de lei que visa à gratuidade do sistema de transporte público da cidade para estudantes: "Eu acho a lei muito interessante, mas **os furos dela precisavam ser melhor discutidos antes de nós aprovarmos qualquer coisa.**" [TA20]*

Essa sentença teve 26% menos de aceitabilidade por PBR do que TA02, que partilhava características similares quanto às variáveis controladas (referente [-humano] e [+específico] e contexto que reproduzia oralidade), e 5% menos que TA08, sua “correspondente”⁵² em contexto de registro escrito.

Minha hipótese é de que a menor aceitabilidade de TA20 por PBR (que, ainda assim, foi superior a 60%) se deva ao contexto geral de ocorrência: embora em uso oral da língua, trata-se de uma intervenção de uma vereadora em uma sessão da Câmara, que, enquanto evento solene, guarda relativa formalidade e exige uma linguagem mais culta.

Já no caso da sentença TA09, também com menor aceitabilidade pelos PBR do que a sentença “correspondente” (TA14) em registro escrito, não encontro uma explicação lógica

⁵² Uso o termo para me referir de maneira ilustrativa à construção espelhada das Tabelas 5 e 6 (p.108-109), que contrasta, nos dois tipos de registro considerados (escrito e escrito que reproduzia a oralidade), a avaliação de sentenças em que o referente possuidor apresentava as mesmas características no que se refere aos traços de especificidade e animacidade.

dessa diferença, que também foi de poucos pontos percentuais (66% e 74%, respectivamente):

(5.9) *Dois colegas conversam a caminho da escola depois de um final de semana prolongado. Um deles pergunta:*

- *E aí, que que você fez no feriado?*

- *Fui com a minha família pra praia. A gente ia curtir o sol lá, mas choveu o feriado inteiro.*

- *Putz, que azar. Mas é isso, né, **as viagens sempre têm os imprevistos delas.*** [TA09]

(5.10) *Carla, uma estudante universitária, desabafa em uma postagem no Facebook:*

*"Eu acredito que **as universidades e os funcionários delas** (tanto professores quanto técnicos administrativos) **deviam se esforçar por estabelecer um diálogo mais próximo com a sociedade.**"* [TA14]

Enquanto falante nativo do PB, tenho inclinação similar a dos PBR para a avaliação dessas sentenças. Em TA14, embora seja um registro escrito e o referente possuidor seja [-animado] e [-específico], o fato de se tratar de um *post* de Facebook, percebido talvez como um registro mais informal, pode ter favorecido a aceitabilidade média do de-possessivo.

Isso justificaria que, dentre as sentenças em contexto de registro escrito com ocorrência de “dele”, TA14 tenha sido a mais bem avaliada pelo grupo de PBR.

Quanto à sentença TA09, ela foi adaptada de Guedes (2017) e também tem um referente [-animado] e [-específico] e ocorre em contexto de uso oral e [-monitorado] da língua. Uma hipótese para que sua avaliação tenha sido abaixo da média pode ser pelo grau de não-especificação do referente.

Como discutido a partir de Oliveira e Silva (1991), o grau de especificação do referente é um conceito amplo, que abarca vários elementos e ocorre em diferentes graus. Seria possível supor, portanto, que “as viagens” (TA09) é ainda menos específico do “as universidades” (TA14) e a menor aceitabilidade do de-possessivo em TA09 do que em TA14

pode refletir, em alguma medida, as restrições de determinação do referente possuidor apontadas por diversos pesquisadores na descrição da variação em foco no PB.

Outra hipótese é de que o uso do possessivo simples na frase “as viagens têm seus imprevistos”, que, intuo, seria muito mais bem aceita por brasileiros do que TA09, não corresponda a um uso possessivo do pronome, mas a algum daqueles outros usos pragmáticos que ele pode desempenhar no PB, como os discutidos por Gusmão (2012), demarcando, nesse contexto específico, mais uma ênfase do que propriamente relacionando “viagens” e “imprevistos”. Isso justificaria a agramaticalidade de “delas” no contexto.

Não está no escopo deste estudo, no entanto, um aprofundamento dessa discussão.

Foco, por fim, nas quatro sentenças que tiveram aceitabilidade de 50% ou menos pelos PHF. Duas delas são justamente TA09 e TA14, de que recém me ocupei. Pode ter influenciado na baixa aceitabilidade dessas sentenças por PHF justamente o contexto de referente [-específico] e [-animado], que teria maior influência na avaliação desse grupo do que de PBR.

Outra hipótese é de que essa restrição de aceitabilidade das duas sentenças pelos PHF se deva à pouca distância entre o referente possuidor e o possessivo, sendo esta uma característica comum também às outras duas sentenças (TA06 e TA10, citadas a seguir) e que corrobora a discussão que fiz a respeito da sentença TA21, em que, conforme sugeri, a distância do possessivo e do referente possuidor favoreceria o uso do de-possessivo.

(5.11) *Na primeira capa do jornal, a notícia: "**Entregadores de aplicativos vão às ruas reivindicar os direitos deles.**"* [TA06]

(5.12) *Andréia e Sara são irmãs e trabalham na mesma empresa. Um dia, toda a equipe do trabalho combina de ir jantar em um restaurante novo que abriu na cidade. Júlio, um dos funcionários, vê a Sara chegar sozinha e, alguns minutos depois, pergunta:*

- Ué, cadê a Andréia? Achei que ela vinha também!

*- Pois é. **Ela decidiu que ia levar os filhos dela para conhecer a Disney mês passado** e agora não tem um tostão na carteira. Falou que fica pra próxima.* [TA10]

Como se observa, em todos os quatro casos o possessivo e o referente possuidor aparecem na mesma sentença. Em TA14, no mesmo sintagma, formando um sujeito composto (“as universidades e os funcionários dela” – Cf. (5.10)), e nas demais o possessivo aparece junto ao complemento acusativo do verbo, recuperando o argumento nominativo.

Em TAO6 é o único caso em que há um SN de 3P entre os elementos (“as ruas”), mas que seria um referente improvável no contexto de uma eventual ocorrência do possessivo “seu”: como as ruas não têm direitos, essa interpretação seria ilógica.

Considerando os resultados de Pereira & Marcotulio (2020) e Sánchez Avendaño (2008), que observaram que a ocorrência do de-possessivo na gramática do Espanhol é resultado, grandemente, de uma necessidade de desfazimento de ambiguidade ou de expressão de contraste referencial, o particular contexto em que o possessivo ocorre nas sentenças menos bem avaliadas, tão próximo ao referente possuidor, poderia ser uma restrição de aceitabilidade do de-possessivo, por influências da gramática da LM na interlíngua dos participantes.

Essa interpretação é produtiva e explica as avaliações dos PHF a cinco das ocorrências de “dele”, como já destaquei: tanto o caso em que o de-possessivo foi mais bem avaliado quanto os quatro contextos em que foi mais mal avaliado pelo grupo.

Essa interpretação, no entanto, conflita com a alta aceitabilidade (71%) do de-possessivo em TAO1, em que o referente possuidor e o possessivo também figuram no mesmo SN:

(5.13) *No caderno de Política do principal jornal do país, uma notícia diz: "O deputado José Ricardo de Almeida Neto e os filhos dele são alvo de **investigação** da Polícia Federal, que busca identificar um sistema de caixa dois bilionário nas últimas eleições."* [TAO1]

Interessa notar que as duas sentenças em que o de-possessivo foi mais bem avaliado pelos PHF (TAO1, acima, e a já comentada TA21) tenham características similares em relação às variáveis controladas: referente [+específico] e [+animado], contexto de registro escrito.

Em TA21, como destaquei antes, a distância do referente pode ser entendida como um favorecedor do de-possessivo, mas em TAO1 não. Também é chamativo o fato de que

TA10 (Cf. (5.12)) também tenha referente possuidor [+específico] e [+animado], ocorrendo em registro oral, mas que tenha sido uma das sentenças mais mal avaliadas pelos participantes estrangeiros.

Acredito que a excepcionalidade tenha sido a avaliação de TA01, que, enquanto primeira sentença avaliada na produção de dados da pesquisa, tenha tido respostas “mais brandas” ou “menos críticas”, sendo sua avaliação positiva motivada pelo reconhecimento de uma estrutura gramatical da língua, sem considerações sobre a adequação ou não de sua ocorrência no contexto.

Enfim, as interpretações apresentadas aqui são reflexões iniciais a partir dos dados e precisam de maior aprofundamento, com outras investigações, para que se possa identificar fatores mais concretos sobre os contextos que determinam a aceitabilidade de “seu” e de “dele”, tanto por FE quanto por brasileiros.

Foi levantada como hipótese de um fator significativo na gramática da interlíngua dos PHF a restrição de aceitabilidade de “dele” em contextos em que o possessivo e o possuidor estão próximos.

O dado mais concreto das respostas analisadas, isto é, aquele com indícios mais fortes em seu favor, é o de que o grau de monitoramento do contexto influencia significativamente na avaliação de gramaticalidade de “seu” e “dele” por brasileiros, havendo uma tendência mais ou menos generalizada ao uso de “seu” em contexto [+monitorado] e “dele” em contexto [-monitorado].

Esse padrão não foi observado nas respostas de PHF, o que corrobora minhas hipóteses iniciais e me parece sugerir o que seria uma característica importante da interlíngua de FE aprendentes de PB.

Como sugerem os resultados de Yokota (2007), uma característica da gramática da interlíngua de brasileiros aprendentes de ELE é a transferência dos diferentes parâmetros de construção sintática do PB à sua produção na LE, apresentando preferências distintas de preenchimento do argumento acusativo do verbo conforme o registro do texto (oral ou escrito), diferença que não se observa na gramática do Espanhol/LM.

É razoável supor, portanto, e os dados do Instrumento II parecem corroborar isso, que parte do desafio que FE terão de enfrentar ao aprender o PB é justamente o de

emaranhar-se nesse nó estrutural, apropriando-se de ambas as gramáticas da língua e dos parâmetros sociolinguísticos que determinam o uso de uma ou outra consoante o contexto. Isto é, no caso específico dos possessivos de 3P, o desafio é perceber que, dependendo do maior ou menor grau de monitoramento do texto, a variabilidade de estruturas possíveis obedece a regras diferentes.

5.3 Interpretação de referência: entre a estrutura linguística e a qualidade do contexto

Uma das quebras de expectativas com a produção dos dados foi quanto às respostas dos PBR ao Instrumento III.

Por intuição enquanto falante nativo do PB, eu esperava que os PBR interpretassem “seu” com referência predominantemente à 2PS, sobretudo considerando o contexto de uso oral, dialogado e [-monitorado] representado nas situações das quatro perguntas. O resultado, no entanto, foi de 50% de respostas que indicam a interpretação como referente à 3PS, aproximadamente 05% como 2PP e 45% como 2PS.

É fato que todas as respostas são possíveis gramaticalmente, dada a ambiguidade referencial de “seu”, mas suspeito que as condições controladas de produção de dados tenham interferido nas respostas, com alguns participantes recorrendo mais aos parâmetros do PB culto para interpretar as questões.

Um dado que sustenta essa hipótese é o da distribuição de respostas entre os participantes do grupo: 08 dos 19 PBR concentram mais de 71% das respostas de referência à 3PS, enquanto outros 08 concentram 76% das interpretações como 2PS. Apenas nas respostas de 3 participantes houve uma distribuição similar à do grupo geral, com 50% de respostas referentes à 3PS e 50% referente à 2PS.

Acredito que esses dois grupos maiores representem duas posturas diferentes em relação à pesquisa, em que alguns participantes considerem o contexto de produção informal representado e respondam as questões a partir do seria uma interpretação mais espontânea, enquanto outros, pela formalidade do contexto de pesquisa, guiem suas interpretações com base no PB culto.

Já nas respostas do grupo de PHF, houve 62% de correspondência à 3PS, 25% à 2PS, 6,5% à 2PP e 6,5% de respostas agramaticais, que não se explicam pela interpretação

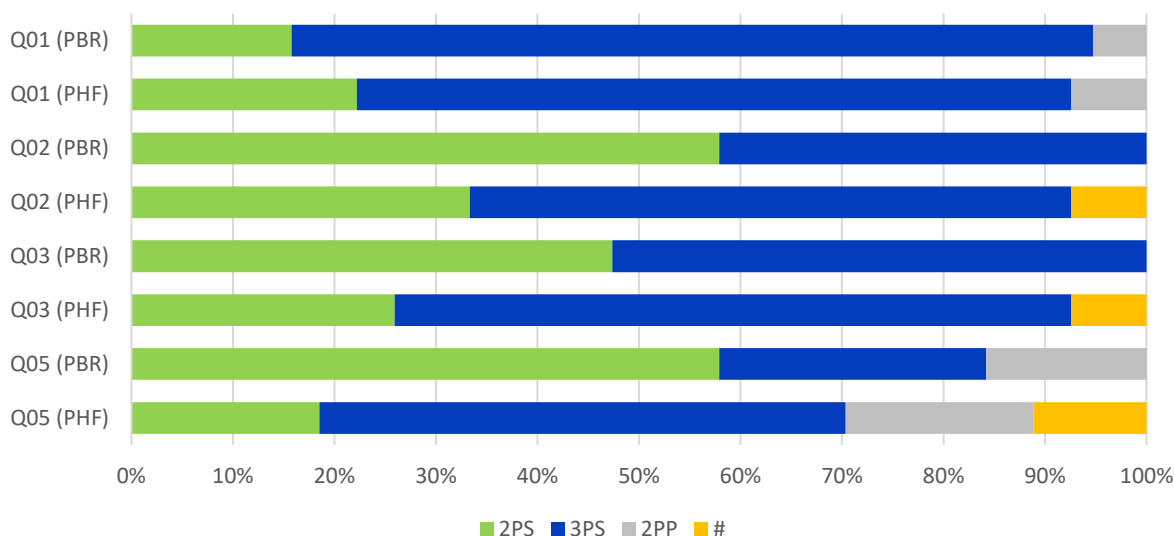
de referência do possessivo simples. Em termos absolutos, os PHF favoreceram bem menos a interpretação como 2PS do que os PBR.

Ainda, entre o grupo de PHF, também mais de 70% das ocorrências de respostas referentes à 2PS estão concentradas no questionário de apenas 7 participantes (menos de um terço do grupo). Destes, 04 têm mais de dois anos de estudo formal da língua, 02 têm entre um e dois anos e apenas 01 tem menos de seis meses de estudo.

É possível supor, portanto, que a interpretação de “seu” como referente à 2PS foi mais restrita e localizada no grupo de PHF, sendo particularmente mais comum entre participantes com mais tempo de estudo do idioma.

Se comparamos os dois grupos quanto ao percentual de distribuição de respostas por questão, os dados são ainda mais chamativos:

Gráfico 13 – Comparativo de respostas ao Instrumento III



Fonte: elaboração minha.

À exceção da primeira questão, em que a resposta de ambos os grupos (mas sobretudo a dos PBR) favoreceu a interpretação de “seu” em referência à 3PS, em todas as questões, a despeito da variabilidade de respostas, a interpretação de “seu” como 2PS foi muito mais comum no grupo de PBR, chegando a quase 60% das respostas nas Q02 e Q05, enquanto no grupo de PHF variou entre 18% e 33%.

Além das condições de produção dos dados, que destaquei como potencial influência na variabilidade de respostas, acredito que outras questões relacionadas à qualidade do contexto podem também influenciar na interpretação de referencialidade das questões.

Destaco para uma breve discussão a Q01, por ter sido aquela em que houve uma maior interpretação do possessivo simples como referente à 3PS pelos PBR, e Q02, em que houve maior interpretação como 2PS pelos PHF. Começemos pela Q01:

(5.14) *Ana e Carina são vizinhas. As duas conversam pela manhã:*

- [Ana]: *Você tem visto a Joana? Já faz um tempão que não vejo ela...*

- [Carina]: *Eu vi ela no shopping ontem, passeando com o seu sobrinho.* [Q01]

Em uma primeira versão da questão, figurava a palavra “marido” ao invés de “sobrinho”. Logo após as primeiras respostas, no entanto, percebi que a referência ao marido tornaria a interpretação como 3PS pouco verossímil, por isso fiz a alteração no texto. As respostas à primeira versão da pergunta foram poucas, apenas por participantes do grupo de PHF, e tiveram distribuição proporcional semelhante à segunda versão, por este motivo tratei-as conjuntamente na análise.

Essa foi a questão em que, proporcionalmente, mais se interpretou o possessivo simples como de 3PS, em ambos os grupos, sendo a única em que a distribuição de resposta dos dois foi similar.

Minha hipótese é de que esse favorecido de interpretação tão acentuado seja consequência justamente do vínculo familiar que o possessivo simples expressa.

Por mais provável que seja que Ana, após a fala da Carina no diálogo, pensasse por um primeiro momento: “meu sobrinho?”, é logicamente muito mais provável que uma pessoa vá ao shopping com o próprio sobrinho do que com o sobrinho de uma amiga ou conhecida.

Ainda mais improvável seria que a Joana tenha ido com o sobrinho de Carina ao shopping e quem saiba disso não é Carina, mas a vizinha de Carina (Ana).

Não se trata de uma interpretação impossível, tanto que ocorreu em ambos os grupos, mas, sendo “seu” uma forma ambígua e os participantes da pesquisa tendo tempo

para reler e refletir sobre a questão, a interpretação de que Joana foi ao shopping com o seu próprio sobrinho é mais verossímil.

É importante destacar, conforme o gráfico deixa entrever, que esse maior favorecimento da interpretação de “seu” como 3PS na Q01 teve um peso significativo no cálculo geral de interpretações que apresentei no início desta seção.

Se no cômputo das quatro questões, a interpretação como 3PS soma 50% das respostas dos PBR, muitas destas estão concentradas na Q01. Nas demais, a proporção dessa interpretação chega a menos de 30%, como na Q05.

Passemos agora à Q02:

(5.15) *Ana e Roberto estão conversando sobre Júlia, uma amiga em comum que ambos admiram muito:*

- *[Ana]: A Júlia estava reclamando semana passada... disse que a família fica criticando ela demais, dizendo que ela não vai passar na faculdade. Chato, né? Falei pra ela nem dar bola. Todo mundo sabe que ela é super inteligente, que todo mundo gosta dela.*
- *[Roberto]: Né? Não conheço ninguém que não gosta da Júlia. Ela tá sempre ajudando todo mundo... mês passado mesmo a Kátia teve aqueles problemas de saúde, né, na garganta, e a Júlia deu um super apoio e tal, e ela tá sempre ajudando com a sua tarefa, né? Muito non sense essa postura da família dela. [Q02]*

Nesse caso, tivemos justamente o oposto: a interpretação de “seu” em referência à 2PS correspondendo a quase 60% das respostas dos PBR e a mais de 32% das respostas dos PHF, sendo estas as maiores ocorrências dessa interpretação nos dois grupos.

Uma primeira característica que difere a Q02 da Q01, e também das demais, é a extensão da fala dos personagens, que se estendem por algumas linhas ao falarem da colega, Júlia.

Justamente pela extensão da fala, o possessivo simples e “Kátia”, que é o referente de 3PS possível no contexto, estão relativamente distantes, havendo inclusive um outro referente feminino de 3PS no meio dos dois elementos, “Júlia”, o que justificaria, mesmo na

língua espanhola, que para recuperar “Kátia” como referente do possessivo se utilizasse “dela”/“de ella” ou mesmo “da Kátia”/“de Kátia”.

A referência a Kátia pelo possessivo simples é possível e foi a interpretação preferencial dos PHF, mas essa maior distância do referente possuidor pode ter influenciado a que mais participantes do grupo de PHF entendessem como mais lógica sua referência como de 2PS.

Além disso, o “né?”, que sugere um pedido de confirmação da informação logo após o uso do possessivo simples, corrobora também a interpretação de que a informação dada sobre a Júlia ajudar na “sua tarefa” se refere à tarefa da interlocutora de Roberto, Ana, quem poderá validar ou rechaçar essa informação.

Em síntese, as discussões apresentadas nesta seção se constroem no sentido de argumentar como o estabelecimento da referencialidade de “seu” parece ser resultado não só da informação gramatical expressa pelo possessivo, mas também de outras questões relacionadas à qualidade do contexto.

Sendo uma estrutura ambígua e tendo os participantes a possibilidade de reler e refletir sobre os textos, já com um conjunto pré-selecionado de interpretações possíveis, outros elementos podem ter tido reflexo nos dados produzidos com o Instrumento III.

No geral, a variabilidade de interpretações foi o padrão destacável em ambos os grupos. Apesar disso, os dados apresentados aqui quanto às proporções de respostas entre os PBR e PHF me parecem indicar que haveria, sim, maior tendência de interpretação de “seu” em referência a 2PS entre brasileiros do que entre FE e, contrariamente, maior tendência de interpretação como 3PS entre FE do que entre brasileiros.

Em uma interação entre brasileiros e FE, essas diferentes tendências podem se manifestar como ruído de comunicação, em que, frente ao uso de “seu”, cada interlocutor depreende sentido diverso.

No entanto, como os resultados da pesquisa deixam entrever, esse desencontro pode ser remediado por outras informações do contexto que direcionem a uma interpretação como mais lógica, mais coerente ou mesmo como única possibilidade, dependendo também do compartilhamento de informações sobre a pessoa ou o tema de que estejam falando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa busquei discutir, de maneira exploratória, como se dá a aprendizagem dos possessivos de 3P do PB por estudantes estrangeiros FE. Mais especificamente, foi meu objetivo observar aspectos concernentes à variabilidade de construções possessivas do idioma e sua manifestação na interlíngua dos estudantes, considerando sobretudo as restrições e efeitos pragmático-discursivos do uso de uma ou outra construção disponível.

Para isso, foram articuladas ao longo do texto um conjunto de questões relativas à construção e à fundamentação da pesquisa, no intuito de estabelecer os termos em que o fenômeno em foco foi analisado e o lugar a partir do qual as interpretações foram feitas.

Nesse sentido, apresentei o problema de pesquisa como resultado de inquietações, de minha perspectiva como professor e falante de PB como LM, frente a certos usos do possessivo simples “seu” feitos por alunos FE no contexto de sala de aula, em diferentes momentos.

A partir de uma contextualização geral do fenômeno e da especialidade de ensino de PB para FE, tive por intenção justificar a relevância da investigação e suas potenciais contribuições para a área enquanto campo de pesquisa e de ensino.

O marco teórico assumido para a investigação foi o modelo da Análise de Interlíngua, cujas contribuições instrumentalizaram meu olhar sobre os dados, assumindo como recorte do fenômeno a ser avaliado uma parte específica do complexo processo de aprendizagem de LE: a construção da interlíngua como resultado de processos criativos e também de reinterpretções de um repertório linguístico prévio.

Nessa perspectiva de abordagem, tomei como referência de análise o trabalho de González (1994), e outros que o aprofundaram e expandiram, no que se refere à compreensão dos modos como o particular contato do PB e do Espanhol se reflete na aprendizagem de LE nesse par linguístico.

A postura assumida para a investigação não admite as línguas como sistemas estáticos nem a aprendizagem de LE como um processo homogêneo ou linear. No intuito de viabilizar algumas das análises e discussões travadas, no entanto, foram admitidas certas generalizações, com base em tendências particularmente marcadas, mas sempre relativizadas e nunca postas de forma categórica.

A variabilidade de construções possessivas de 3P nos dois idiomas foi objeto de revisão e discussão em parte significativa do texto. Foram revisados e contrastados um conjunto de diferentes trabalhos, a partir dos quais busquei ressaltar os pontos de encontro e desencontro na variabilidade e nos efeitos pragmático-discursivos de um conjunto dessas construções possíveis nas práticas de uso efetivo das duas línguas.

Nesse sentido, destaco também como contribuição importante desta pesquisa a discussão da variação de possessivos simples e de-possessivos de 3P como parte (encadeada e conseqüente) das inversas assimetrias descritas por González (1994, 2008, 2020) entre o PB e o Espanhol. Essa proposta permitiu analisar o fenômeno em foco em perspectiva a outros aspectos de divergência na gramática das duas línguas e sobre os quais se tem já uma tradição consolidada de estudos, especialmente no contexto de ensino e aprendizagem de ELE.

A pesquisa foi caracterizada como um estudo exploratório, cujo propósito foi o de proporcionar uma primeira aproximação ao fenômeno em foco, por meio de diferentes instrumentos e abordagens, visando como resultado principal o levantamento de aspectos específicos sobre os quais aprofundar-se em investigações futuras.

Neste ponto, retomo as questões norteadoras da pesquisa para tentar respondê-las com base nos dados e discussões apresentados.

a. Quais as diferenças observáveis na percepção de gramaticalidade por brasileiros e estrangeiros FE quanto ao uso de “seu” e “dele” como possessivos de terceira pessoa?

A variabilidade no julgamento da adequação gramatical de “seu” e “dele” por ambos os grupos foi significativamente alta, havendo alguns pontos de maior ou menor

proximidade. A limitação dos dados, contudo, não permite interpretações categóricas do fenômeno.

Da análise empreendida, parece haver um padrão importante na resposta de PBR que é o da maior aceitabilidade do de-possessivo em contexto de uso menos monitorado da língua e, inversamente, do possessivo simples em contexto de uso mais monitorado.

Nas respostas de PHF, o registro do texto e o grau de monitoramento da linguagem parecem não ter influenciado na avaliação de “seu” e “dele”. A aceitabilidade de parte das estruturas, no entanto, pode ter sido influenciada pela distância do referente possuidor e do possessivo, característica importante na variação de “su” e “de él” na língua espanhola, mas pouco produtiva no PB.

b. Quais as diferenças observáveis na interpretação de referência do possessivo “seu” por brasileiros e estrangeiros FE?

A interpretação de referência também foi variável nos dois grupos, reiterando a ambiguidade do possessivo “seu”. A análise comparada das diferentes questões também demonstrou que a interpretação de referencialidade é resultado não apenas da informação gramatical do possessivo, mas também de aspectos qualitativos do contexto.

No geral, nos limites do que os dados produzidos em condições de alto monitoramento pelos participantes pôde representar, observou-se maior tendência à interpretação de “seu” como referente à 2PS na resposta dos PBR do que dos PHF. Já a interpretação como referente à 3PS foi proporcionalmente muito mais estendida entre PHF.

Além disso, a análise da preferência de respostas por participantes sugere ser mais comum a interpretação de “seu” em referência à 2PS entre os PHF com mais de um ano de estudo da língua.

c. Quais as estratégias empregadas por estrangeiros FE estudantes de PB para estabelecer a relação de posse inalienável?

Com a atividade de retextualização aplicada aos PHF, pode-se observar que as estratégias utilizadas mesmo entre aqueles com menos experiência de estudo de PB foram

similares às da produção em PB/LM e significativamente distantes das preferências em Espanhol/LM, conforme o comparativo dos *corpora* analisados por Gancedo Álvarez.

As construções dativas, altamente produtivas em Espanhol para a expressão de posse inalienável, não ocorreram na produção em PB por FE. Em seu lugar, foram utilizados pronomes possessivos e outras construções verbais, em formas e proporções próximas às preferências da gramática do PB.

Esse abandono da estrutura dativa, que pode ser resultado de uma reanálise gramatical ou evitamento por parte dos estudantes, corrobora muitas das críticas apresentadas ao modelo da Análise Contrastiva forte, sendo um aspecto de contraste da gramática da LM e da LE que, entretanto, não resulta em um ponto dificultoso da aprendizagem.

Em contraste ao que se observou na produção escrita, houve uma significativa aceitabilidade entre os PHF de duas sentenças do Instrumento II que incluíam construções dativas possessivas, indicando que há tendências distintas na interlíngua desses participantes no que se refere à gramaticalidade do dativo possessivo em contexto de produção escrita e de compreensão leitora.

d. Quais aspectos podem ser identificados como dificultosos na aprendizagem dos possessivos de 3P do PB por FE e precisam ser melhor investigados?

O que se pôde observar corrobora algumas das percepções empíricas que motivaram esta pesquisa no que se refere ao não desenvolvimento de uma competência sociolinguística pelos FE quanto à variação de “seu” e “dele” no PB, bem como a possibilidade de ruídos na interação decorrente de sua diferente interpretação preferencial por FE e brasileiros em contextos específicos.

Aparentemente, o ponto crítico dessa aprendizagem estaria no que pode ser entendido, em alguns aspectos, como uma transferência do Espanhol ao PB de redução dos contextos de uso de “dele” aos casos em que se pretende marcar contraste referencial, sobretudo quando o referente possuidor está distante do possessivo.

Após a análise dos resultados, algumas questões que seguem em aberto e podem orientar futuras investigações sobre o tema são:

- i) que variáveis estão relacionadas à variação de “seu” e “dele” na produção em PB por FE?
- ii) durante o percurso de aprendizagem do PB, os estudantes FE desenvolvem uma competência sociolinguística relacionada à variação de formas pronominais, especificamente possessivas, consoante o grau de monitoramento do contexto?
- iii) as restrições de aceitabilidade do de-possessivo em contextos específicos e a maior tendência de interpretação de “seu” como referente à 3PS interferem na produção desses alunos na LE?
- iv) em contexto de interação espontânea de FE com brasileiros ou mesmo com textos em PB, as diferentes tendências de interpretação de “seu” produzem ruídos na intercompreensão?
- v) as estruturas pronominais dativas, especialmente não argumentais, são completamente abandonadas pelos estudantes? A partir de qual fase dos estudos e em que contextos?

Espero que os resultados e discussões apresentados até aqui contribuam na compreensão do particular processo de aprendizagem do PB por FE, instigando leitores e professores a novas reflexões sobre as necessidades desse grupo de estudantes, tendo por meta, sempre, o desenvolvimento de melhores condições para uma aprendizagem significativa do idioma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Uma metodologia específica para o ensino de línguas próximas? In.: _____ (Org.) *Português para estrangeiros interface com o espanhol*. Campinas-SP: Pontes, 1995, p.13-22.
- ARAUJO, Silvana Silva de Farias. Possessivos de terceira pessoa em textos escritos. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 29, p.143-151, 2003.
- ARDUIN, Joana. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular TEU/SEU na região sul do Brasil*. 2005. 124p. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- ASSIS, Dalila Mendes dos Santos de; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. Língua e ensino: os possessivos da segunda pessoa do plural no português brasileiro. *Revista Línguas & Ensino*, Rio de Janeiro, v. 1, p.167-185, 2015.
- BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola*. O que é, como se faz. 24ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- _____. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola, 2017.
- BARROS, Ev'ângela Batista Rodrigues de. *Construções de posse com clítico no PB: percurso diacrônico*. 2006. 261p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- BARROS, Luiz M. M. de; BITTENCOURT, Terezinha. Pessoas do discurso e pronomes possessivos. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n.27, p.63-82, 2003.
- _____. A propósito dos pronomes possessivos do Português. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 25 -26, p.119-147, 2004.
- BECHARA, Evanildo. Pronome. In.: _____. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p.162-202.
- BERTOLOTI, Virginia. Pronombres posesivos en el español rioplatense: tres casos de reanálisis. *Traslaciones - Revista latinoamericana de lectura y escritura*, Mendoza, v.1, n.1, p.56-74, 2013.
- BERTRÁN, Antonio Pamies; NATALE, Daniela. Observaciones contrastivas sobre las construcciones posesivas y pseudo-posesivas en español e italiano. *Beoiberística*, Belgrado, v.1, n.1, p.11-25, 2017.
- BRITO, Ana Maria. Os possessivos em português numa perspectiva de sintaxe comparada. *Revista Línguas e Literaturas*, Porto, v.20, n.2, p.495-522, 2003.
- CALINDRO, Ana Regina Vaz. Os desafios para o ensino de português como segunda língua em contexto de mudança - o caso dos pronomes possessivos de terceira pessoa. *Revista Letras*, Curitiba, n. 99, p.127-153, 2019.

- CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 44^a Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CARVALHO, Orlene Lúcia S; BAGNO, Marcos. *Gramática brasileira para hablantes de español*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- CASTRO, Ana. Possessivos e artigo definido expletivo em PE e PB. *Veredas*, Juiz de Fora, v.10, n.1-2, [S.I.], 2006.
- CASTRO, Edite. Aquisição dos possessivos em português por aprendentes timorenses. In.: ARAÚJO, Irta Sequeira Baris de *et al. Leituras atuais sobre língua, ensino e didática em Timor-Leste*. Díli, Timor Leste: Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento, Universidade Nacional Timor Lorosa'e, 2019, p.89-103.
- CELADA, María Teresa; GONZÁLEZ, Neide Therezinha Maia. El español en Brasil: un intento de captar el orden de la experiencia. In.: SEDYCIAS, João (Orgs.). *O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p.71-96.
- _____. (Orgs.). Dossiê Gestos que trazan las distinciones entre la lengua española y el portugués brasileño. *SIGNOS ELE*, Buenos Aires, n. 1-2, 2008.
- CERQUEIRA, Vicente Cruz. *A sintaxe do possessivo no português brasileiro*. 1997. 225p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1997.
- _____. A forma genitiva *dele* e a categoria de concordância (AGR) no português brasileiro. In.: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3^a Ed. São Paulo: Contexto, 2018, p.175-206.
- COMPANY COMPANY, Concepción. Gramaticalización, debilitamiento semántico y reanálisis. El posesivo como artículo en la evolución sintáctica del español. *Revista de Filología Española*, Madrid, v.81, p.49-87, 2001.
- DEMONTTE, Violeta. El 'artículo en lugar del posesivo' y el control de los sintagmas nominales. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, Ciudad de México, v. 36, n.1, p.89-108, 1988.
- DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. La interferencia como causa de errores de brasileños aprendices de español. In.: SEDYCIAS, João (Orgs.). *O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p.130-144.
- _____. *La interlengua*. Madrid: Arco Libros, 2007.
- ESCOBAR, Anna María. El español andino y el español bilingüe: semejanzas y diferencias en el uso del posesivos. *Lexis*, Lima, n.2, p.189-222, 1992.
- FANJUL, Adrián Pablo. GONZÁLEZ, Neide Therezinha. Maia (Orgs.). *Português Brasileiro e Espanhol*. São Paulo: Parábola, 2014.
- FANJUL, Adrián Pablo. Posse, domínio, apresentação, existência. In.: FANJUL, Adrián Pablo. GONZÁLEZ, Neide Therezinha Maia (Orgs.). *Português Brasileiro e Espanhol*. São Paulo: Parábola, 2014, p.159-184.
- FARACO, Carlos Aberto. *Norma culta brasileira*, desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FERREIRA, Itacira A. A interlíngua do falante de espanhol e o papel do professor: aceitação tácita ou ajuda para superá-la? In.: ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de (Org). *Português para estrangeiros interface com o espanhol*. Campinas-SP: Pontes, 1995, p.39-48.

_____. Interface português/espanhol. In.: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de (Org.). *Parâmetros atuais para o ensino de Português Língua Estrangeira*. Campinas-SP: Pontes, 1997, p.141-151.

FREITAG, Raquel Meister; SIQUEIRA, Manoel. Ainda sobre possessivos de terceira pessoa no português. *Cadernos de Squibs*, Brasília, v.4, n.2, 2018, p.32-44.

FREITES BARROS, Francisco. La expresión de la posesión en el español venezolano: Estudio de la alternancia su/suyo y de + pronombre personal en el habla de Mérida. *Lengua y Habla*, Caracas, n.6, [S.I.], 2001.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In.: _____ (Org.). *Introdução à Linguística*. v. II. Princípios de análise. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2019, p.161-186.

FREEMAN, Matthew. *La expresión de la Posesión Nominal en Medellín, Colombia*. 2019. 103p. Dissertação (Mestrado em Línguas e Literaturas estrangeiras). Departamento de Línguas e Literaturas estrangeiras, Universidade Estadual de Louisiana, Baton Rouge, 2019.

GALVES, Charlotte *et al.* Morfossintaxe e uso dos pronomes pessoais na sincronia e na diacronia do português brasileiro. In.: SÁ JUNIOR, Lucrécio Araújo de; MARTINS, Marco Antonio (Orgs.). *Rumos da Linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino*. São Paulo: Blucher, 2016, p.123-154.

GANCEDO ÁLVAREZ, María Alicia. *La oblicuidad*, construções de dativos na interlíngua de estudantes brasileiros de espanhol. 2002. 138p. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. *Consequências sintáticas e semânticas das relações de posse em espanhol e na produção não nativa de brasileiros*. 2008. 156p. Tese (Doutorado em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____; YOKOTA, Rosa; GONZÁLEZ, Neide Maia. Hacia (y desde) la perspectiva lingüística de la lengua española: el recorrido de los aprendices para situarse del otro lado del espejo. In.: Congresso Brasileiro de Hispanistas, 2, 2002, São Paulo. *Anais do II Congresso Brasileiro de Hispanistas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000012002000100036&script=sci_arttext>. Acesso em 22 maio de 2020, às 12h35.

GILI GAYA, Samuel. *Curso superior de sintaxis española*. 11ª Ed. Barcelona: Departamento Editorial, 1973.

GODENZZI, Juan Carlos. Innovación y adopción en variedades lingüísticas: el caso del doble posesivo en el español de los Andes. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, Madrid; Frankfurt, v.8, n.1, p. 57-70, 2010.

GÓMEZ, Marina Ayumi Izaki. *Saberes docentes e desafios no ensino de português língua estrangeira na atuação de professores em formação*. 2018. 281f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2018.

GONZÁLEZ, Neide Therezinha Maia. *Cadê o pronome? O gato comeu*. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos. 1994. 451f. Tese (Doutorado em Linguística e Semiótica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

_____. Português Brasileiro y Español: lenguas inversamente assimétricas. *SIGNOS ELE*, Buenos Aires, n. 1-2, 2008, p.1-7.

_____. La justa medida de una cercanía (Kulikowski & González, 1999). Português Brasileiro y Español, lenguas inversamente asimétricas, retomada y relecturas. In.: WEBINARIOS INTERCULTURALIDAD EN FOCO, 1, 2020, Córdoba-Argentina: UNC, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/F5Xdf_SA1U8>. Acesso em: 31 out. 2020.

GUEDES, Dailane Moreira. *As formas possessivas de terceira pessoa no português brasileiro: uma análise experimental de seu versus dele*. 2017, 117p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GUSMÃO, Célia Regina Rodrigues. 'Seu insensível', 'Nossa, meu anjo...': Usos de possessivos não previstos em manuais de ensino de PL2E. *Revista Escrita*, Gávea, n. 15, p.1-16, 2012.

KATO, Mary A. A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: Réplica a Perini (1985). *D.E.L.T.A.* v. 1, n. 107-120. Campinas-SP, p.1-16, 1985.

_____. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In.: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2018, p.175-206.

KULIKOWSKI, Maria Zulma Moriondo; GONZÁLEZ, Neide T. Maia. Español para brasileños. Sobre por dónde determinar la justa medida de una cercanía. *Anuario brasileño de estudios hispánicos*, Madrid, v.9, p.11-19, 1999.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LARSEN-FREEMAN, Diane & LONG, Michael. H. Second language acquisition research methodology. In.: _____. *An introduction to second language acquisition research*. Londres, Nova York: Longman, 1991, p.10-51.

LOMBELLO, L. C. Articuladores e elementos de relação na aquisição de português por um falante de espanhol. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas-SP, v.2, n.1, 1983, [S.I.].

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; PINHEIRO, Igor Sanches; ASSIS, Dalila Mendes dos Santos de. A relação entre pesquisa e ensino: o quadro de possessivos do português. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n.51, p.239-260, 2015.

MENDES, Fernanda. Aquisição de estruturas possessivas: posse inalienável e quantificadores no português brasileiro. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, vol. 14, n.3, p.55-88, 2018.

MORAIS, Maria Aparecida Torres; RIBEIRO, Ilza. Possessivos de 3ª pessoa: o português arcaico e o português brasileiro contemporâneo. *Filologia Linguística Portuguesa*, São Paulo, v.16, p.15-51, 2014.

MORAIS, Maria Aparecida Torres; SALLES, Heloísa Maria M. Lima. Possessivos de terceira pessoa na história do português brasileiro. In.: GALVES, Charlotte; KATO, Mary A; ROBERTS, Ian. *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2019, p.201-224.

MRE. *Proposta curricular para o ensino de português nas unidades da rede ensino do Itamaraty em países de língua oficial espanhola*. Brasília: FUNAG, 2020.

MÜLLER, Ana Lúcia de Paula. *A gramática das formas possessivas no português do Brasil*. 1997, 194p. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. Possessivos. In.: CASTILHO, Ataliba T. de. *Gramática do português falado*. 2ª Ed. v. 3. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1996, p.149-211.

_____. Os pronomes. In.: ILARI, Rodolfo (Org). *Gramática do português culto falado no Brasil: volume IV: palavras de classe fechada*. São Paulo: Contexto, 2019, p.13-102.

NHATUVE, Diocleciano. Gênero e possessivos em Português Língua Estrangeira. *Forum lingüistic*. v. 15, n.2, Florianópolis, p. 3043-3054, 2018.

OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline de. Um caso de definitude. *Organon*, v.19, p.80-108, 1991.

OROZCO, Rafael. La influencia de factores sociales en la expresión del posesivo. *Lingüística*, Santiago de Chile, v.22, p.35-60, 2009.

_____. Variation in the expression of nominal possession in Costeño Spanish. *Spanish in Context*, Amsterdam, v.7, n.2, p.194-219, 2010.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Aquisição de segunda língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PEREIRA, Vanessa de Azevedo Baeta Alves; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. A variação entre possessivos simples e perifrásticos de 3ª pessoa no espanhol. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v.14, n.2, p. 414-462, 2020.

PERINI, Mário A. O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *D.E.L.T.A.* v. 1, n. 1-2. Campinas-SP, p. 1-16, 1985.

PICALLO, M. Carme; RIGAU, Gemma. El posesivo y las relaciones posesivas. In.: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, v.1 Sintaxis básica de las clases de palabras. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p.973-1023.

QUINO. Mafalda 7. In.: _____. *Toda Mafalda*. 8ª Ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1997, p.369-407.

_____. *Toda Mafalda*. 2ª Ed. Trad. de Andréa Stahel et alli. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RABASA, Yamilka. A emergência da especialidade de ensino de Português para hispanofalantes no Brasil. *HELB*, Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-4-no-4-12010/143-a-emergencia-da-especialidade-de-ensino-de-portugues-para-hispanofalantes-no-brasil>>. Acesso em 31 de março de 2020, às 11h47.

RADELLI, Bruna. Los posesivos en Español. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, Ciudad de México, v.27, n.2, p.235-257, 1978.

RAE-ASALE. Los posesivos. In.: _____. *Nueva gramática de la lengua española*. Manual. Madrid: Espasa, 2010, p.343-354.

ROCHA, Fernanda da Cunha Faria. *A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do Português de Belo Horizonte*. 2009. 107f. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ROCHA, Nildicéia Aparecida. O ensino de Português língua estrangeira no Brasil: ontem e hoje. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*, Blumenau, v. 13, n.1, p.101-114, 2019.

ROSA, Jéssica Rodrigues. *Espanhol e português: os pronomes pessoais sujeito em produções escritas em língua não materna*. 2019. 106p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2019.

SÁNCHEZ AVENDAÑO, Carlos. Los determinantes posesivos en español hablado costarricense. *Filología y Lingüística*, n.34, v.1, p.193-208, 2008.

SANTOS, Renata Valente dos. *Representações da fala em diálogos impressos em livro didático de português do Brasil para estrangeiros: inadequações no uso de pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos e relativos*. 2016. 103f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

SELINKER, Larry. Interlanguage. *IRAL*, Sydney, v.10, n.3, p.209-231, 1972.

SILVA, Mariana Lorena dos Santos. *Variação dos pronomes possessivos de terceira pessoa do singular seu(a)(s)/dele(a) em Natal - RN: aspectos sociais e estilísticos*. 2016, 84f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. *Segunda e terceira pessoa - O pronome possessivo em questão: uma análise variacionista*. 1999. 116p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do Português Brasileiro. Trad. Vicente C. Cerqueira. In.: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2018a, p.29-54.

_____. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar. In.: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2018b, p.55-82.

VALER, Salete. A Escolha do pronome possessivo de terceira pessoa do singular no processo de aquisição da escrita. In.: Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL, 7., 2006, Pelotas. *Anais do Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL*. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas; Universidade Federal de Pelotas, 2006, [S.I.].

WIEDEMANN, Lyris; SCARAMUCCI, Matilde V. R (Orgs.). *Português para falantes de Espanhol*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2008.

YOKOTA, Rosa. Aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras - aspectos teóricos. In.: BRUNO, Fátima Teves Cabral. *Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática*. São Carlos-SP: Claraluz, 2005, p.11-23.

_____. *O que eu falo não se escreve. E o que eu escrevo alguém fala?* A variabilidade no uso do objeto direto anafórico na produção oral e escrita de aprendizes brasileiros de espanhol. 2007. 219f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

_____. A pesquisa sobre assimetrias inversas e seus reflexos no ensino e na aprendizagem de espanhol por brasileiros: as formas tônicas. In.: BRUNO, Fátima A. T. Cabral; PINHEIRO-CORREA, Paulo; YOKOTA, Rosa (Orgs.) *Cadê o pronome que estava aqui?* Homenagem a Neide González. Campinas-SP: Pontes Editores, 2019, p.73-90.

APÊNDICE 01: Termo de consentimento livre e esclarecido (PBR)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS DEPARTAMENTO DE LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Resoluções 466/2012 e 510/2016 do CNS)

Eu, Matheus Granato, estudante do curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, o (a) convido a participar desta pesquisa, orientada pela Profa. Dra. Rosa Yokota e que tem por objetivo observar aspectos significativos da aprendizagem de estruturas pronominais genitivas do Português Brasileiro por estudantes estrangeiros universitários que têm o Espanhol como língua materna.

A relevância deste estudo se deve a mudanças recentes na estrutura pronominal do Português Brasileiro, que tiveram por consequência uma série de deslocamentos na estrutura morfossintática da língua e em suas operações enunciativas e pragmáticas, sendo esse, portanto, um ponto sensível da aprendizagem do Português Brasileiro por estrangeiros, especialmente os falantes de línguas próximas, como o Espanhol, que compartilham formas pronominais similares mas com usos nem sempre coincidentes.

O convite para a sua participação nesta pesquisa é porque você é estudante de graduação ou pós-graduação brasileiro ou estudante estrangeiro que tem o espanhol como língua materna, estando vinculado à Universidade Federal de São Carlos e tendo idade igual ou maior que 18 anos no início da pesquisa.

Sua contribuição à pesquisa consiste na resposta a um questionário semiaberto por meio da ferramenta Google Form. O questionário lhe tomará em média 20 minutos e está dividido em quatro partes. Na primeira delas, você é convidado a produzir textos curtos (de 03 a 05 linhas), a partir de situações específicas; na segunda parte, você deve avaliar algumas frases em português, atribuindo uma nota de 0 a 5 conforme sua opinião sobre a gramaticalidade dessas frases; na terceira parte, você responderá a algumas questões de múltipla escolha a partir de sua interpretação de textos curtos (de 03 a 05 linhas); na quarta e última parte, você deve responder perguntas objetivas sobre seu local de nascimento e residência, idade, gênero, profissão, grau de instrução, línguas materna e experiência de estudo de outras línguas.

Sua participação nesta pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que

poderão trazer benefícios para a área de Linguística Aplicada, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de necessidades específicas do ensino de Português Brasileiro para estrangeiros falantes de Espanhol.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação.

As perguntas não serão invasivas à intimidade dos participantes. Entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar cansaço ou aborrecimento ao responder ao questionário. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas pausas na realização do teste, a liberdade de não responder as perguntas quando as considerarem constrangedoras, podendo interromper a participação a qualquer momento. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de suspensão da participação por qualquer fator descrito acima, o pesquisador irá orientá-lo(a) e encaminhá-lo(a) para profissionais especialistas e serviços disponíveis, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes.

A qualquer momento o (a) senhor (a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em relação ao pesquisador, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos. Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Suas respostas ao questionário serão codificadas usando um número de identificação e, portanto, serão anônimas, como forma de evitar a quebra de sigilo.

Todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da sua participação na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas. Você receberá assistência imediata e integral e terá direito à indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se pelo telefone _____ ou pelo e-mail _____.

Você receberá uma cópia deste termo, em que consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Você poderá ter acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado, bem como aos resultados da pesquisa.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP

13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado de natureza consultiva, deliberativa, educativa, interdisciplinar e independente, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS). O CEP tem por finalidade cumprir e fazer cumprir o disposto nas Resoluções CNS nº 466/12, nº 510/16, nº 370/07, nº 240/97, nº 563/17, nº 580/18 e nas Normas Operacionais nº 006/09 e nº 001/13, além das demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde, no que diz respeito aos aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos, sob a ética do indivíduo e das coletividades, tendo como referenciais básicos: a bioética, a autonomia, a não maleficência, a beneficência, a justiça, dentre outros, de modo a prezar pela seguridade aos direitos dos participantes da pesquisa e os direitos e deveres da comunidade científica e do Estado.¹

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Matheus Granato

Endereço:

Contato telefônico:

E-mail:

Ao clicar no botão abaixo, o(a) Sr(a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador. Você receberá uma cópia assinada deste TCLE por e-mail e, se preferir, poderá imprimir-lo como comprovante.

() Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

¹ Fonte: <http://www.propq.ufscar.br/etica/cep/humanos>

APÊNDICE 02: Termo de consentimento livre e esclarecido (PHF)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS DEPARTAMENTO DE LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Resoluções 466/2012 e 510/2016 do CNS)

Eu, Matheus Granato, estudante do curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, o (a) convido a participar desta pesquisa, orientada pela Profa. Dra. Rosa Yokota e que tem por objetivo observar aspectos significativos da aprendizagem de estruturas pronominais genitivas do Português Brasileiro por estudantes estrangeiros universitários que têm o Espanhol como língua materna.

Se desejar, poderá ter acesso a este TCLE em língua espanhola. Para isso, basta solicitá-lo por e-mail ao pesquisador responsável: mgranato@estudante.ufscar.br.

A relevância deste estudo se deve a mudanças recentes na estrutura pronominal do Português Brasileiro, que tiveram por consequência uma série de deslocamentos na estrutura morfossintática da língua e em suas operações enunciativas e pragmáticas, sendo esse, portanto, um ponto sensível da aprendizagem do Português Brasileiro por estrangeiros, especialmente os falantes de línguas próximas, como o Espanhol, que compartilham formas pronominais similares mas com usos nem sempre coincidentes.

O convite para a sua participação nesta pesquisa é porque você é falante nativo de Português Brasileiro, tendo idade igual ou maior que 18 anos no início da pesquisa.

Sua contribuição à pesquisa consiste na resposta a um questionário semiaberto por meio da ferramenta *Google Form*. O questionário lhe tomará de 20 a 40 minutos e está dividido em três partes. Na primeira delas, você deve avaliar algumas frases em português, atribuindo uma nota de 0 a 5 conforme sua opinião sobre a gramaticalidade dessas frases; na segunda parte, você responderá a algumas questões de múltipla escolha a partir de sua interpretação de textos curtos (de 03 a 05 linhas); na terceira e última parte, você deve responder perguntas objetivas sobre seu local de nascimento e residência, idade, grau de instrução, línguas materna e experiência de estudo de outras línguas.

Sua participação nesta pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área de Linguística Aplicada, para a construção de

novos conhecimentos e para a identificação de necessidades específicas do ensino de Português Brasileiro para estrangeiros falantes de Espanhol.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação.

As perguntas não serão invasivas à intimidade dos participantes. Entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar cansaço ou aborrecimento ao responder ao questionário. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas pausas na realização do teste, a liberdade de não responder as perguntas quando as considerarem constrangedoras, podendo interromper a participação a qualquer momento. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de suspensão da participação por qualquer fator descrito acima, o pesquisador irá orientá-lo(a) e encaminhá-lo(a) para profissionais especialistas e serviços disponíveis, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes.

A qualquer momento o (a) senhor (a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em relação ao pesquisador, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos. Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Suas respostas ao questionário serão codificadas usando um número de identificação e, portanto, serão anônimas, como forma de evitar a quebra de sigilo.

Todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da sua participação na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas. Você receberá assistência imediata e integral e terá direito à indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se pelo telefone _____ ou pelo e-mail _____. Você receberá uma cópia deste termo, em que consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Você poderá ter acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado, bem como aos resultados da pesquisa.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP

13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado de natureza consultiva, deliberativa, educativa, interdisciplinar e independente, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS). O CEP tem por finalidade cumprir e fazer cumprir o disposto nas Resoluções CNS nº 466/12, nº 510/16, nº 370/07, nº 240/97, nº 563/17, nº 580/18 e nas Normas Operacionais nº 006/09 e nº 001/13, além das demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde, no que diz respeito aos aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos, sob a ética do indivíduo e das coletividades, tendo como referenciais básicos: a bioética, a autonomia, a não maleficência, a beneficência, a justiça, dentre outros, de modo a prezar pela seguridade aos direitos dos participantes da pesquisa e os direitos e deveres da comunidade científica e do Estado.¹

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Matheus Granato

Endereço:

Contato telefônico:

E-mail:

Ao clicar no botão abaixo, o(a) Sr(a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador. Você receberá uma cópia assinada deste TCLE por e-mail e, se preferir, poderá imprimir-lo como comprovante.

() Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

¹ Fonte: <http://www.propq.ufscar.br/etica/cep/humanos>

APÊNDICE 03: Sentenças para avaliação de gramaticalidade I

- TA01 No caderno de Política do principal jornal do país, uma notícia diz: "**O deputado José Ricardo de Almeida Neto e os filhos dele são alvo de investigação** da Polícia Federal, que busca identificar um sistema de caixa dois bilionário nas últimas eleições."
[Registro escrito / Possuidor \[+humano\] e \[+específico\]](#)
- TA02 Dois colegas de trabalho conversam no início do expediente. Um deles comenta:
 - Nossa, acordei com uma baita dor de garganta hoje.
 - Vixe... sabe o que cê pode fazer? Um chá de gengibre! **A ardência dele ajuda a melhorar a garganta.**
[Registro escrito com traços de oralidade / Possuidor \[-humano\] e \[+específico\]](#)
- TA03 Júlia está lendo um livro de autoajuda que começa com a seguinte frase: "Japoneses, indianos, árabes, italianos, brasileiros, australianos, argentinos... não importa de onde você seja ou o que você faz, **o que une a espécie humana é a eterna busca pelo sentido da sua existência.**"
[Registro escrito / Possuidor \[+humano\] e \[-específico\]](#)
- TA04 Um pai e um filho conversam antes do jantar sobre a escola:
 - E aí, Enzo, como tá na escola? Tá conseguindo acompanhar isso das aulas a distância? Como que tá sendo?
 - Ah, é estranho, né? A gente tem umas aulas com os professores, né, eles postam várias atividades, aí a gente tem que fazer, eles corrigem... mas tá indo.
 - É, os professores estão sendo os verdadeiros heróis nessa pandemia! **E você pensa que o governo considera aumentar o seu salário?** Que nada, capaz de diminuir ainda.
[Registro escrito com traços de oralidade / Possuidor \[+humano\] e \[-específico\]](#)
- TA05 Jorge está andando pelo centro da cidade quando encontra Luís, um amigo de infância que não vê há muito tempo:
 - Luís? E aí, tudo bom, cara? **Faz tanto tempo que eu não vejo você!** Não tinha mudado de cidade?
[Questão distratora](#)
- TA06 Na primeira capa do jornal, a notícia: "**Entregadores de aplicativos vão às ruas reivindicar os direitos deles.**"
[Registro escrito / Possuidor \[+humano\] e \[-específico\]](#)
- TA07 Jorge lê a seguinte manchete no jornal pela manhã: "**Universidades federais têm redução em seu orçamento pelo quinto ano consecutivo.**"
[Registro escrito / Possuidor \[-humano\] e \[-específico\]](#)
- TA08 Em um artigo científico da área de Ciência e Engenharia de Materiais se lê: "O alumínio é um metal muito comumente utilizado na indústria. **Algumas propriedades dele, como a leveza, a condutividade elétrica e o baixo ponto de fusão, o tornam uma opção vantajosa**, especialmente em aplicações no campo da engenharia aeronáutica."
[Registro escrito / Possuidor \[-humano\] e \[+específico\]](#)
- TA09 Dois colegas conversam a caminho da escola depois de um final de semana prolongado. Um deles pergunta:
 - E aí: Que que cê fez no feriado?
 - Fui com a minha família pra praia. A gente ia curtir o sol lá, mas choveu o feriado inteiro.
 - Putz, que azar. Mas é isso, né, **as viagens sempre têm os imprevistos delas.**
[Registro escrito com traços de oralidade / Possuidor \[-humano\] e \[-específico\]](#)

- TA10 Andréia e Sara são irmãs e trabalham na mesma empresa. Um dia, toda a equipe do trabalho combina de ir jantar em um restaurante novo que abriu na cidade. Júlio, um dos funcionários, vê a Sara chegar sozinha e, alguns minutos depois, pergunta:
 - Ué, cadê a Andréia? Achei que ela vinha também!
 - Pois é. **Ela decidiu que ia levar os filhos dela para conhecer a Disney mês passado** e agora não tem um tostão na carteira. Falou que fica pra próxima.
[Registro escrito com traços de oralidade / Possuidor \[+humano\] e \[+específico\]](#)
- TA11 João, de 07 anos, chega na escola triste. A professora percebe que ele está cabisbaixo e pergunta:
 - Que foi, Joãzinho? Parece que você tá triste hoje... você é sempre tão sorridente... aconteceu alguma coisa?
 - Foi a minha mãe, eu quebrei um vaso lá de casa ontem e ela me deixou de castigo. **Me escondeu o videogame e disse que só vou poder jogar de novo daqui uma semana.**
[Questão distratora](#)
- TA12 Kátia e Jorge são irmãos e conversam num almoço de domingo. Kátia se queixa:
 - Ai, essa semana tive que ir no banco pagar um boleto, aí fui consultar meu saldo na conta e o banco tinha descontado quase cem reais!! Acredita?
 - Que droga, mas cê pediu pra falar com o gerente? Pediu explicações?
 - Lógico! Mandeí falar com o gerente. Perguntei que porcaria era aquela e ele ficou falando que era taxa disso, taxa daquilo, taxa de não sei o quê, e lá se foi quase 100 conto. **Esses bancos e essas suas taxas só ferram com a gente.**
[Registro escrito com traços de oralidade / Possuidor \[-humano\] e \[+específico\]](#)
- TA13 Duas amigas, ambas casadas, conversam um dia enquanto tomam um sorvete na praça:
 - Ai, é tão bom sair de casa um pouco. Casar tem suas vantagens, mas tem hora que enche o saco. Se eu ficasse mais um dia confinada em casa com o Júlio, capaz de eu estrangular ele [risada]
 - Ai, nem me fala. Homem é tudo folgado. Eles querem que a gente faça tudo, dê atenção... eles não lavam uma louça, tudo a gente que tem que fazer, e aí depois **eles vem com essa mania deles de que querem ter espaço** e não sei o quê.
[Registro escrito com traços de oralidade / Possuidor \[+humano\] e \[-específico\]](#)
- TA14 Carla, uma estudante universitária, desabafa em uma postagem no Facebook: "Eu acredito que **as universidades e os funcionários delas** (tanto professores quanto técnicos administrativos) **deviam se esforçar por estabelecer um diálogo mais próximo com a sociedade.**"
[Registro escrito / Possuidor \[-humano\] e \[-específico\]](#)
- TA15 Na capa de uma guia turístico que Jorge está lendo aparece a seguinte chamada: "Itália! **Sua arquitetura e culinária famosas em todo o mundo vão te encantar!**"
[Registro escrito / Possuidor \[-humano\] e \[+específico\]](#)
- TA16 Na seção policial do jornal, se lê: "**Arlindo Souza e o filho foram inocentados de todas as acusações após meses de intensa investigação.**"
[Questão distratora](#)
- TA17 Dois amigos conversam antes do início da aula. Um deles pergunta:
 - Você sabe se a Júlia vem pra aula hoje?
 - Acho que não, **ela me disse que sua vó tá muito doente.**
[Registro escrito com traços de oralidade / Possuidor \[+humano\] e \[+específico\]](#)

- TA18 No jornal municipal, uma notícia sobre a prisão de um suspeito de ter cometido diversos furtos nos últimos meses: "Segundo o relatório, **o suspeito telefonou para o seu advogado antes da chegada da polícia, pedindo orientações.**"
Registro escrito / Possuidor [+humano] e [+específico]
- TA19 Duas amigas conversam sobre a nova namorada de um conhecido. Uma delas pergunta:
- **Você já conheceu ela?** É simpática?
Questão distratora
- TA20 Uma vereadora, em sessão ordinária da Câmara, opina sobre uma proposta de lei que visa à gratuidade do sistema de transporte público da cidade para estudantes: "Eu acho a lei muito interessante, mas **os furos dela precisavam ser melhor discutidos antes de nós aprovarmos qualquer coisa.**"
Registro escrito com traços de oralidade / Possuidor [-humano] e [+específico]

APÊNDICE 04: Sentenças para avaliação de gramaticalidade II

- TA21 No corpo de uma reportagem em um jornal online, se lê: "Em entrevista a um jornal do interior paulista, **o cantor sertanejo fala sobre artistas nacionais e internacionais que influenciaram a trajetória musical dele.**"
Registro escrito / Possuidor [+humano] e [+específico]
- TA22 Bianca, de 07 anos, vai ao dentista pela primeira vez e está com muito medo. Jorge [pai da Bianca] tenta acalmá-la, explicando o que deve acontecer no consultório:
- Não precisa ter medo, filha. É super tranquilo. Quando você vai no dentista, ele só pede para você abrir a boca, **te examina os dentes e vê se está tudo em ordem.**
Questão distratora
- TA23 Um pai e a filha conversam durante o almoço:
[Ana] - Mas eu não gosto de cenoura pai! Por que é que a gente precisa comer legumes? É ruim.
[Jorge] - Porque sim. Porque legume faz bem. **Eu sei que o seu gosto é ruim**, filha, mas é importante comer.
Registro escrito com traços de oralidade / Possuidor [-humano] e [-específico]

APÊNDICE 05: Questões para interpretação de referencialidade

- Q01 Ana e Carina são vizinhas. As duas conversam pela manhã:
 - [Ana]: Você tem visto a Joana? Já faz um tempão que não vejo ela...
 - [Carina]: Eu vi ela no shopping ontem, passeando com o seu sobrinho/marido.

A partir do diálogo acima, qual a interpretação que primeiro te ocorre?

- (A) Joana tem um sobrinho / Joana é casada.
- (B) Ana e Joana são irmãs. / Ana e Joana têm um mesmo marido.
- (C) Joana foi com o sobrinho/marido de Ana ao shopping.
- (D) Joana é irmã de Carina. / Carina é solteira.

- Q02 Ana e Roberto estão conversando sobre Júlia, uma amiga em comum que ambos admiram muito:
 - [Ana]: A Júlia estava reclamando semana passada... disse que a família fica criticando ela demais, dizendo que ela não vai passar na faculdade. Chato, né? Falei pra ela nem dar bola. Todo mundo sabe que ela é super inteligente, que todo mundo gosta dela.
 - [Roberto]: Né? Não conheço ninguém que não gosta da Júlia. Ela tá sempre ajudando todo mundo... mês passado mesmo a Kátia teve aqueles problemas de saúde, né, na garganta, e a Júlia deu um super apoio e tal, e ela tá sempre ajudando com a sua tarefa, né? Muito non sense essa postura da família dela.

A partir do diálogo acima, qual a interpretação que primeiro te ocorre?

- (A) Kátia sempre ajuda Júlia com as tarefas.
- (B) Kátia sempre ajuda Ana com as tarefas.
- (C) Júlia sempre ajuda Ana com as tarefas.
- (D) Júlia sempre ajuda Kátia com as tarefas.

- Q03 Dois amigos, Caio e Luana, conversam antes do início da aula. Caio pergunta:
 - [Caio]: Você viu que a professora já postou as notas no Moodle?!
 - [Luana]: Ainda não vi, mas tô sabendo. A Júlia me disse que a sua nota foi baixa. A professora pegou pesado dessa vez, né?

A partir do diálogo acima, qual a interpretação que primeiro te ocorre?

- (A) Caio tirou uma nota baixa.
- (B) Luana tirou uma nota baixa.
- (C) Júlia tirou uma nota baixa.
- (D) Todos os alunos tiraram nota baixa.

- Q04 Júlio está contando sobre a festa do dia anterior para Cássia:
 “Nossa, a festa ontem foi muito doida. O Cleber levou umas bebidas bem diferentes lá e todo mundo bebeu. O Caio tomou umas quantas, vomitou em tudo e ficou subindo em cima das mesas, aí depois disso ele ficou bravo porque tinham tomado quase tudo as bebidas, pegou o restante e levou embora para casa.”

A partir da fala acima, qual a interpretação que primeiro te ocorre?

- (A) Cleber ficou bêbado.
- (B) Cleber levou o restante das bebidas para casa.
- (C) Caio levou o restante das bebidas para casa.
- (D) Caio ficou bravo com o Cleber.

[Questão Distratora](#)

Q05

Leonardo telefona para Patrícia:

- [Leonardo]: Oi, Paty! Aqui é o Leo. Como cê tá?

- [Patrícia]: Oi, Leo! Tudo bem?

- [Leonardo]: Ah, tô meio em choque, né, a Lu [Lurdes] me ligou mais cedo. Ela contou que a sua professora tava naquele acidente com o caminhão...

- [Patrícia]: É, foi um choque pra todo mundo isso...

- [Leonardo]: Mas você sabe se ela tá bem? Ela ia fazer uma cirurgia na coluna, né?

A partir do diálogo acima, qual a interpretação que primeiro te ocorre?

(A) A professora da Patrícia sofreu um acidente.

(B) A professora da Patrícia e da Lurdes sofreu um acidente.

(C) A professora da Lurdes sofreu um acidente.

(D) A professora do Leonardo sofreu um acidente.

APÊNDICE 06: Questionário sobre o perfil dos participantes (PHF)

Nome completo: _____

E-mail para contato: _____

Idade:

- entre 18 e 25 anos entre 31 e 35 anos entre 41 e 45 anos
 entre 26 e 30 anos entre 36 e 40 anos mais de 45 anos

País de origem:

- Argentina Espanha Paraguai
 Bolívia EUA Peru
 Chile Guatemala República Domini
 Colômbia Guiné Equatorial Uruguai
 Costa Rica Honduras Venezuela
 Cuba México Outro
 El Salvador Nicarágua
 Equador Panamá

Qual(is) a(s) sua(s) língua(s) materna(s)?

Há quanto tempo você estuda português?

- Menos de 6 meses Entre 1 e 2 anos
 Entre 6 meses e 1 ano Mais de 2 anos

Você está ou já esteve no Brasil? Se sim, por quanto tempo e qual o motivo de sua vinda?

Com que frequência você...

	Todos os dias	Com frequência	Às vezes	Raramente	Nunca
Interage com brasileiros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Assiste filmes ou novelas em português?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lê textos acadêmicos em português?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Escreve textos acadêmicos em português?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

APÊNDICE 07: Questionário sobre o perfil dos participantes (PBR)

Nome completo: _____

E-mail para contato: _____

Idade:

- entre 18 e 25 anos entre 31 e 35 anos entre 41 e 45 anos
 entre 26 e 30 anos entre 36 e 40 anos mais de 45 anos

Confirma que o Português Brasileiro é sua única língua materna? Sim

Tem experiência de estudos em outra(s) língua(s)? Se sim, comente brevemente

APÊNDICE 08: Produções textuais – Instrumento I – PHF

- PHFo1 Um dia, o homem estava caminhando quando seus óculos caíram, mas eles não se quebraram como ele pensou. Logo de andar várias ruas o homem conseguiu ver um local e decidiu comprar um estojo para seus óculos. Ele estava muito feliz porque tinha certeza que seus óculos estariam protegidos, mas depois de caminhar duas ruas, o estojo caiu, mas ele pensava que não tinha que se preocupar por isso, pegou o estojo e ao abri-lo seus óculos estavam completamente quebrados.
- PHFo2 Depois de tirar os seus óculos acidentalmente, o homem penso melhor comprar uma caixa para salvá-los de um acidente; mas, ao puxar novamente os óculos, agora dentro da caixa, ele pega novamente y os óculos ficaram quebrados. Não sempre pode esperar-se o que pode pretende-se.
- PHFo3 Ao sair de casa, um home caminhava ao trabalho, inesperadamente seus óculos caírem do rosto ao chão
 - Ao pegar eles, com alegria, percebe que estão perfeitos
 - Perto dele encontrou uma loja e decide comprar uma caixinha para proteger seus óculos
 - Continua seu caminho, com os óculos na caixinha
 -Mas antes de chegar a seu trabalho, a caixa cai. Ele pega de novo e para surpresa os óculos estão totalmente destruídos
- PHFo4 Un homen va caminhando tranquilamente na rua. Ele precisa seus oculos. Ele olhe no bolso do seu paletó. Cuando ele esta procurando no bolso, seus oculos caíram no chão. A queda fez muito barulho.
 O homem fica muito aliviado cuando ele percebe que os oculos não estão tão estragados. Ele va passando por um oculista e acha que seria uma boa ideia comprar un saquinho para seus oculos. Então ele entra no oculista compra o saquinho e guarda os oculos no saquinho. Novamente na rua, ele precisa seus oculos, e os procura no bolso do seu paletó. E uma vez mais, os oculos caem no chão. Só que esta vez eles estão protegidos no saquinho. O homem esta vez se agacha, confiado, esperando encontrar seus óculos certos. Mas ele ficou surpreso quando ele percebeu que esta vez os vidros estavam quebrados.
- PHFo5 O homem andava como qualquer dia da sua vida usando seus óculos e estes caíram no chão como muitas vezes aconteceu. Este dia passou pelo frente de uma loja e pensou em comprar uma caixa para guardar os óculos. Mas o que ele não sabia era que logo a caixa Valeria e os óculos romperiam.
- PHFo6 Um dia, um homem estavam caminhando pela rua para seu trabalho quando de repente seus óculos caíram, ele estava preocupado porque pensou que seus óculos estavam quebrados, mas estavam bem. Ele continua andando e passou por uma loja de óculos onde viu alguns protetores para óculos e ele achou que seria bom comprar um para proteger seus óculos. Ele entrou na loja e comprou um protetor, depois colocou seus óculos no interior do protetor e ele estava feliz. Ele continua andando para seu trabalho e de repente seus óculos caíram, mas ele estava tranquilo porque ele havia colocado seus óculos no interior do protetor, então ele levanta o protetor, abre o protetor e seus óculos estavam quebrados e ele não sabia que aconteceu.
- PHFo8 Eu estava sentada naquele banco pertinho da loja do senhor Arturo, estava descansando e tomando sorvete porque estava calor esse dia, quando escutei o barulho que faz uma coisa quando cai sem prévio aviso. Eram os óculos daquele senhor mal-humorado que tinha visto cada sábado de manhã caminhando pela mesma rua, eu não consegui enxergar bem, mas acredito que não aconteceu nada com eles. No entanto, a mudança rápida da sua cara de medo para surpresa foi bem engraçado. Eu continuei olhando a cena quando vi entrar ele na loja do senhor Arturo e, minutos depois sair com um estojo para guardar seus óculos, achei uma decisão muito vital. Talvez passasse uns dois minutos, quando de novo escutei BUM! Era aquele estojo novinho no chão, e pensei: melhor o estojo

que os óculos, me arrependi dessas palavras quando vi o cara pegar ele e abri-o, nossa! Agora sim, não se salvaram... Uma rápida mudança do conforto para decepção.

- PHF09 um dia meu avo, saiu de casa de casa e seu oculos caíram no chão,e viu que ficaram riscados no caminho viu um oftalmologista ,e queria comprar oculos novos .Mas então ele percebeu que seus óculos quebrariam e ele não tinha mais dinheiro, ele decidiu comprar uma caixa _mas saindo da loja eles caíram _ e quebraram completamente
- PHF10 João estava andando pela rua, quando acidentalmente seus óculos caíram no chão; ele sentiu que tudo estava perdido, levantou os óculos e contra tudo que ele tinha pensado, eles estavam bem. Ao andar mais um pouco, encontrou-se com uma loja de óculos, achou uma boa ideia comprar uma caixa para cuida-los._Na hora que guardou no seu blazer, os lentes já protegidos na caixa, novamente caíram; parecia que ele estava testando a caixa. Mais tranquilo ele pego a caixa do chão querendo comprovar que agora estavam salvos. A surpresa foi: óculos todos quebrados!..
- PHF12 Na semana passada um amigo me contou uma história muito irônica. Uma vez, ele deixou cair os seus óculos na rua e se quebraram. Imediatamente, precisou de comprar uns novos nesse mesmo dia - meu amigo não olha muito bem sem óculos. Meu amigo - o Ricardo, foi até uma loja que estava perto de ali e comprou uns novos óculos; estava muito feliz com o cofre em que vieram, mas saindo da loja deixou cair o cofre _ e os óculos novos também se quebraram.
- PHF13 Um homem se encontrava caminhando pela rua quando seu óculo caio no chão, e com muita sorte eles não quebraram, depois desse acontecimento o homem penso que seria melhor comprar uma caixa para guardar seus óculos pensando que desse jeito se eles voltariam a caer não quebraram,_só que não sucedeu assim, já que quando ele comprar a caixa e ela caio com os óculos dentro _ eles quebraram; situação que deixo a homem muito abatido.
- PHF15 Um día, um homem estava estornuando _ e os óculos dele quebrarou, o homem fico muito surpreso, então o homem foi a pesquisar outros óculos , foi para a loja de óculos, o homem fico feliz com seus novos óculos, mas a caixa de óculos caio, _ e os óculos também quebrou, o homem fico muito triste, de novo tinha que ir para a loja para ter óculos novos
- PHF16 Um día Pedro jogou fora seus óculos
Depois ele viu que ficaram ruins demais
Então achou que si ele compraba alguma caixa para guardar-los poderiam ficar seguros
Ele então comprou a caixinha
Mas a primeira vez que jogou fora a caixinha com seus óculos dentro ele ficou tranquilo
Quamdo ele abriu a caixinha os óculos estaban ruins demais, de novo.
- PHF17 O senhor ía caminho para o trabalho encuanto seus oculos caíram do bolso do seu casaco, ele ficou preocupado de que pudessem se estragar, mas queando ele pegou e deu uma olhada percebeu que ainda estavam perfeitos, dai el econtinuou o caminho, mais tarde observou numa vitrina umas caixinhas que poderiam lhe ajudar pra potejer seus oculos então ele decide comprar, coloca os oculos dentro da caixinha e novamente dentro da bolsa do seu casaco, infelizmente depois caíram de novo, mas ele ficou mais tranquilo achando que os oculos não tiveram danho nehum mas quando ele abriu a caixa potetora os oculos tinham quebrado
- PHF18 João é contador e trabalha em um banco, em uma agência próxima a sua casa. Diariamente ela vá andando a pé desde sua casa até seu trabalho, mas às vezes fica distraído com os eventos que ocorrem próximos a ele e algumas vezes ao tentar observar as árvores de sua rota, pega seus óculos de seu casaco de uma maneira distraída, que deixa cair ao chão seus óculos e hoje segunda feira esse acontecimento não é a exceção, mas geralmente tem muita sorte e seus óculos quedam ilesos de danos. No entanto, hoje ao passar perto de uma loja de óculos, decide pôr fim ao perigo que sofrem seus óculos comprando um estojo para eles. Depois desta compra se sentiu mais tranquilo e guardou os óculos confiado, no entanto ao tentar guardar seu estojo em seu casaco acidentalmente

deixou cair este _ e descobriu que infelizmente seus óculos não correram com a sorte de quedar ilesos e ao abrir o estojo observa que ficaram quebrados.

- PHF19 Um homem tinha o problema de que seus óculos sempre caem no chão quando ele queria guardar eles em seu casaco, mas o estranho é que seus óculos não se estragavam. Um dia ele passou por uma loja de óculos e comprou um case para os óculos, _ um dia que ele queria guardá-los no seu casaco, ele caiu no chão _ e quando abriu o case os óculos estavam estragados.
- PHF20 Os óculos do senhor caíram no chão, mas eles não se estragaram, eles ficaram bem. Então ele decidiu comprar uma caixinha para protegê-los. Ficou muito feliz com a compra só que eles caíram de novo, só que agora com a caixa. _ O triste da história é que desta vez os óculos quebraram, ainda estando dentro da caixinha.
- PHF21 Um dia, um homem estava andando tranquilamente pela rua quando teve que ler um jornal, para isso teve que sacar seus óculos, quando os sacou eles caíram ao chão, mas eles não quebraram, o homem ficou surpreso mas decidiu comprar uma caixa para os óculos em uma loja para estar preparado. _ Outro dia a caixa caiu com os óculos dentro, o homem estava confiante de que os óculos não quebrariam porque estavam dentro da caixa, mas esta vez os óculos quebraram.
- PHF22 Era segunda-feira pela manhã, quando Carlos andava pela rua São José indo para o seu trabalho, ele era um funcionário pontual até que um dia os óculos dele caíram nesse momento ele ficou preocupado, mas quando ele revisou, os óculos dele não estavam quebrados, foi nesse momento que ele pensou em comprar um estojo de óculos, _ depois de um tempo, ele andava como sempre indo para o trabalho e aconteceu algo que antes ia acontecer, no entanto agora ele se encontrava confiante pela proteção que tinha seus óculos, quando abriu o estojo, os óculos dele estavam quebrados, foi nesse momento que ele ficou só olhando de uma maneira pensativa, possivelmente pensando em alguma solução, ou simplesmente aprendeu a ter mais cuidado com as suas coisas.
- PHF23 Um homem estava caminhando pela rua quando num descuido seus óculos caíram no chão, felizmente eles não sofreram nenhum prejuízo. Então decidiu ir para uma loja e comprar uma caixa para armazenar seus óculos nela, _ a coisa foi que ao sair da loja novamente caíram no chão _ só que agora não tiveram a mesma sorte do início.
- PHF24 Um homem tropeça deixando cair seus óculos no chão. Mas tem sorte e seus óculos não se rompem. Se sente um homem afortunado e olhando na rua vê um lugarzinho onde pode comprar um estojo para óculos. Entra no lugar e compra um estojo para seus óculos. Contento sai do lugarzinho com seu estojo. Cruel destino espera-lo, quando guardara em seu jaquetão o estojo e ele caiu de sua mão ao chão. Apressurado pega do chão. Assim que um tanto angustioso abre o estojo e descobre uma ironia cruel: seus óculos se tem quebrado.
- PHF25 Um homem caminha pela rua, quando ele bate com uma pedra e os óculos jogam no chão, os óculos ficaram estancados e mexeram muito. O homem estava perto da loja de óculos e ele decidiu comprar um novo. Ele saiu da loja muito feliz ele gosta dos novos óculos, ele experimenta e acredita que ele fica muito bom. Logo guarda eles mas ele não consegue colocar na bolsa de seu casaco e eles batem no chão. Ele fica tranquilo mas abre a caixa ele olha que os óculos novos estão quebrados.
- PHF26 Um dia um homem na rua deixou cair os óculos, quebraram e ele não viu direito o que ia comprar, entrou em uma loja para comprar um estojo para os óculos _ e quando saíram caíram, _ ele acabou quebrando os óculos muito mais.
- PHF29 Um homem estava caminhando pela rua quando seus óculos caíram no chão, ele observou que eles estavam quebrados. Ele viu uma loja de óculos então pensou em comprar uma caixa para os seus. Ao sair da loja ele salvou os óculos em sua caixa para protegê-los. No caminho, teve o acidente de sempre, seus óculos caíram. Ele confiante de que eles estariam seguros pela caixa, os levou. Quando ele os abriu, ele ficou surpreso, eles haviam quebrado.

APÊNDICE 09: Resultados – Instrumentos II e III - PHF

Participante	ATo1	ATo2	ATo3	ATo4	ATo5	ATo6	ATo7	ATo8	ATo9	AT10	AT11	AT12	AT13	AT14	AT15	AT16	AT17	AT18	AT19	AT20	AT21	AT22	AT23	Qo1	Qo2	Qo3	Qo4	Qo5	
PHF01	2	3	3	2	3	1	3	2	1	1	3	2	2	2	3	2	3	3	3	2	3	2	3	C	D	C	C	A	
PHF02	3	1	3	2	2	2	3	1	3	1	1	1	3	3	2	1	1	3	3	1	1	3	2	A	D	C	C	C	
PHF03	2	3	3	3	3	1	3	3	2	2	3	2	2	2	3	2	1	3	3	2	3	1	2	A	C	C	B	B	
PHF04	2	1	3	3	3	1	3	1	1	1	3	1	1	1	3	1	1	3	3	2	3	1	1	C	C	D	C	B	
PHF05	2	1	3	2	3	1	3	1	1	1	2	1	3	2	1	2	3	3	1	2	-	-	-	A	D	C	D	C	
PHF06	3	3	1	2	3	1	2	3	3	2	3	3	2	2	3	3	3	2	3	3	2	3	3	A	D	C	C	C	
PHF07	3	3	3	1	3	1	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	-	-	-	C	D	C	C	C	
PHF08	3	2	2	3	3	3	2	3	1	1	3	3	1	1	1	2	3	3	3	3	-	-	-	C	C	A	C	A	
PHF09	3	2	3	3	3	3	3	2	3	1	3	2	1	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	A	D	C	C	D	
PHF10	3	3	2	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	3	2	3	3	3	-	-	-	C	C	A	C	A	
PHF11	2	3	3	1	3	1	3	3	2	1	3	3	2	1	2	3	3	1	3	3	2	2	3	A	D	C	B	B	
PHF12	1	1	3	2	1	1	3	1	1	3	3	1	3	1	1	1	3	2	3	1	-	-	-	C	C	A	B	D	
PHF13	3	1	3	2	2	3	3	3	2	2	3	2	3	2	3	3	3	3	3	3	3	-	-	-	C	D	C	C	C
PHF14	2	3	3	3	3	2	3	1	2	3	3	2	3	3	1	3	3	3	3	3	3	3	3	C	A	C	A	C	
PHF15	2	3	3	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	1	3	1	1	3	3	3	1	3	C	C	C	C	C	
PHF16	2	2	1	2	1	3	1	1	3	3	1	1	2	1	1	2	3	2	1	3	3	2	1	C	D	A	C	A	
PHF17	3	3	2	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	-	-	-	C	D	C	C	C
PHF18	3	3	3	2	3	2	3	3	2	2	3	3	3	1	3	1	3	2	2	1	-	-	-	C	D	C	C	C	
PHF19	2	3	1	2	3	3	3	2	2	3	3	2	2	3	3	2	3	2	2	2	-	-	-	C	D	A	B	B	
PHF20	3	2	3	3	2	2	3	3	2	2	3	2	2	3	2	3	2	2	3	2	2	3	1	C	D	C	C	C	
PHF21	2	1	3	1	3	1	3	2	2	3	1	3	2	2	2	1	1	1	3	2	-	-	-	B	C	A	C	D	
PHF22	2	1	3	3	1	1	3	1	1	1	3	2	2	1	3	2	3	1	1	2	-	-	-	B	A	A	C	A	
PHF23	3	2	2	1	3	1	3	3	2	2	3	1	3	2	2	2	3	2	3	3	3	3	1	C	C	C	C	C	
PHF24	2	3	1	2	3	1	3	3	2	1	3	2	2	1	1	3	2	1	3	1	-	-	-	C	D	C	B	C	
PHF25	3	2	3	3	3	2	3	3	3	1	2	3	3	3	3	2	3	3	3	2	-	-	-	C	C	C	C	C	
PHF26	2	3	2	3	3	1	3	3	1	1	2	3	3	2	1	3	1	3	3	3	-	-	-	C	D	C	A	B	
PHF27	3	1	3	1	3	1	3	2	3	1	3	3	2	3	1	3	2	3	2	3	-	-	-	C	D	B	B	C	
PHF28	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	-	-	-	C	C	A	C	A	
PHF29	3	2	3	1	2	1	3	3	1	1	3	1	3	1	3	2	3	1	3	2	3	2	2	C	D	C	C	C	

APÊNDICE 10: Resultados – Instrumentos II e III - PBR

Participante	ATo1	ATo2	ATo3	ATo4	ATo5	ATo6	ATo7	ATo8	ATo9	AT10	AT11	AT12	AT13	AT14	AT15	AT16	AT17	AT18	AT19	AT20	AT21	AT22	AT23	Qo1	Qo2	Qo3	Qo4	Qo5	
PBR01	3	3	3	3	3	2	3	2	3	3	1	3	1	2	2	3	3	3	3	3	3	-	-	-	A	D	A	B	A
PBR02	1	3	2	3	3	3	3	2	2	2	2	2	2	2	1	3	2	3	3	1	1	2	2	A	C	A	B	A	
PBR03	3	3	3	2	2	2	3	2	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	2	3	2	3	2	A	D	C	B	C	
PBR04	2	3	3	1	3	3	2	3	3	3	2	3	2	3	3	3	3	2	2	2	-	-	-	A	D	C	B	A	
PBR05	1	3	3	2	2	1	3	2	2	3	2	2	3	3	3	2	2	1	3	1	-	-	-	C	C	A	B	A	
PBR06	2	3	3	2	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	A	D	C	B	B	
PBR07	2	3	3	2	3	2	3	2	3	3	2	2	3	2	3	3	2	3	1	2	2	2	2	C	C	A	B	A	
PBR08	3	2	3	3	3	3	3	3	2	3	2	2	3	2	3	3	2	3	3	3	3	3	2	A	C	C	B	C	
PBR09	3	3	3	1	3	2	3	3	2	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	-	-	-	A	C	C	B	A
PBR10	1	2	1	2	2	1	1	1	1	2	2	3	2	2	3	1	2	1	3	1	1	2	1	A	D	C	D	C	
PBR11	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	-	-	-	A	D	C	B	B
PBR12	3	3	3	1	2	3	1	3	3	3	1	2	2	3	2	3	2	2	1	3	3	1	3	A	D	C	B	C	
PBR13	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	2	1	3	3	A	C	C	B	A	
PBR14	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	A	C	C	B	C	
PBR15	2	3	3	1	3	2	2	2	3	1	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	-	-	-	A	C	A	B	A
PBR16	3	3	3	3	3	2	2	3	2	3	2	3	3	2	2	3	3	3	3	3	1	-	-	-	A	C	A	B	B
PBR17	3	3	3	2	3	3	3	1	1	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	2	3	3	2	B	D	A	B	A	
PBR18	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	-	-	-	A	D	A	B	A
PBR19	2	2	1	1	2	1	2	2	2	2	2	1	2	2	2	3	1	3	2	2	-	-	-	C	C	A	B	A	
PBR20	2	2	3	2	2	2	3	2	1	3	2	2	3	2	2	1	1	1	2	3	2	2	1	A	C	A	B	A	

ANEXO 01: Parecer de aprovação do Comitê de Ética da UFSCar



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A aprendizagem dos possessivos de 3ª pessoa do Português Brasileiro por falantes de Espanhol: estudo preliminar

Pesquisador: Rosa Yokota

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 30891720.8.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.314.353

Apresentação do Projeto:

O projeto está bem escrito e estruturado. Apresenta rica contextualização do problema e justificativa teórica, assim como metodologia organizada e rigorosa. Consta, como resumo, o seguinte:

“Mudanças produzidas no sistema pronominal do Português Brasileiro (PB), como a substituição dos pronomes sujeitos de segunda pessoa, “tu” e “vós”, por “você(s)” e a introdução de “a gente” com valor de primeira pessoa/plural, tiveram por consequência uma série de deslocamentos na estrutura morfossintática da língua e, conseqüentemente, em suas operações enunciativas e pragmáticas. No caso dos possessivos, essas mudanças levaram a uma intensa ambigüidade referencial da forma “seu” e seus derivados, o que favoreceu a emergência de outras estruturas de expressão de posse, como os de-possessivos (Perini, 1985; Kato, 1985; Marcotulio, Pinheiro, Assis, 2016). A concorrência de diferentes formas de expressão de posse, no entanto, não é estável e demonstra certas especificidades segundo a variante observada. Alguns estudos quantitativos realizados a partir de corpora da região central do país, em que “você” predomina como pronome sujeito da segunda pessoa/singular, apontam uma forte tendência ao uso de “dele/a(s)” e “de vocês” em contextos de produção oral menos monitoradas, em oposição a produções escritas mais monitoradas, em que predomina o possessivo “seu” para referenciar as mesmas pessoas (Neves, 1996; Araújo, 2003; Guedes, 2015). Nosso objetivo, frente a este contexto, é observar aspectos significativos da aprendizagem de estruturas pronominais genitivas

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.314.353

do Português Brasileiro por estudantes estrangeiros universitários que têm o Espanhol como língua materna. Para isso, será aplicado um questionário semiaberto a um grupo de estudantes em contexto de imersão, formado por questões de aceitabilidade, de interpretação e por propostas de produções escritas curtas. Os resultados obtidos serão comparados com as respostas de um grupo controle de falantes nativos de PB e discutidos a partir da perspectiva da análise de interlíngua (DURÃO, 2007). Ao final desta pesquisa, pretende-se responder às seguintes perguntas: i) há diferenças na aceitabilidade de falantes nativos e estrangeiros de PB quanto ao uso de “seu”, “dele” e do possessivo nulo?; ii) há diferenças na interpretação da referência dos possessivos “seu” e “dele” por falantes nativos e estrangeiros de PB?; iii) Quais as estratégias empregadas por estrangeiros estudantes de PB para estabelecer a relação de posse anafórica e referencial em produções escritas curtas?, iv) A aprendizagem dos possessivos do PB por esses alunos configura-se efetivamente como uma dificuldade?”.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos estão redigidos de modo claro, expressando tanto o problema de pesquisa quanto sua operacionalização. De acordo com o projeto submetido, os objetivos são:

- Objetivo primário: “Observar aspectos significativos da aprendizagem de estruturas pronominais genitivas do Português Brasileiro por estudantes estrangeiros universitários que têm o Espanhol como língua materna”.

- Objetivos secundário: “Os objetivos específicos desta investigação são: i) Verificar se há diferenças na aceitabilidade de falantes nativos e estrangeiros de PB quanto ao uso de “seu”, “dele” e do possessivo nulo; ii) Verificar se há diferenças na interpretação da referência dos possessivos “seu” e “dele” por falantes nativos e estrangeiros de PB; iii) Observar quais as estratégias empregadas por estrangeiros estudantes de PB para estabelecer a relação de posse anafórica e referencial em produções escritas curtas; iv) Verificar se a aprendizagem dos possessivos do PB por esses alunos configura-se efetivamente como uma dificuldade”.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

1) Avaliação dos riscos

a) Descrição: “Os riscos da pesquisa são essencialmente de origem psicológica e intelectual/emocional, como a possibilidade de cansaço ou aborrecimento ao responder às perguntas e o risco de quebra de sigilo”.

b) Medidas de cautela: “Os pesquisadores envolvidos tomarão as medidas necessárias para evitar amenizar [sic] esses riscos durante todo o processo”.

c) Providências: “(...) os participantes terão o direito de desvincular-se do projeto a qualquer

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.314.353

momento”.

2) Avaliação dos benefícios:

a) Diretos: Não há.

b) Indiretos: “Os resultados podem servir de base à elaboração de aulas e materiais didáticos de Português Língua Estrangeira, contribuindo de maneira [sic] prática ao ensino da língua e, em consequência, à internacionalização do português e do Brasil. (...) A discussão pretendida pode, ademais, contribuir significativamente com os estudos sobre interlíngua, especialmente no contexto de aprendizagem de línguas próximas”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa relevante no campo da linguagem portuguesa, visto incidir, por um lado, sobre uma forma de expressão sujeita a significativas variações, e por outro, sobre sua aprendizagem por indivíduos cuja língua materna possui semelhanças com o português. Neste último caso, busca-se identificar de que maneira a língua materna (espanhol) pode influenciar na aprendizagem da forma de expressão em tela.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador apresentou: a) carta de autorização da instituição na qual será realizada a coleta de dados; b) termo de consentimento livre e esclarecido. O último foi integralmente readequado de acordo com as pendências apontadas nos pareceres anteriores.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando o exposto, e entendendo que o protocolo de pesquisa está em consonância com as normas que disciplinam a ética em pesquisa com seres humanos, recomendo sua aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1514319.pdf	29/09/2020 11:01:47		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Matheus_Granato.pdf	29/09/2020 11:00:38	Matheus Granato	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_4285581.pdf	20/09/2020 11:13:30	Matheus Granato	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.314.353

Parecer Anterior	PendenciaParecerAnteriorCEP.pdf	14/08/2020 09:06:40	Matheus Granato	Aceito
Declaração de concordância	CartaAutorizacao.pdf	14/08/2020 09:04:20	Matheus Granato	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.pdf	12/08/2020 18:16:41	Matheus Granato	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_assinada.pdf	31/03/2020 12:39:20	Matheus Granato	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 01 de Outubro de 2020

Assinado por:
ADRIANA SANCHES GARCIA DE ARAUJO
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br